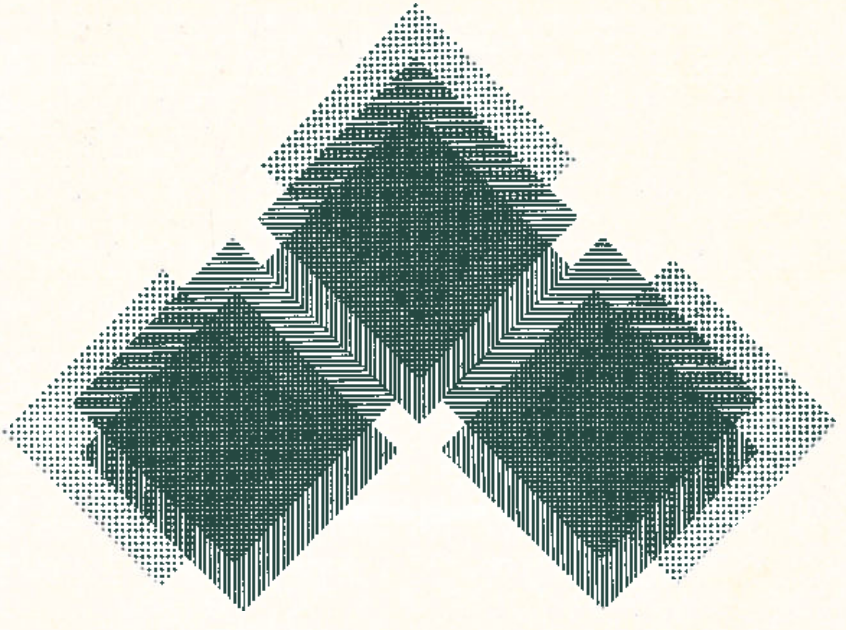
Mais um volume de cartas de Teilhard de Chardin, mais uma oportunidade de melhor conhecermos a sua personalidade tão profundamente humana.

Como diz Henri de Lubac a respeito destas *Cartas do Egipto,* «os dotes de escritor... começam a afirmar-se nelas. Cenas da vida do colégio ou da vida muçulmana, quadros da cidade ou do deserto, narrativas de excursões geológicas, descrições de história natural — qualquer que seja o tema abordado, os traços são sempre firmes, as notações exactas, provenientes duma curiosidade sempre alerta, ajudada por uma extraordinária agudez de vistas».

O jovem «leitor de física e química», «conservador do museu» e «adjunto do prefeito» — são esses os seus títulos no catálogo do colégio da Sagrada Família — esforça-se desde o primeiro dia por se dedicar à tarefa que lhe foi confiada. Gostou dos seus alunos egípcios e estes pagaram-lhe na mesma moeda, vários deles ficaram ligados ao seu professor e souberam mais tarde, em diversas circunstâncias, demonstrar-lhe a sua fidelidade. Através das suas cartas, redigidas sem afectação mas com cuidado, surge-nos Teilhard bem mais interessado pela ciência do que pela literatura; as pequenas realidades quotidianas da vida do colégio ocupam-lhe o espírito mais do que os problemas de política mundial, e tem mais interesse pela observação da natureza do que pela da sociedade. Bem mais tarde, ele irá lembrar o que para si foram «os deslumbramentos do Egipto»: «O Oriente entrevisto e àvidamente 'bebido', não nos seus povos ou histórias (ainda sem interesse para mim), mas na sua luz, vegetação, fauna e desertos».

TEILHARD de CHARDIN



Cartas do Egipto

Livraria Morais Editora

CARTAS DO EGIPTO
1905-1908

Obras de Teilhard de Chardin
publicadas pela Livraria Morais Editora

GÉNESE DE UM PENSAMENTO
CARTAS A LÉONTINE ZANTA
CARTAS DO EGIPTO

em preparação:

CARTAS DE HASTINGS E DE PARIS

Pierre Teilhard de Chardin

Cartas do Egipto (1905-1908)

Introdução do

PADRE HENRI DE LUBAC

Livraria Morais Editora

Título original
LETTRES D'ÉGYPTE, 1905-1908
© Éditions Montaigne, 1963

Tradução de
Camilo Martins de Oliveira

Capa de
Alda Rosa e Duarte Nuno Simões

Direitos de tradução para a língua portuguesa reservados por *Livraria Morais Editora*
Lisboa 1967

INTRODUÇÃO

Nascido a 1 de Maio de 1881, Pierre Teilhard de Chardin entrara em 20 de Março de 1899 para o noviciado dos jesuítas (província de Lyon), em Aix-en-Provence, depois de bons estudos secundários no colégio de Mongré (Villefranche-sur-Saône), continuados por alguns meses de matemáticas em Clermont-Ferrand. Quando acabou o noviciado, mandaram-no para Laval, em Outubro de 1910, para dois anos de «juvenato», isto é, de aperfeiçoamento nos estudos clássicos. De 1902 a 1905 fez três anos de filosofia na ilha de Jersey, onde se refugiara o escolasticado depois das leis de expulsão ditadas pelo ministério Combes. No Verão de 1905 recebia como destino o Cairo.

A Companhia de Jesus é uma ordem missionária. As quatro províncias de jesuítas em França tinham então (e continuam a ter) a seu cargo importantes missões em várias partes do globo. As que estavam confiadas à província de Lyon eram três missões no Próximo Oriente: Arménia, Síria, Egipto. Na missão do Egipto havia dois grandes colégios secundários, o colégio de S. Francisco Xavier em Alexandria (que foi fechado depois da guerra de 1914-1918, na altura em que se abriu o colégio de Argel) e o Colégio da Sagrada Família no Cairo. Pierre Teilhard fora nomeado professor de física e química no colégio do Cairo.

Ficaria por lá três anos. A maioria dos jovens jesuítas fazem desta maneira um estágio de «regência» numa casa da Ordem, entre o tempo da filosofia e o da teologia. As cartas que Pierre regularmente escrevia a seus pais durante esses três anos foram guardadas por sua família — tal como muitas outras, mais antigas ou mais recentes. Formam um todo homogéneo, que nos permite acompanhar, por assim dizer, dia a dia, o jovem religioso na sua dupla actividade de professor e de investigador: porque é já manifesta a sua actividade de investigador, e os arredores do Cairo oferecem-lhe muitos recursos para tal.

Esta correspondência do Egipto compreende sessenta e oito cartas. Foram-nos entregues por Joseph Teilhard de Chardin, irmão mais novo de Pierre, e pelos seus dois sobrinhos, Régis e Bernard Teilhard de Chardin, aos quais temos o prazer de agradecer aqui. Foram dactilografadas por diligência do P.e Auguste Demoment, que cuidadosamente confrontou esta cópia com os originais. Em vez de fazer uma selecção pareceu-nos preferível tentar a sua publicação integral [1]. *«A publicação das cartas, escreveu Newman, é o verdadeiro método, não só para o interesse de uma biografia, mas para penetrar até ao fundo das coisas». Temos de antemão a certeza de que o leitor estará de acordo com Newman; ávido de*

[1] A fim de satisfazer, como devíamos, um desejo de discreção, apenas suprimimos algumas frases respeitantes a terceiros: para o conjunto do livro, tudo isso equivale a mais ou menos duas páginas, e em nada diz respeito ao Padre Teilhard. Com o concurso do R. P.e Demoment, acrescentámos algumas breves notas, que nos pareceram úteis à compreensão do texto.

conhecer melhor aquele cuja obra é hoje objecto de tantos estudos e discussões, não nos censurará por termos abusado da sua paciência. É certo que para nos levar a «penetrar até ao fundo das coisas» não bastam só estas cartas. É um homem ainda muito novo quem escreve: Pierre tem entre vinte e três e vinte e cinco anos; e embora fale a seu pai e a sua mãe com toda a confiança de um filho que lhes quer, o seu tom tem contudo, como é normal, algo de mais retido do que o que teria em manifestações fraternas. Mas não deixa por isso de ter um rigor e uma simplicidade perfeitas.

Os dotes de escritor que notámos em Génese de um Pensamento *e nas* Lettres de voyage *começam já a afirmar-se nestas* Cartas do Egipto. *Cenas da vida de colégio ou da vida muçulmana, quadros da cidade ou do deserto, narrativas de excursões geológicas, descrições de história natural — seja qual for o assunto abordado, os traços são sempre firmes, os apontamentos exactos, vindos de uma curiosidade sempre desperta, servida pela maravilhosa acuidade do olhar. Assim como no Claudel da* Connaissance de l'Est, *graças à minuciosa exactidão da descrição, a poesia ganha uma espécie de precisão científica — o porco, o pinheiro — em Teilhard, e por vezes já neste primeiro período, a descrição científica, por processo semelhante, desabrocha em poesia. Outra comparação se impõe quanto ao conjunto desta colectânea: ela é uma continuação digna e mais perfeitamente autêntica das célebres* Lettres édifiantes et curieuses *dos antigos missionários jesuítas; a renovação espontânea dum género literário cujo êxito nunca foi desmentido no decurso de três séculos.*

O jovem «lente de física e de química», «conserva-

dor do museu» e «adjunto do prefeito» — são estes os seus títulos no catálogo do colégio da Sagrada Família — aplicou-se totalmente, desde o primeiro dia, à tarefa que lhe fora confiada. Amou os seus alunos egípcios e estes amaram-no; vários se fizeram seus amigos e souberam mostrar-lhe mais tarde, em diversas circunstâncias, a sua fidelidade. Através das suas cartas, redigidas sem aparato, mas não sem cuidado, ele aparece-nos infinitamente mais curioso de ciência do que de literatura; as realidadezinhas quotidianas da vida de colégio ocupam mais o seu espírito do que os problemas da política mundial, e ele ganha um interesse mais vivo pela observação da natureza do que pela da sociedade. Muito mais tarde, recordará o que para ele foram «os encantos do Egipto»: «O Oriente entrevisto e àvidamente 'bebido', de modo algum nos seus povos e sua história (ainda sem interesse para mim), mas na sua luz, na sua vegetação, na sua fauna e nos seus desertos».

Entretanto, já a sua fisionomia se desenha. Já nìtidamente aparece esse «amor apaixonado do Universo» que o caracteriza, e que críticos melancólicos lhe censurarão sem compreenderem a sua natureza. No Cairo, todavia, Pierre Teilhard de Chardin ainda não se encontrou completamente. Isto ainda não é a Génese de um pensamento. *Mas além da frescura de juventude que nelas respiramos, estas cartas a seus pais mostram-nos certas qualidades que nele serão permanentes: uma seriedade sem afectação, uma objectividade sorridente, e essa «gentileza» de um ser tão modesto e bom como magnìficamente dotado.*

Henri de Lubac, s. j.

CARTAS

1

Paquete «Congo», 18 de Agosto de 1905

Querido pai e querida mãe

A travessia deixa-nos tempo livre, e já que agora nada mais há de visível além de alguns dos ilhéus escarpados que rodeiam a Sardenha, a altura é favorável para vos começar uma carta que seguirá de Alexandria. — Estamos pois no primeiro dia de uma deliciosa travessia, e não me canso de olhar para o mar azul opaco que o paquete abre como geleia. — Para começar pelo princípio, o meu dia de quarta-feira passou-se em Marselha, no maior sossego. A única coisa que não conhecia lá era a abadia de S. Vítor, e não pude arranjar maneira de lá ir. As horas passaram-se pois a ir visitar padres e a ir esperar os meus companheiros à estação: ganhei com isso conhecer as ruas de Marselha, coisa pouco difícil mas muito útil, porque passamos muitas vezes por lá. — Quinta-feira, lá estávamos todos, e a manhã, tomada pelos últimos preparativos, foi sobretudo alegre. Subimos a N.-D. de la Garde, onde, claro está, não me esqueci de rezar por vós. Viam-se os montes que dominam Aix, sobretudo o «Pilon du Roi» e entretive-me a reconhecê-los. Foi por volta das três horas, depois de

---

[1] Pierre Teilhard de Chardin tinha feito o noviciado em Aix-en-Provence. O «Pilon du Roi» fora para os noviços de Aix um objectivo clássico de excursão: *Cf. Auguste Valensin* (1961), p. 25.

me ter munido do boné indispensável numa travessia, que fui para la Joliette. O *Congo* é um paquete muito grande, maior do que o que poderia deixar crer o postal ilustrado que vos enviei. Perto dele estava o navio de Constantinopla, cheio de uma peregrinação à Terra Santa, e que partiu cinco minutos antes de nós. No *Congo*, pelo contrário, vamos muito poucos passageiros (é de mencionar o arcebispo maronita de Damasco), e a presença do Padre Cattin, superior da Síria e de Beirute, assegura-nos uma consideração especial. Estamos quatro num camarote muito bonito, e a minha primeira noite passou-se o melhor possível no quadro em que me encontro situado. Como somos quatro velhos amigos, garanto-vos que rimos com vontade. Ontem, por exemplo, o mar irrompeu por uma escotilha, mas tudo foi ràpidamente arranjado, graças ao cuidado dos homens de serviço, todos marselheses de puro sangue e, por consequência, o mais afáveis possível. Eis agora o que até aqui foi a viagem em si mesma. Tendo largado por volta das 5 horas da tarde de ontem, acompanhámos durante algum tempo as grandes costas rochosas que se seguem a Marselha, totalmente brancas, por vezes com grandes estratos avermelhados. O jantar fez-nos perder o pôr-do-sol: quando voltámos para cima, apenas se via uma fila de faróis: devíamos ter ultrapassado Toulon. Esta manhã, ao acordar, estávamos no mar alto, mas um mar ainda mais manso do que na véspera, com um sol magnífico, cujos raios não deixavam distinguir a Córsega, que só surgiu depois, com as suas magníficas montanhas. Pelas 10 horas, passámos as embocaduras de Bonifácio. À esquerda, portanto, os cumes da Córsega, em comprida espinha nua, a perderem-se nas nuvens e

a agacharem-se até um grande planalto calcário, que domina de uns cem metros o mar, com as suas falésias verticais e escavadas pelas ondas, como a de Étretat. É por cima disto que Bonifácio se empoleira: dir-se-ia que o primeiro tremor de terra a levaria a mergulhar na água. — À direita, a Sardenha, mais baixa, mas igualmente eriçada de pontas nuas e brancas. O que sobretudo nos espanta é o aspecto absolutamente deserto dessas regiões. E também o seu encanto. Entre as duas grandes ilhas há uma multidão de escolhos, e especialmente as ilhas Lieppi com o cemitério dos marinheiros e dos soldados da *Sémillante*, que aí se afundou quando partia para Sebastopol. No estreito aparecem um certo número de aves marítimas, espécies de procelárias e de mergulhões que não soube identificar. — Um *macroglossa stellatorum* e um grande pírale com desenhos castanhos aparecem sobre o navio. — Continuámos a acompanhar a Sardenha, e agora (3 h.), pelas escotilhas apenas vejo o mar cor de anil. Não há enjoos a bordo, com raras excepções. — Além disto, nada à vista, nem marsuínos (diz-se que só aparecerão depois de Messina) nem barcos. A próxima terra à vista será o Stromboli e as ilhas Lipari, amanhã de manhã.

Sábado, 9 horas. — As Lipari estão à nossa frente, assustadoramente a pique, emergindo desse fundo de mar de 2 a 4 mil metros, sobre o qual desde ontem navegamos. Vê-se muito bem que são antigos vulcões, e aliás não tardaremos muito a passar perto do Stromboli. De ontem para cá, a travessia tem continuado a ser deliciosa: nem sombras de balanço: só uma brisa mais quente nos avisa de que descemos para o sul. Os navios são mais numerosos. Ao voltar à coberta, ontem, depois

de vos ter escrito, vi passar, mesmo ao pé, um lindo veleiro branco e um belo cargueiro negro. Acabámos de ultrapassar um vapor, e está outro mesmo aqui ao pé. — Também vi uma falena cinzenta no barco, mas não consegui apanhá-la: não creio que tenhamos sido nós a trazê-la. — Ontem à tarde tivemos, da proa, um magnífico pôr-do-sol: o mar estava violeta fosforescente.

3 h. 1/4. — Isto começa a dançar mais: acabámos de deixar o encantador estreito de Messina. Antes de lá chegar, atravessámos as Lipari, de que vos falava esta manhã. À esquerda, o Stromboli; grande cone que, de vez em quando, deita baforadas de fumo negro. Parece que à noite se vê correr a lava vermelha. À parte o Stromboli e uma ou duas ilhas como a acima descrita, muitas das Lipari me lembraram os *puys* *, em mais abrupto: seriam sobretudo os *puys* Chopine ou de la Vache, com grandes rasgões brancos: é por excelência a região das belas pedras-pomes. Ao longo do mar há, aqui e ali, aldeias com plantações verde claro. Agora, somos três vapores uns a seguir aos outros: fomos nós que ultrapassámos os outros dois. A Sicília aparece à direita. Depois do almoço, o aspecto é cada vez mais interessante. Instalei-me mesmo na proa. A Itália e a Sicília parecem ir ao encontro uma da outra, aquela bordada por enormes falésias, esta com costas mais chatas, mas a subirem incessantemente até um caos de altíssimas montanhas cobertas de nuvens. Lindas velas triangulares e uma goleta curiosamente aparelhada passam perto de nós, e o paquete faz jorrar alguns peixes voadores,

* Picos montanhosos. Neste passo Teilhard refere-se familiarmente aos picos seus conhecidos do Maciço Central. [*N. T.*].

todos azulados, que deslizam muito tempo por sobre a superfície das ondas, com as barbatanas estendidas como asas de galinholas. — Entramos, por repentina curva, no estreito, que aparece no último momento, entre o banco de areia de Caribdes, munido de um farol, e o rochedo de Cila (Itália) onde agora há uma linda moradia. O estreito não é largo; distinguiríamos homens nas duas margens. De ambos os lados, ao longo do mar, há uma extensa zona verde de laranjeiras e amoreiras, rasgada por cidades de casas amarelas e telhados chatos; e depois, a cada quilómetro, torrentes de leito largo e absolutamente seco que formam compridas fitas amarelas a descer das montanhas. Estas montanhas, muito altas, são absolutamente nuas, e a mínima gota de água deve ser imediatamente arrastada para baixo. — Entre Messina e Reggio, vemos passar o largo vapor de transbordo que transporta os comboios totalmente formados. — O aspecto das duas regiões é sempre o mesmo: grandes planaltos nus na Itália, e, na Sicília, altas cristas de montanhas. Infelizmente, esta está um pouco coberta de nuvens e o sol dá pouca luz: não vemos o Etna. Aliás, uma curva repentina acaba de nos voltar de costas para ele, e agora costeamos uma ponta do sul da Itália. Cristas onduladas descem mansamente, cruzando-se, até à eterna zona verde da beira-mar. Ouço as ondas inundarem os flancos do paquete, o que é natural. A passagem do Adriático é sempre menos pacífica. Deixo-vos para voltar à coberta. Amanhã, só poderei falar-vos dos passageiros porque, com excepção de Creta, apenas veremos água.

Domingo, 3 horas. — De facto, nada à nossa volta. Ontem, costeámos ainda durante algum tempo o sul da

Itália, sempre horrìvelmente rochoso e seco; o mar tornara-se mais bravo, e houve que fechar as escotilhas de um lado, que não o nosso, felizmente, porque os camarotes aquecem depressa. — Esta manhã cruzamos dois pequenos paquetes, cujo nome não posso ler por falta de binóculo. A pouco e pouco, o mar torna-se absolutamente oleoso, e o paquete parece cortar um espelho azul em que o sol produz cintilantes jogos de luz como sobre um tecido furta-cores. A certa altura, vi nìtidamente uma pequena tromba de água no horizonte: tinha o aspecto de um filamento negro, ligeiramente cónico: o médico a quem a mostrei pareceu considerá-la como um fenómeno bastante vulgar. Fundiu-se ràpidamente, no meio de uma tempestade que passou longe de nós. De assinalar a aparição de um passarinho do tamanho de um pardal, que desapareceu nos aparelhamentos do navio. E, no entanto, ainda estamos longe de qualquer terra. A Grécia nem sequer é visível. Agora o mar está um pouco mais bravo: cruzámos de longe um grande paquete branco que deve vir do Extremo Oriente. O que é curioso é a ausência de qualquer animal: desde Messina, nenhum pássaro, e apenas um ou dois atuns que saltaram fora de água. Pensávamos ver o barco que vem de Alexandria, mas ainda não passou nada. — Esta manhã, tivémos missa em público, a bordo. Sexta-feira e sábado tivémo-la num camarote. Para hoje, mandou-se instalar um altar no que ainda se chama a «bateria», e houve 4 missas de seguida, 2 das quais em rito maronita. À última, assistiam bastantes passageiros e o comandante, que é notàvelmente distinto. — A respeito de passageiros, há quatro classes: a primeira é pouco numerosa e, fora das refeições, confunde-se com a segunda, de que fazemos parte.

O elemento estrangeiro domina nìtidamente aí, e sinto uma certa amargura, quando atravesso a coberta, ao ouvir falar pelo menos 3 ou 4 línguas que desconheço. — De notar a presença de dois garotos portugueses, da altura de botas, de rostos uniformemente amarelos e com olhos pouco expressivos, que atraem a universal maldição dos passageiros pelos seus gritos e correrias desenfreadas: imaginaram a interessante brincadeira de se chamarem com toda a força de uma coberta à outra por meio de um porta-voz. É sobretudo a 4.ª classe que é interessante, composta por um formigueiro de árabes encerrados à popa, onde se alimentam e vivem como entendem. À noite, cantam melopeias guturais a que não falta encanto, pelo menos nas primeiras vezes que as ouvimos. Em suma: parecem ser boas pessoas. Um deles, espécie de colosso maronita de bela figura, que ontem vira inteiramente vestido à turca, apareceu hoje, em honra do domingo, de fato cinzento e panamá. — Acabo de visitar as máquinas: não são novas, mas são potentes, e é a primeira vez que vejo umas. — Amanhã avistaremos Creta.

Segunda-feira, 4 horas. — O dia de hoje foi extremamente sossegado. O mar, que ontem saltava muito, fez-se mais manso à noite, pelo menos até agora, e a travessia continua quase sem outro incidente que não seja a passagem, de longe em longe, de algum paquete. Esta manhã, ao subir à coberta, apercebi na bruma a silhueta de uma ponta de Creta, mas por pouco tempo e pouco distintamente. Ficará para outra travessia. Duas alvéolas seguiram-nos durante bastante tempo: gostaria de saber como podem ir até tão longe com o seu voo irregular. O calor aumenta, mas continua muito suportável. Amanhã, pelas oito horas, chegaremos a Alexandria. Não sei

se é qualquer coisa do marinheiro que trago nas veias, mas não me canso de ver apenas mar; mas nem todos são assim a bordo.

Terça-feira, 3 h. 1/2. — Escrevo-vos de Alexandria, onde chegámos esta manhã, às 10 horas. Estou maravilhado com tudo o que há algumas horas para cá venho vendo, e tenho uma nova surpresa de cada vez que, pela janela, apercebo, por sobre casas quadradas, douradas por magnífica luz, as grandes palmeiras carregadas de tâmaras verdes. As últimas horas da travessia foram maravilhosas: duas ou três horas antes da chegada, uma poupa veio pousar na coberta, e voltei a ver outra no porto. A entrada no dito porto é muito bela. À direita, a costa baixa e branca que, no horizonte, se vai perder no deserto, rasgada apenas por alguns maciços de palmeiras; à esquerda, um grande molhe e o grande farol; ao fundo, uma multidão de barcos, paquetes e veleiros estranhamente aparelhados. Somos assaltados, como é costume, por uma frota de pequenos barcos, lanchas a vapor, barquitos com vela triangular, com árabes de todos os tipos. — Terei tempo de vos descrever todos esses homenzinhos, que é extremamente divertido ver na realidade depois de tantas vezes os termos visto em pintura. Dei com um enterro árabe, que nada tem de lúgubre, apesar das carpideiras. — Encontrei aqui o meu excelente amigo de Bélinay[2] que acaba de me mostrar a colecção de história natural que aqui reúne: conchas,

[2] O Padre Frédéric de Bélinay (1875-1958) viria a fundar a missão dos jesuítas no Tchad, que hoje compreende as duas dioceses de Fort-Lamy e de Fort-Archambault; entre os seus escritos, contam-se artigos sobre o Tchad nos *Etudes*, 1938 e 1939.

minerais, escorpiões, serpentes, etc. É extremamente divertido encontrarmo-nos assim numa região exótica. Pude ver vivos um grande lagarto castanho claro pintalgado de vermelho, do lago Mariut, e um sáurio do Nilo, que tem pelo menos cinquenta centímetros. — Creio que irei ter alegrias em matéria de história natural.

— Acabo esta carta para que ela siga depressa. Ainda não sei quando partirei para o Cairo: mas não tardarei a escrever-vos. — Quanto às vossas cartas, pouco importa o dia em que as enviem porque o correio fá-las seguir não só por Marselha, mas pelas vias inglesa e italiana. Sabem a minha direcção: Collège de la Sainte-Famille, Cairo [3] —. Está bastante calor mas não me sinto incomodado. — Adeus querido pai e querida mãe, um beijo para ambos, bem como à Guiguite[4] e aos rapazes; sabeis que vos recordo e que rezo a N.-S. por todos vós. Foi bem bom termo-nos voltado a ver.

Pierre

[3] O colégio da Sagrada Família existe ainda no Cairo, dirigido pelos jesuítas.

[4] Sua irmã Marguerite-Marie (1883-1936), que, sofrendo de mal de Pott, viria a dirigir a União Católica dos Doentes a partir de 1927. Uma colectânea dos artigos que publicou no *Trait d'Union* foi publicada depois da sua morte, com algumas recordações: Marguerite-Marie Teilhard de Chardin, *L'énergie spirituelle de la souffrance*, écrits et souvenirs présentés par Monique Givelet, préface du R. P. Teilhard de Chardin (Paris, Éditions du Seuil, 1951). Ela era, como quase todos da sua família, uma apaixonada pela entomologia.

2

Colégio de
S. Francisco Xavier
dirigido pelos
PP. da Companhia
de Jesus

Alexandria, 26 de Agosto de 1905

Querido pai e querida mãe

Como vêem, estou ainda em Alexandria. Como os padres do Cairo fazem o seu retiro no campo, aqui perto, fico à espera deles para subir o troço do Nilo que me separa da minha residência definitiva. Aliás, é uma grande sorte poder visitar um pouco Alexandria, cidade curiosa, apesar de, segundo dizem, estar cem pés abaixo do nível do Cairo. — Como sabem, e como o desenho junto lhes indica, Alexandria está construída sobre uma língua de terra, entre o mar e a grande laguna do Mariut, que a pouco e pouco vai secando. Achei-a muito mais indígena do que pensava. Até os belos bairros do centro têm ainda qualquer coisa de árabe, com as suas casas com terraços, os cocheiros de *fez* na cabeça, e os árabes que passeiam. Em redor destes bairros europeus, situam-se os bairros árabes, ainda cheios de cor local, Ao longo das ruas estreitas, de casas inclinadas, alinham-se multidões de pequenas lojas, ordenadas por corporações, sem medo da concorrência: vendedores de fruta, de panos, cafés, etc. Tudo se faz ao ar livre, e

basta um pacífico passeio por esse mercado (por outras palavras: pelos *souks)* para assistir à maneira árabe de fazer sapatos ou *nougat*, e a muitas outras coisas. — Quanto a tipos, vemos por aqui muita gente à europeia, — e, mais ainda, egípcios de bigode, casaco e *fez* vermelho (como o Quediva), e, finalmente, uma multidão buliçosa de árabes, de judeus, e alguns pretos. Estes árabes têm realmente um andar de incomparável dignidade. Creio que os passeios que dei me deram uma ideia bastante completa de Alexandria. Para oeste fui até ao Mex. Para aí está relegado tudo o que cheira mal: tanoarias e matadouros sucedem-se tristemente, no meio da areia branca, e compridas pedreiras em que se explora, para servir em todas as construções da cidade, um mau maciço calcário, que é a única rocha da região. Séries de carroças sem taipais, desempenhando quando calha função de autocarros para as mulheres árabes, realizam o transporte por estradas intrasitáveis, e no meio de nuvens de poeira. Este é o país da poeira: imaginem que não cai rigorosamente uma gota de água em oito meses do ano. Um eléctrico desembarca-nos, pois, no Mex, entre um pequeno casino que vegeta e as ruínas de um forte de Mehemet-Ali. — Mais longe, ao longo da costa, algumas casas e, depois, a areia com raras palmeiras: é o grande deserto até à Tunísia. De lá chegam de tempos a tempos beduínos montados nos seus camelos; o caminho passa por debaixo de uma porta abobadada, onde um fiscal aduaneiro trespassa com uma haste de ferro os enormes sacos com que se carregam os ditos camelos. Vi passar várias filas deles, a balouçarem-se com o seu ar ingénuo. Aí tomei o meu primeiro banho no Mediterrâneo, numa água absolutamente morna. Depois do Mex,

fui para os lados de Abukir, até ao palácio da mãe do Quediva. Enquanto o Mex é sobretudo árabe, e sem uma moradia, este lado está coberto de casas de recreio, que se constroem por toda a parte. Constrói-se mesmo tanto, que regiões inteiras, ao longo do mar, parecem campos de trabalho: é um mau período por que se tem de passar; mas esta parte de Alexandria poderá tornar-se um dia maravilhosa, se se plantarem jardins com um pouco de inteligência. O mar é lindíssimo, muitas vezes agitado, infelizmente com praias muitas vezes sujas, nunca descobrindo as marés mais de 10 a 20 metros, nos sítios favoráveis. Na primeira tarde vi o «raio verde». A última ponta de sol parece muito nìtidamente de um verde de água, e sem que possamos, creio eu, explicar o fenómeno por um cansaço da retina, porque nesse momento a luz é muito doce. Depois do oeste e do leste dei uma saltada ao norte, ao porto. Há aí, para os alunos, uma linda baleeira, e passámos algumas boas horas a remar no meio dos paquetes e duma multidão de barcos a remo e à vela. Fomos até ao farol, que é muito bonito, construído não longe do antigo famoso *Pharos*, o primeiro no género. — Mas o passeio mais curioso que dei foi para sul. Se, costeando o mar, é preciso andar muito para sair de Alexandria, depressa se sai pelo lado do Mariut. Segui por um canal que segue mais ou menos o Mariut; e aí pude, realmente, assistir à vida árabe. De longe em longe, tristes barcas transportam uns indígenas ou, até, algumas grandes damas árabes e seu séquito, que regressam a palácios com grades, nada raros nestas paragens. De todos os lados chegavam mulheres a buscar água ao poço, com gestos de Rebeca, e homens faziam as suas orações para o lado de Meca, cuidadosamente determinado. Na margem em frente, espécie de dique, para além do qual se estendia a perder de vista o Mariut e campos de milho ou de cana de açúcar do Delta, víamos passear os animais da região, vacas de um ruço claro, um pouco corcundas como zebus, e sobretudo *gamouses* («búfalas», se se pode dizer) com grossos chifres virados para trás, de pêlo negro e luzidio, que chafurdavam com gosto no lodo. Como a noite cai muito depressa, tive a sorte de atravessar, em pleno crepúsculo, um grande bosque de altas tamareiras, em que experimentei alegrias de exotismo. — Desde terça-feira, portanto, os dias têm passado depressa. Quando não saio, ajudo o meu amigo de Bélinay a organizar o seu museu daqui. Está montado sobretudo em conquiologia, e o que este ano disso estudei em Jersey leva-me a apreciar duplamente as riquezas do Mediterrâneo, que ainda não são nada comparadas com os tesouros do Mar Vermelho. Também vi as colecções de um padre que se dedica aos insectos, e falarei nisso, numa carta à parte, aos rapazes e à Guiguite. Ando a criar uma população de lagartas (de *Lycanea*, creio) que devoram vagens de mimosas. — No Cairo terei muito mais recursos do que aqui para a determinação das espécies e informações de todo o género. Uma das facetas de Alexandria que interessaria ao pai são os cavalos, luxo muito procurado por aqui. Topei com uma estrebaria inteira a passear: havia pelo menos quinze ou vinte lindos cavalinhos, todos em bicha (como tudo aqui). À cabeça e atrás, os chefes titulares da estrebaria, com ar digno e aborrecido; ao meio, uma série de cavaleiros indígenas, coloridos e mais alegres. Era curioso de ver. — A casa de cá tem um lindo jardim: há ainda uma data de árvores cujo nome ignoro. Cito pelo menos a palmeira, a

figueira asiática, cheia de figos pequenos, e o sicómoro, carregado também de pequenos frutos do tamanho de berlindes, que brotam em cachos ao longo dos grossos ramos. Também há árvores da borracha. São árvores muito grandes, habitadas e pilhadas por uma população de rolas com o peito constelado de manchas castanhas. Ao longo do mar, vemos redes para as codornizes e poupas de passagem, e, no porto, uma data de caixas com claraboia para as despachar. Graças aos ingleses, as redes tornam-se cada vez mais raras, e só podem ser estendidas em certos sítios, privilegiados por esta ou aquela razão. — Continuo a minha carta na segunda-feira, 27. Ontem à tarde fui para as margens do lago Mariut. O canal estava coberto de barcos que traziam algodão, que é, por cá, a grande fonte das especulações. As margens do lago são bastante bonitas, rodeadas de canaviais, de campos de milho e de cana de açúcar. Parece que a profundidade nunca ultrapassa 1 metro. Uma multidão de chatas pequenas vai à pesca de uma espécie de peixe miúdo que se assemelha à perca (mas que não o é porque as águas são salobras). Parece que quando nos afastamos um pouco mais de Alexandria, encontramos bandos de flamingos pouco selvagens: talvez os veja do comboio, ao atravessar o Delta. — A temperatura é muito quente e muito húmida. Felizmente, há sempre um bom vento norte, que refresca por pouco que lhe estejamos expostos; à tardinha, é muito agradável. Em resumo: não me parece difícil a aclimatação. Penso chegar ao Cairo pelos meados desta semana. Escrever-vos-ei de lá.

Adeus querido pai e querida mãe, um beijo para ambos, bem como para a Guiguite e para os rapazes; rezo muito por vós. Ainda não recebi carta vossa, mas, como

certamente escreveram para o Cairo, conto com um atraso.

Pierre

3

†

J H S

Colégio

da Sagrada Família

Cairo, 5 de Setembro de 1905

Querido pai e querida mãe

O meu postal de Matarieh ter-lhes-á dito que cheguei finalmente ao meu destino. Eis agora mais pormenores acerca destes últimos dias. Antes de deixar Alexandria, voltei a dar um passeio de barco pelo porto, tanto mais agradável quanto alguns antigos alunos, passando por ali num barco à vela bastante grande, nos rebocaram e levaram depressa e longe. É certo que no Cairo falta o mar: mas há outras vantagens. Parti de Alexandria na tarde de 30, no preciso momento do eclipse; — por pouco que fosse, o sol destas regiões é suficientemente vivo pelo que continuou, mesmo no momento da sua ocultação máxima, a aquecer e a ofuscar suficientemente. Quando muito, as planícies do Delta ganharam durante algum tempo uma semi-obscuridade fantasmagórica. Nada é tão monótono como este Delta. Uma vez ultrapassados os lagos salobros do litoral, vemos, a perder de vista, lisos como a palma da mão, intermináveis campos verdes, rasgados por filei-

ras de árvores. Temos de atentar em que esses campos são de algodão, essas fileiras tufos de palmeiras, e as setas, que vemos ao longe, minaretes e não campanários, para nos julgarmos no Egipto. À parte os camelos e as «búfalas», há uma só coisa muito característica: são as aldeias, amontoados de cubos ou de hemisférios de lama endurecida, que aparecem de vez em quando, mais ou menos (se se pode dizer) como bostas num prado. — Há também, de longe em longe, grandes chaminés que assinalam fábricas de algodão. — Através de tudo isto, os expressos (porque há muitos e que andam muito depressa) passam em grande velocidade, no meio de uma nuvem de poeira que torna a viagem muito cansativa. As carruagens são de corredor, muito arejadas, mas a dita poeira entra com o ar: a minha batina ficou cinzenta. — Uma série ininterrupta de árabes circula, oferecendo jornais, uvas, mangas. — Ao fim de 3 h 1/4, desembarcamos no Cairo. — O colégio está pertinho da estação, e o caminho de ferro que se adivinha na fotografia que vos deixei é a pequena linha de Matarieh, nesse sítio separada das linhas principais apenas por um canal. Ainda não dei muitos passeios. Primeiro, está calor; depois, não estou aqui apenas de passagem, e terei tempo para saborear o Cairo no Inverno; finalmente, tenho que pensar nas minhas aulas, e que pôr em ordem o gabinete de física e o laboratório, que bem precisam. — Acabarei por vos enviar uma espécie de plano do Cairo, numa das minhas cartas; o Cairo está na margem direita do Nilo, entre o Nilo que está quase todo fora, e o Mocatão, grande crista rochosa que domina a cidade, e onde está a cidadela. A partir daqui, o vale do Nilo aperta muito o seu leito com campos de trigo e de algodão, e de ambos os lados se

vêem alvejar as encostas do deserto. — A cidade em si é muito pitoresca. Os bairros europeus, de um luxo incrível, e atravessados por grandes avenidas sombreadas por árvores da borracha e eucaliptos, estão mergulhados numa cidade absolutamente árabe. Ainda não vi os bazares nem a grande faculdade muçulmana; mas basta olhar, do alto do nosso terraço, a abundância dos minaretes, para se saber que conclusão tirar. — Ontem, contudo, visitei, muito superficialmente e em geral, o grande museu Maspero: apesar da arqueologia não ser a minha especialidade, creio que voltarei muitas vezes lá. Esta antiguidade egípcia é verdadeiramente sedutora, e até só do ponto de vista estético há maravilhas. Mas voltarei a falar-vos minuciosamente, e em pormenor, de tudo isso. Do nosso terraço ainda, vi as pirâmides: certamente que não tardarei a ir vê-las mais de perto. — Cá, está calor, talvez mais do que em Alexandria; mas o ar é seco e as noites frescas. Por isso não sofro com o clima. Para mais, estamos no fim do Verão. Imaginem que o Cairo está cheio de milhafres: vêmo-los por todo o lado, de muito perto, volteando junto às janelas, pousando nos ângulos dos terraços ou nos paus de bandeira. Parece que nas árvores do jardim roubam os ninhos das gralhas manteladas, que são, com as andorinhas, quase os únicos pássaros que vi até agora por aqui. O nosso jardim é pequeno, mas o campo de Matarieh muito agradável, com árvores de toda a espécie, nomeadamente enormes bambus. — Já lá fui duas vezes. Sobre as flores havia danaides (julgo eu), essa espécie de vanessa que certamente se conta entre as exóticas da colecção de Sarcenat, de asas uniformemente fulvas, só com os bordos e o ângulo escuros, e com manchas brancas.

Adeus querido pai e querida mãe; sabeis que não vos esqueço e por vós rezo, sem esquecer a Guiguite e os rapazes. Como lerão esta carta, tenho menos pena de não lhes escrever: mas a minha instalação leva mais tempo do que pensava. Penso que tereis recebido todas as minhas cartas. Além do postal, já vos escrevi duas vezes até hoje: uma carta contava a travessia, a outra a minha estadia em Alexandria.

Um beijo

Pierre

4

Cairo, 18 de Setembro de 1905

Querido pai e querida mãe

Penso que agora já sabereis qual o destino do Biel [5], e também eu gostaria de o saber: mas creio que terei de esperar ainda oito dias por isso. Estou na carta do pai do dia 10, chegada ontem. Também recebi as da mãe e da Guiguite. Obrigado.—Todas essas cartas dão-me ainda mais alegria aqui do que em Jersey. — A próxima vez que vos escrever, estarei quase a dar a minha primeira aula; mas daqui até lá, passaremos pelo dia 27, e devo desde já dizer-vos o que já sabeis, que pensarei muito em vós nesse dia. É agora a festa de Sto. Alberico, não é, e

[5] Gabriel, seu irmão mais novo, o sexto dos onze filhos da família. Pierre era o quarto.

pedir-lhe-ei que me ajude este ano. Ele abençoará os vossos filhos mais velhos, e os mais novos também. Voltando às minhas aulas, tenho agora o meu papel bem definido: dou física e química às classes que aqui correspondem à 3ª, às humanidades, à retórica e à filosofia. Digo «que correspondem», porque, na prática, só o nome é comum às coisas que aqui se fazem e às dos outros colégios, mesmo de Alexandria. Isso deve-se à preparação para o exame egípcio, que exige árabe, francês, inglês, história e matemáticas, mas não latim, nem grego. O papel do professor de humanidades, por exemplo, é, em grande parte, ensinar gramática francesa, e duvido de que em retórica se façam muitas outras coisas. O exame divide-se em dois: um que se faz depois das humanidades e se prepara durante a 3ª e as humanidades; outro que tem lugar depois da filosofia, e se prepara durante a ret. e a filosofia. O supradito exame dá, *de direito*, um lugar remunerado pelo Estado, e, por cá, é-se bem pago. É dizer-vos que se é engodado. — Pelo que me diz respeito, tenho um programa muito modesto: a maior dificuldade vai ser combinar e graduar as minhas aulas, corrigir os exercícios, etc. — Prevejo que estes anos vão ser para mim um precioso exercício de iniciativa e de habilidade. Rezai um bocadinho a Notre Dame du Port para que tudo corra bem. Os alunos são muito simpáticos: vêm constantemente ao colégio, e tenho sobretudo que me manter afastado, para não perder o meu prestígio na familiaridade do tempo de férias: ao fim de alguns meses, já não terei de temer esse inconveniente. Mas é preciso que antes me conheçam como professor. Terei, aliás, todo o ano para falar dessas interessantes personagens. Eis, pois, alguns pormenores acerca do Cairo,

por onde passeei mais do que tinha pensado. Podereis ver, no mapa junto, os percursos que fiz.

1.º Ilha de Bulak. — É um lugar de recreio. Um barquito a vapor, que faz serviço mais ou menos um quilómetro abaixo da ponte de Kasr-el-Nil, deixou-me mesmo nos jardins do grande hotel de Gezireh (que significa «ilha»), outrora construído por Méhémet Ali para a imperatriz Eugénia, e hoje vulgar hotel. Os jardins, muito lindos e ornados de grutas e imitações de rochedos (em que os blocos são rochas madrepóricas do Mar Vermelho, e os bancos troncos vindos das florestas silicificadas do deserto) estavam, infelizmente, em plenos trabalhos de sementeira. Restavam pelo menos as árvores, entre as quais notei vários pés de uma solanácea do tamanho da «árvore da Françoise» em Sarcenat, e coberta de grandes flores violetas, muito características do género. A ilha está quase inteiramente ladeada por uma magnífica alameda, sombreada por enormes acácias *libester*, rodeando em caracol o campo de corridas. O braço esquerdo do Nilo, muito estreito, e para além do qual começam imediatamente os campos de algodão, fica, parece, quase seco no Inverno. O rio passa quase todo pela direita. Actualmente (estamos em plena inundação), traz uma água avermelhada, absolutamente opaca, que filas de *dâhbyés*, barcos com velas em asas de andorinha, todos construídos pelo mesmo padrão, descem ou sobem (muito depressa, graças a um providencial vento do norte, muito constante). O espectáculo é feérico. A um canto da ilha, situa-se o aquário dos peixes do Nilo. Grande número de espécies são siluros ou peixes análogos, com compridas barbas. De assinalar duas espécies de lindos peixes vermelho-dourados, o *malopterurus*

electricus (parece-se com o siluro), e vários peixinhos de bocas retorcidas ou proeminentes, em forma de focinho. Voltei para o Cairo pela grande ponte de Kasr-el-Nil, que é sempre magnífica ao sol poente. É a hora em que as carruagens passeiam, e damos com uma inverosímil mistura de carros abertos, cheios de turistas ou de ingleses, — de landós fechados, em que se deixam entrever veladas damas maometanas, — de automóveis, por vezes, e, quase sempre, de camelos que passam pelo meio dessa balbúrdia (muitas vezes em comprida bicha), com soberbo desdém. Tal como vos dizia, o Cairo permaneceu absolutamente árabe, ao lado da civilização que se justapôs aos antigos costumes. Basta dar alguns passos para fora da região dos sumptuosos hotéis, para se cair num dédalo de ruas estreitas, onde já não se vêem muitos europeus, ou mesmo nenhum. De ambos os lados se inclinam as casas de varandas gradeadas, e caminhamos ao longo de uma ininterrupta série de lojas ao ar livre, em que o comerciante dorme à espera do freguês, ou então se dedica a bordar as suas tapeçarias e a cinzelar delicadas jóias. — De vez em quando, ladeamos uma mesquita rendilhada. Na rua já pouco larga, abrem-se autênticos atalhos, onde só se pode andar em bicha: são mais uma vez bazares de todo o género, que estendem as suas galerias de uma rua a outra. Normalmente, é o que mais impressiona os que vêm pela primeira vez ao Cairo. Mas ainda gosto mais do deserto.

2.º Nele penetrei sobretudo ontem. Partimos da cidadela, que, talvez o saibam, está ocupada pelos ingleses. Felizmente que as casernas deles se dissimulam, e não roubam pitoresco nenhum a esta parte da cidade, em que estão as mais belas mesquitas, entre outras uma bizan-

tina donde saem dois minaretes intermináveis, afiados como agulhas. — Fui com o intrépido padre Garraud [6], que nos guiava, e com o meu amigo Bovier-Lapierre [7], naturalista entusiasta, com quem eu tanto correra por Jersey há três anos (no meu 1.º ano de fil.) e que chegou bastante inopinadamente ao Cairo esta semana, pelo menos para um ano, para grande alegria minha. Passámos pelo forte Napoleão, e demos uma grande volta pela montanha. Aquilo é horrìvelmente seco, mas perfeitamente selvagem: não há nada até ao Mar Vermelho. De quando em quando, encontramos profundos barrancos, produzidos pelas chuvas torrenciais do Inverno: no fundo, um leito de torrente ainda semeado de plantas gordas de várias espécies (que a pouco e pouco tratarei de vos descrever) e, a toda a volta, cristas recortadas e colinas onde se salientam as compridas camadas de rochas sedimentares. Isso lembrou-me os desenhos do grande livro sobre a Terra Santa, que há em Sarcenat. Todavia, aqui ainda não temos montanhas muito altas. São colinas, mas de tal modo abruptas e rochosas, que compensa. Por duas vezes, vi um pássaro do tamanho de um tordo, muito branco, com o rabo, as asas e a cabeça negros. Voltarei talvez a encontrá-lo no museu do Cairo. Nos fundos, vemos correr a toda a velocidade,

[6] Padre Victor Garraud (1848-1925). Natural de Auvergne, era professor de inglês no colégio.

[7] Padre Paul Bovier-Lapierre (1873-1950), professor de ciências no Cairo e em Alexandria, professor de botânica e de microbiologia na Universidade de S. José de Beirute; um dos fundadores do museu etnográfico do Cairo. Foi grande amigo do Padre Teilhard.

como aranhas, blapses de enormes patas. Também trouxe uma pequeníssima *lebia* (??) vermelha e negra, e grandes e bastante bonitos cristais de celestina (sulfato de estrôncio), de que reconhecemos dois jazigos. Isto sem falar dos fósseis de todas as espécies. — Voltámos a cair em país civilizado, por altura dos «Túmulos dos Califas», de que contemplámos as cúpulas e as ornamentações do mais puro árabe, a destacarem-se clara e francamente sobre um céu lilás. O pôr-do-sol tem, nesta atmosfera cheia de poeira, tons extraordinàriamente quentes.

3.º Devo também dizer-vos uma palavra sobre um passeio que dei de Matarieh até Marg, alguns quilómetros mais adiante. Quando se sai da quinta do colégio, passa-se pelo lugar da antiga Heliópolis, da qual pouco mais resta além de um magnífico obelisco (em granito rosa de Syènes, Assuão), talvez o mais antigo monumento do Egipto, e, depois, metemo-nos pelo meio das plantações do vale do Nilo: quase sempre algodão, ainda com algumas grandes flores amarelas, mas sobretudo sementes de que se escapa, em belos flocos, o algodão em rama através das fendas do seu invólucro. De tempos a tempos pasamos por debaixo de mimosas, de acácias *libester* de folhagem opulenta, e ao longo de canais lodosos onde pequenos sapos fazem um ruído de castanholas. Nesse sítio, vi um bando de pássaros verdes de peito claro, melharucos ou qualquer coisa por aí. — Mas o mais bonito é Marg em si, rodeado pela sua floresta de tamareiras. Se tivessem visto fotografias de oásis do Saara, bastar-lhes-ia recordá-las para conhecerem Marg. A vegetação cessa insensìvelmente, e encontramo-nos, de repente, em plena areia, com tamareiras por toda a parte, de todas as idades, em maciços ou em longas áleas, com

clareiras, e irrigações sábias que a cada tronco levam o seu fiozinho de água. No meio disso, cabanas de árabes, camelos, indígenas que colhem cachos grandes e pesados, enquanto os seus filhos andam à bulha ou se divertem ao pé da árvore. — No Egipto, há pelo menos 20 espécies de tamareiras, cujos frutos passam por todas as cores, do negro ao amarelo, passando pelo vermelho e pelo rosa. As amarelas são as melhores, e as únicas que provei: de gosto, assemelham-se muito às que em França comemos em caixas. Em Matarieh, colhi goiabas: a árvore e o fruto lembram o marmelo e o marmeleiro, pelo menos exteriormente. O fruto, depois de tirada a casca terebentinosa, é branco, recheado de pequenas sementes, e tem um vago perfume de morango.

Continuar-vos-ei muito sossegadamente esta descrição do Egipto, que muito me agrada, sobretudo pela sua vizinhança com o grande deserto. Também é provável que, dentro em pouco, uma boa parte do meu coração vá para as minhas crianças: mas não tenho ainda a experiência.

Adeus querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo e rezo pelos dois e por toda a família. Saudades aos rapazes, em intenção dos quais semeei pormenores entomológicos. — Além dos insectos indicados, apanhei um grande *elater* castanho (do tamanho do nosso maior vermelho, que veio de Mongré). — Um beijo para a Guiguite.

Pierre

5

Cairo, 1 de Outubro de 1905

Querido pai e querida mãe

O inconveniente dos 8 dias de viagem que as nossas cartas fazem é que ainda nada sei das condições, tristes ou favoráveis, em que se desenrola o começo do ano lectivo dos rapazes. Decididamente, as pautas da *Centrale* demoram muito a aparecer... Felizmente que vos fica pelo menos o Joseph, e quanto ao pobre Gonzague [8], não me esquecerei amanhã do seu êxodo para Jersey. Pergunto-me se, misturada à muita tristeza por deixar a Auvergne, ele não sentirá uma certa alegria por voltar a encontrar o mar e os companheiros. — Por cá, os alunos vão começar a afluir amanhã à tarde, mas sobretudo na terça-feira de manhã, visto que, na maioria, são externos. E na quarta-feira darei a minha primeira aula. É provável que, na minha carta, tenha sobretudo para vos comunicar as minhas primeiras impressões de professor. — Por agora, vou na carta da mãe de 20 de Setembro, em que me assinala o glorioso fim de um pato *nyroca:* ainda me lembro daquele que o pai comprou, mas tarde demais para ser embalsamado, a uma vendedeira de frutas da rue du Port. Parece que no Delta e no lago Mariut há uma data de patos no inverno: não sei se verei alguns

[8] Joseph era o oitavo da família, e Gonzague o décimo.

aqui.— De há quinze dias para cá, dei mais duas belas voltas pelo deserto, que cada vez me agrada mais, tal como ao P.e Bouvier-Lapierre e ao P.e Garraud, nosso inseparável guia. Fàcilmente verão, pelo meu mapa da última vez, qual o percurso que, mais ou menos, fizemos. — Em primeiro lugar, fomos explorar a Montanha Vermelha, partindo de Matarieh. Para lá chegar, atravessa-se uma planície de areia, com eflorescências salinas aqui e ali. A montanha em si, pouco elevada, e feita de uma rocha sedimentar ou grés (composta ùnicamente de grãos de quartzo e de fragmentos de sílex aglomerados), efectivamente vermelho escuro, é bastante caprichosa. São grandes acumulações de fragmentos moídos, que me lembraram, em montões mais elevados, os lugares de antigas pedreiras em Volvic. Aqui e ali, aflora uma rocha mais compacta, e o todo, recortadíssimo, é muito activamente explorado em pedreiras. — De lá, seguimos para o Cairo, atravessando as ramificações do Mocatão, de maneira a voltarmos a passar pela jóia que é o cemitério dos Califas. A região é completamente deserta, rasgada por barrancos e leitos de torrentes. Em certos locais, a rocha é formada ùnicamente por tenazes de crustáceos fósseis, que deviam ser pelo menos do tamanho de um lavagante. Foi aí que encontrei dois *agamè*, um maior do que uma mão, outro do comprimento de um dedo. Estou a criar este. Como vêem, é um animal intermédio entre o lagarto e o camaleão, e que parece uma rã provida de cauda. É cinzento-amarelado, com manchas de um castanho escuro, e de peito claro, bastante chato. Confunde-se com a areia e, quando corre, levanta o rabo. Tornei a ver outro, pequeno, na quinta-feira passada, no deserto da Líbia. Nesse dia, fizemos uma excursão a valer.

Começámos por ir até às pirâmides de Gizé, e por um caminho muito bonito. Tendo tomado um barco um pouco ao sul da ilha de Roda, passámos por um canto do antigo Cairo, que é muito pitoresco, com ruas estreitas bordadas de grandes acácias *libester* (são menos acácias que mimosas: têm grandes flores que parecem bolas). Era ainda manhã cedo, e o Nilo, coberto de barcos, bordado, à nossa frente, por uma cortina de palmeiras um tanto envoltas em bruma, estava maravilhoso. O barquito desembarcou-nos em Gizé, e, daí, um «americano» levou-nos até às Pirâmides. As Pirâmides estão mesmo à beira do deserto, e o próprio deserto acaba bruscamente, por uma falésia arenosa que muitas vezes domina quase a pique o vale do Nilo. A palavra falésia está tanto mais certa quanto estamos em plena inundação, de sorte que dos dois lados da estrada principal, recta como um *i*, que vai de Gizeh às pirâmides, vemos água, infinitamente. A estrada está evidentemente sobre uma calçada, sombreada pelas inevitáveis acácias, que foram plantadas para a imperatriz Eugénia. A água não é muito funda, a deixar aparecer o topo de alguns pés de algodoeiros ainda não arrancados; não deve haver aí mais de um metro de profundidade, mas isso estende-se a perder de vista. Ao fim da estrada e do «americano», ao pé da falésia do deserto, há um hotel inglês, e a legendária legião de burriqueiros, cameleiros, guias de todos os géneros que esperam o turista. Escapámos-lhes fàcilmente, mas são realmente curiosos de ver, a apanhar tudo o que encontram para o dar em troca de *bakchich*, a falar dos quarenta *e um* séculos, e do resto, em mau francês. Há três pirâmides nesse sítio: a de Kéops, que é gigantesca, outra quase tão grande, e outra muito mais pequena. Foram construídas

com um calcário extraído de Turah (perto de Heluão) que para tal se trazia da outra margem do Nilo, por calçadas de que ainda restam vestígios. Desapareceu o revestimento que tinham (excepto numa parte da segunda), de modo que em vez de serem lisas são em degraus sobrepostos. Não tentei a ascensão, que deve ser mais penosa que difícil. Um pouco a sul das Pirâmides está a Esfinge, talhada na própria rocha, e que é periòdicamente desaterrada. Está mesmo no nível abaixo do das Pirâmides, visto que está talhada na camada rochosa que as sustém, e perde com a vizinhança delas, por não parecer grande, apesar do rosto ter bem à volta de uns quatro metros de altura. A areia e o vento deterioraram-na muito, mas, de longe, conserva uma certa expressão. Ao lado está o templo da Esfinge, em belíssimo sienito, e subterrâneo, no sentido pelo menos de tê-lo sido, porque agora foi descoberto e vêmo-lo ao de cima. — De facto isto é colossal, mas, com excepção da fisionomia da Esfinge (e mesmo essa está deteriorada), nada de estético, senão o pensamento de que foram os faraós que fizeram aquilo. Confesso que apreciei infinitamente mais o resto do passeio, que foi a parte principal do dia. Assim que se chega ao planalto e mesmo ao pé das Pirâmides, cai-se bruscamente no deserto, mas verifiquei isso muito melhor ao dar uma boa volta pelo deserto líbico. A impressão é mais forte do que no Mocatão: em vez de planaltos rasgados por barrancos rochosos, vemos, a perder de vista, ondear colinas de areia que vão subindo gradualmente até uma barreira montanhosa que fecha o ocidente. Na parte em que estávamos, essas colinas, varridas pelo vento, têm o cimo coberto por grandes calhaus e fragmentos de sílex, muitas vezes rebentados pelo calor, os

únicos a ficar enquanto a areia desaparecia. Esses sílex são muito característicos, formados por camadas concêntricas, cor de nogueira envernizada. Entre eles encontram-se algumas ágatas e uma abundância de fragmentos de madeira silicificada. Aí, tal como no deserto arábico, há muitos leitos de torrentes, marcados por uma série de raras plantas gordas, cujas flores veremos dentro de alguns meses. Os vales são largos, de declive suave, e em certos locais todos brancos de conchas de ostras fósseis que, com os ouriços, enchem as camadas rochosas desta região. — Mais para norte, as colinas parecem tornar-se sobretudo arenosas, a julgar pela sua alvura. Espero continuar, na próxima ocasião, as minhas excursões por ali. Em matéria de seres vivos, apenas vimos lagartos que não pudemos apanhar; um mochozinho do tamanho de uma coruja pequena; um escorpião que matámos, um insectozinho idêntico a um escorpião com a diferença de não ter cauda, e, finalmente, vários espécimes dum curioso coleóptero, com a forma de um dítico, e do tamanho deste, que corre com vertiginosa rapidez e tem como curiosidade o facto de estar coberto por uma delicada pubescência cor de rosa velho que o identifica absolutamente com a areia. Perto das Pirâmides apanhei além disso um grande «blapse» de élitros eriçados de agulhas, que certamente vi representado por Brehm ou por Acloque. — Parece que nestes desertos não faltam gazelas nem chacais. — E deve haver cerastas. Quanto à *uraens* (áspide), creio que vai rareando para os arredores do Cairo; além disso, gosta de ter um pouco de humidade. — Para variar do deserto, dei ontem um grande passeio entre Matarieh e o Nilo, pelas plantações que agora estão inundadas. Para esses lados a cheia não tem de modo algum

o mesmo aspecto que para os lados de Gizé: são apenas canais que circulam por toda a parte e no pior dos casos transformam algum campo em charco. Anda-se por atalhos entre campos de algodão, de milho e também de cana de açúcar, que já começo a não confundir com milho, quando ambos estão a crescer. A cana tem uma cor verde-azulada característica. De tempos a tempos surgem grandes mimosas; encontramos felás, com o burro e a «búfala», que por vezes baixa as orelhas com ar assustado. Creio que é uma boa altura para passear pelos campos, que têm um ar de fecundidade festiva. Depois das dunas do deserto admiramos essa opulência de verdura. Creio que, no meu mapa, vos pus Matarieh a oeste do canal de Ismaília: é um erro, e fiz confusão com um canal secundário. O canal está bem traçado, mas Matarieh está a dois ou três quilómetros para leste (isso daria, no meu papel, uns dois ou três centímetros para a direita, à mesma altura). — Foi seguindo o aterro que borda o dito canal que ontem travei conhecimento com o «rato do Faraó» ou *ichneumon*. Aquele que vi era do tamanho de um gato grande, mais alongado, com um comprido rabo em ponta, como o do rato, mas mais peludo. Se não fosse este rabo, diríamos que é mais ou menos um texugo. Trotou bastante tempo à nossa frente, parecendo temer a água de uma vala, que saltou, muito elegantemente aliás, mas de má vontade. — Por cá, criam-no por vezes como se fosse um gato. Voltei a ver dois daqueles melharucos de que vos falava na minha última carta. Consolou-me saber que o milhafre de cá não é o milhafre real, porque desempenha os ofícios do mais vulgar abutre. Parece que na vizinhança dos quartéis ingleses ele vai buscar ossos às mãos dos soldados. O

seu pio é monótono, como a chiadeira de um carrinho de mão, e não tem a beleza selvagem do pio dos bútios ou dos busardos que me lembro de ter ouvido, no bosque de Valettes, ou ainda do percnóptero que ouvi mais de uma vez perto de Aix.

Acabo esta carta segunda-feira, ao receber a carta do pai de 25. Tem sem dúvida uma certa vantagem o Biel ficar convosco mais uns tempos. Talvez pudésseis comunicar esta carta ao Yéyé [9], o glorioso caçador. Nesta altura o pobre pequeno não deve ver com agrado Paris aproximar-se. — Foi efectivamente por indicação minha que o meu amigo de Bélinay vos levou o camaleão: pensava que poderíeis conservá-lo alguns dias, o suficiente para gozardes do seu mimetismo. Vinha de Alexandria. Dizem que há poucos aqui. — Lembro-me muito bem do velho padre Loradoux e certamente que rezarei por esse pobre tio Charles cuja existência desconhecia. Adeus querido pai e querida mãe, um beijo para vós bem como para o Toto [10], o Biel e o Joseph. Sabeis as minhas saudades e que rezo por vós.

Pierre

— É claro que nestes últimos tempos só se falava, no Cairo, da explosão do Chatam e dos prováveis estragos do canal do Suez. Parece que em Port-Said, na manhã do grande dia, as pessoas acampavam fora de casa com medo de partilhar a sorte dos pobres calabreses!

Junto 3 selos para o Toto.

---

[9] Seu irmão Olivier.

[10] Seu irmãozinho Victor.

6

Cairo, 19 de Outubro de 1905

Querido pai e querida mãe

Escrevo-lhes com atraso, mas terão atribuído isso, com razão, à confusão do recomeço das aulas. Desde terça-feira que não tenho muito tempo para mim, o que faz com que os dias passem depressa e é de certo modo repousante, mas não deixa tempo livre para escrever. Eis-me pois em contacto com os alunos e a vida do colégio: na véspera da reabertura das aulas estava, na verdade, um pouco emocionado, mas agora, pelo contrário, estou mais ou menos completamente à minha vontade, apesar de compreender muito melhor a dificuldade que há em nos fazermos perceber por crianças. É sobretudo quando estou diante dos meus miúdos da *3ᵉ*, que são 35, que a mim mesmo pergunto como poderá uma verdade entrar naquelas cabecinhas. Temos que nos esforçar por encontrar métodos quase pueris de apresentar coisas que estávamos habituados a considerar de um ponto de vista muito diferente, e das primeiras vezes é pouco cómodo. A vantagem é obrigar-nos a esclarecer questões que julgávamos ter nítidas, mas que apenas o estavam metade. É claro que ainda não conheço todos os meus ouvintes, sobretudo os de humanidade e os de *3ᵉ*; têm mais ou menos todos nomes inverosímeis que não dizem nada ao nosso ouvido. Mas são umas crianças simpáticas, e prevejo que no fim do ano me terei afeiçoado a eles e aos rapazões das classes superiores. Divertir-vos-ia ver-me a perorar diante de todos esses rostos morenos, brancos também, mas muito orientais, e sobre os quais adivinhamos o inevitável *fez* que aparece logo à saída do colégio ou da aula. Já vos disse que estou encarregado dos meninos de coro? Isso põe-me em contacto com alunos que não vão às minhas aulas; e acabarei por conhecer mais ou menos toda a gente de cá, sobretudo tendo em conta o «ónibus». O «ónibus» é um ónibus que faz 2 viagens por dia, para trazer e levar a casa um certo número de externos, e fui nomeado para vigiar o transporte. É uma autêntica distracção, dado sobretudo que cada dia representa três bons quartos de hora de viagem através de todo o Cairo. O regresso dos alunos a casa é simples: deixamo-los à porta. A sua partida para o colégio é muito mais pitoresca. Assim que chegamos em frente da casa de cada um, dou uma apitadela com força, e se ninguém aparece ao fim de um tempo conveniente, vamo-nos embora deixando encravado o desgraçado que tem de arranjar maneira de chegar a tempo ao colégio. Por vezes vêmo-lo aparecer meio vestido a uma varanda, fazendo gestos de desespero. É muito pitoresco, sobretudo dentro do veículo. São certamente umas quinze crianças, alunos de *7ᵉ*, *8ᵉ*, *9ᵉ* na sua maioria, alguns a lembrarem-me o Toto, que conversam e me contam todo o género de histórias. Acrescentem a isso o interesse de passar pelos grandes bairros do Cairo, de manhã e à noite, e verão que pelo que toca ao ónibus não sou de lamentar. — Recebi ontem as vossas cartas do dia 11. Sensibilizou-me saber que a carta do pai fora escrita do quarto grande do Rocquet e interessou-me o que me diz acerca das

lontras da montanha. Agora poderei demonstrar ao Fréd. de Bélinay que, pelo menos sob esse aspecto, os Couzes valem a Dordonha. — Ainda não vos disse nada da alegria que me causou o êxito do Biel: é um grande alívio para ele ver assim o seu futuro mais ou menos completamente esboçado, excepto a especialidade em que fixará a sua escolha. Incito-o a olhar a partir de agora à sua volta, a fim de conhecer os assuntos que mais o poderiam interessar. O Yéyé deve ser estimulado para chegar a Julho próximo, e estou contente por ele se ter classificado entre os «barras». — Dois ou três dias depois do início das aulas tive uma agradável surpresa, devida ao «Chatam». Aproveitando uma paragem forçada do seu navio, a colónia dos jovens padres jerseses [11], a caminho de Xangai, chegou-nos de Port-Said para uma estadia de dois dias, e voltei a ver durante umas boas horas excelentes amigos que durante cinco anos me haviam acompanhado. Iniciei-os em todos os produtos da região. — Há três semanas que não saio senão para os meus semanais passeios a Matarieh aonde irei dentro de algumas horas, depois de uma volta de ónibus, que levará a casa os alunos para a tarde de quinta-feira. Da última vez explorámos o que resta das ruínas de Heliópolis. À parte o obelisco de que vos falei, nada mais resta além de taludes de terra a marcar (?) a situação da cidade. Apenas aqui ou ali se encontra um fragmento de granito, ou algum bloco com hieróglifos ou um faraó. É certo que se a cidade era de lama, tal como as construções dos felás de agora, não pode ter ficado muita coisa. Escavações feitas no ano

[11] Vindos de Jersey, onde tinham estudado filosofia com Pierre Teilhard.

passado não levaram a qualquer descoberta. Ao longo desses taludes poeirentos que marcam a situação de Heliópolis, há um canal e, do outro lado, um caminho maravilhoso. Excepcionalmente está cheio de erva, ladeando um bosque de tamareiras, e depois um grande campo de bananeiras, e ele próprio sombreado por grandes mimosas. Essas mimosas segregam uma grande quantidade de goma castanha transparente que talvez seja a original goma arábica. Nos seus troncos encontrei várias lagartas *laciocampa*, com o comprimento máximo de 2 ou 3 centímetros. Uma já fez um pequeno casulo. — Isto poderá interessar à Guiguite, a quem muito agradeço a sua carta do dia 12.

Adeus, querido pai e querida mãe, tenho de pensar na minha aula de amanhã. Mando-vos um beijo e rezo por todos.

Pierre

7

Cairo, 1 de Novembro de 1905

Querido pai e querida mãe

Hoje e amanhã são dias em que naturalmente penso mais em vós e naqueles que partiram, e calha bem ter agora tempo para vos escrever. O Egipto pode não ser o fim do mundo, creio que cá sentimos mais ainda a afeição da família, e isso me ajuda a rezar mais a N.-S. por todos vós. Acabo de receber neste momento a carta que

a mãe me escreveu de la Tour, e as boas notícias que ela me traz dos mais velhos e da Françoise alegraram-me muito: o pai previa sàbiamente que não a mandariam para muito longe de la Tour, e visto que agora anda a pedir para os pobres, está no cúmulo dos seus desejos. Recordo-a ainda a falar-me de todo esse futuro em Agosto. — Quanto ao Biel, é um prazer sabê-lo feliz, e é o melhor dos augúrios vê-lo contente onde está. Portanto, só esse excelente Joseph se pode considerar infeliz: espero que não pense muito que o é e não se desmoralize: é evidente que há azar no seu caso, e um ano que se aproveita nunca é um ano perdido. Têm toda a razão em tê-lo convosco até ao ano novo. — E durante este tempo continuo a dar as minhas aulas e a ganhar devagarinho os hábitos do velho professor que talvez venha a ser um dia. A minha impressão dominante continua a ser esta: que enquanto não ensinamos, guardamos uma provisão enorme de verdades semi-compreendidas. Esclarecê-las dá um certo trabalho, mas é um ofício salutar, e é para mim profunda satisfação verificar que aprendo ensinando. As aulas, aliás, não me cansam muito e creio que efectivamente o colégio me descansa. Começo a conhecer os meus retóricos e filósofos, que são bons rapazes, verdadeiramente simpáticos. Sinto-me feliz em ajudá-los e gostaria de lhes fazer bem. Espero ter uma fotografia deles no fim do ano, e certamente que vo-la enviarei. — O maior acontecimento da semana passada foi a chegada ao Cairo do Quediva, de regresso da Europa. Como a estação está muito perto do colégio vimos chegar o comboio dele, todo composto de grandes carruagens amarelas, e assistimos à sua saída da estação ao som de tiros de canhão. O mais bonito de tudo é a guarda dele, montada em maravilhosos cavalos árabes

pardos, que vemos por toda a parte aqui. Com o Quediva começam a chegar os turistas de que regorgitam durante toda esta época os sumptuosos hotéis vizinhos do jardim de Erbekich. E depois, começou o Ramadan. Sabem que durante esse tempo os muçulmanos não comem, não bebem, nem fumam enquanto o sol está acima do horizonte. Este tempo de penitência parece todavia causar-lhes profundo júbilo, e à noite, do alto do meu ónibus, posso considerar, nas ruas regorgitantes de árabes, crianças a brandirem cada uma uma lanterna de lata colorida de que as montras das lojas estão abundantemente providas. — O ónibus não esgotou pois os seus encantos para mim: ora cruzamos uma caravana de camelos carregados de grossas canas de açúcar (entre parênteses digo que ainda não provei, mas fá-lo-ei certamente, quanto mais não seja em memória do Robinson suíço), ora, ladeando os postos da polícia *(caracols)*, chegamos na altura da chamada dos *gâfirs* ou guardas nocturnos, e pensamos que não gostaríamos de encontrar esses sinistros figurões, todos uniformemente cobertos por um manto e por um barrete de burel cinzento, e armados de cacete. — Esta semana caiu ligeiro e rápido aguaceiro num canto do Cairo: são as primeiras gotas que caem desde a minha chegada. Pelo menos o tempo refrescou e estamos no bom tempo ameno que vai durar até ao calor. Só os mosquitos não desarmam, e são não sei quantas espécies contra as quais de dia e de noite travamos uma luta de morte. O colégio possui agora dois jovens exemplares de cães de Er-man (não sei como se escreve). É uma raça do alto Egipto que, segundo parece, é uma das mais más e estúpidas que se conhecem. Utilização: cães de guarda. Por enquanto, estão cheios de candura e de afeição, aparecem

em toda a parte e, quase por toda a parte, deixam vestígios da sua passagem. São muito interessantes e é altura de lhes conquistar as boas graças.

Adeus, querido pai e querida mãe; digam ao Gonzague que a carta dele me deu grande alegria: enviar-lhe-ei pelo menos um postal, quando encontrar um bonito. Dêem um beijo ao Toto. Bem sabem as muitas saudades que tenho.

Pierre

8

Cairo, 16 de Novembro de 1905

Querido pai e querida mãe

Escrevo-vos a vigiar um exercício, o que não é uma altura muito boa para reunir ideias. Primeiro, recebi todas as vossas cartas, que vos agradeço; espero agora todos os dias aquela que me anunciará o feliz advento do jovem de Mareschal, talvez também a morte de uma galinhola ...Infortunado Joseph! Mas já tem muita sorte por poder falhá-las, e não me espantam as aspirações do Yéyé a respeito da sua *hammerless*. — Por cá a minha vida continua sempre na mesma, na preocupação, bastante serena, das experiências e da lição da próxima aula. Verifico todavia que ganho bastante depressa o hábito do meu papel, e as dificuldades que entrevia vão-se aplanando. De manhã e à tarde ando no meu ónibus, cujas últimas surpresas foram passar por uns árabes que con-

duziam umas espécies de cinocéfalos e por uns *gâfirs* que arrastavam tumultuosamente uma horda de malandrins, fruto da rusga da noite. Não falo dos camelos carregados de canas de açúcar que inundam o largo da estação. A grande atracção para os meus miúdos é passar, à tarde, em frente de uma sucursal das Galerias Lafayette cujo nome se acende sucessivamente em amarelo, vermelho, azul,... donde um nunca mais acabar de apostas sobre a cor que vai sair: assim faria o Toto. — Por duas vezes, nestes últimos tempos, me pude escapar com o meu amigo Bovier-Lapierre, e aproveitámos para explorar mais um pouco Marg e a sua floresta de palmeiras de que já vos disse alguma coisa. Agora já se apanharam todos os cachos grandes, mas em compensação a vegetação rasteira seca com a inundação que se retira, e podemos andar quase livremente por sobre um tapete de uma espécie de trevo verde tenro que os felás semeiam por toda a parte. Evidentemente que não temos a impressão de uma floresta quando andamos pelo meio desses troncos de tamareiras; mas é mesmo assim muito bonito, sobretudo quando as plantações estão ainda novas e formam um pouco mata. Para maior alegria do meu companheiro, e também um pouco para minha, as plantas começam a despontar: ao longo dos canais aparecem muitas e muito curiosas plantas, uma entre outras que se parece absolutamente, um pouco de longe, a uma oxálida quanto às folhas, mas que na realidade é uma criptogâmica *(marsilia (op?)* creio eu) cujos novos rebentos em cotovelo crescem ao longo de rizomas prolongados. Acabámos por desembocar numa imensa clareira, por três lados rodeada de tamareiras, e abrindo-se para as dunas brancas do deserto. A clareira mesmo está em grande

parte ocupada por um arrozal, o que me fez ver pela primeira vez arroz maduro. Nos sítios em que não está inundado, o solo está coberto por uma ligeira crosta de sal deixado pelas águas salobras, o que dá a curiosíssima impressão de caminharmos sobre terra coberta de geada numa paisagem africana. Vi 2 ou 3 galinholas bastante pequenas cujo canto me lembrou os cascalhos do Allier. A respeito disto, desde há um mês que estamos a ser invadidos pelas lavadeiras. Penso que são aquelas que me lembro de ter visto passar em bandos, outrora, quando à tardinha dos últimos dias de férias voltávamos da caça. — Como animal interessante apenas encontrámos uma espécie de lagartixa, que parece estar entre o fura-mato e os lagartos comuns: toda luzidia, de patas muito pequenas, de rabo tão grosso como o corpo, e sobretudo com um andar mexido; rastejava tanto quanto andava. Hei-de saber como se chama. Esta tarde volto a partir para excursionar por essas regiões. Mas é sobretudo ao deserto que me apetece voltar. Hei-de fazê-lo nas férias do Ano Novo. Entrei em contacto com um geólogo francês daqui, Fourtan, que me determina os fósseis de cá. É um homem muito sábio, mas gascão perfeito, o que torna a sua conversa muito divertida: coisa notável, cita latim a propósito de tudo. — O Ramadan continua: o mais estranho é a explosão de entusiasmo que acolhe o tiro de canhão da noite, sinal do fim do jejum. Toda a gente corre para as ignóbeis pequenas cozinhas ao ar livre que perfumam as esquinas das ruas: alguém me contou que uma vez o seu cocheiro o deixara por uns momentos para ir restabelecer-se. — Tivemos dias de nevoeiro muito húmidos, mas chuva ainda não e o tempo está sobretudo quente.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para os dois, bem como para a Guiguite, o Toto e o Joseph. Escrevi à Françoise pelos seus votos [12], talvez um pouco atrasado. Espero que a minha carta tenha sido enviada para Tourcoing. Rezo muito por todos vós.

Pierre

9

Cairo, 1 de Dezembro de 1905

Querido pai e querida mãe

Tal como da última vez, a minha carta chegar-vos-á com atraso, mas não se admirem com isso: o trabalho destes dias complicou-se com umas provas que apesar de tudo estão quase a acabar. Creio que ainda é melhor ser chumbado do que chumbar, quando se trata de corrigir exercícios. Antes de mais, tenho a dizer-lhes que recebi a feliz nova do nascimento de Pierre de Mareschal. Digam a seus pais e avós que os felicito e rezo muito pelo feliz futuro dessa interessante criança com quem

[12] Françoise, terceira da família, mais velha do que Pierre, que entrara para as Irmãzinhas dos Pobres; morreu, superiora da casa de Xangai, em Junho de 1911. *Cf. Soeur Marie-Albéric du Sacré-Coeur* (Rennes, Petites Soeurs des Pauvres, 1914) e *Pensée religieuse du Père Teilhard de Chardin* (Paris, Aubier, 1962), p. 342-343 e p. 360-361.

tenho a felicidade de partilhar o meu próprio nome. Ver essa criança deve reavivar em vós muitas mágoas: temos de repetir a N.-S. que seja feita a sua vontade, não é assim? Mas não me esqueço de vós. — E por cá continua a minha vida, ao fim e ao cabo muito interessante, entremeada por um ou dois passeios semanais pelo deserto. Depois da minha última carta já fui mais ou menos quatro vezes ao Mocatão onde começo a orientar-me, o que não é muito fácil: de nada adianta não haver lá nem uma árvore, enganamo-nos num instante no meio dessas dunas e desses *ouadi* todos parecidos uns com os outros, a perder de vista. Nesta altura a vegetação de lá está no mínimo: as raras plantas verdes que assinalam o fundo dos barrancos esgotaram as provisões de seiva amassadas nas suas grossas folhas, e vão secando. E contudo, esta semana tivemos alguma chuva e isso vai ser sinal de uma reconquista de verdura (muito relativa). Os meus últimos achados no deserto foram umas vértebras fósseis de peixe do tamanho de moedas de 5 francos. Ainda não as mandei determinar. A respeito disto, entrei em contacto com um homem de cá, o doutor Iñés bey, de quem *M.* du Buysson me falara. Tem em casa uma colecção mais ou menos geral de todas as curiosidades da história natural do Egipto: conchas, coleópteros, lepidópteros... e ornitologia. Vou ver sobretudo esta última parte, em intenção do pai. Verei primeiro o nome desses pássaros do deserto, de cor branca e negra (que no domingo passado vi de muito perto) e cujo nome provável o pai me tinha mandado há 2 meses. Eis uma descrição mais completa deles: mais pequenos do que os melros, são de um belo negro, com excepção da parte de cima da cabeça e da parte inferior do corpo (menos o rabo),

de branco puro. Nos mesmos rochedos outros exemplares tinham a cabeça inteiramente negra e menos branco no ventre. Será apenas uma diferença entre macho e fêmea? Ao mesmo tempo, no ar, voava, aliás a grande altura e a assobiar como na nossa terra em Julho, um bando de gaivões. Também encontrei, no deserto, uma serpente bastante curiosa, com 40 a 50 centímetros de comprimento, e esguia como uma correia de chicote: era de um amarelo acinzentado com marmorações castanhas. Não consegui matá-la, mas é característica por ser incrìvelmente delgada. Não creio que fosse perigosa. — Em matéria de plantas, encontrámos no outro dia, também nas areias, uma vegetação de pequenas aboboreiras selvagens; as folhas são pequenas, muito rendilhadas, e o fruto, redondo e verde, do tamanho de um punho. Aliás, é horrìvelmente amargo. O meu douto companheiro opinou que aquilo devia ser *cucurbita prophetarum*, até nova ordem. O meu ónibus reservou-me ùltimamente uma surpresa maior do que os macacos, os camelos e as canas de açúcar, a saber: o Quediva em pessoa, que passou a alguns metros de mim, muito digno sob o seu *fez*, e escoltado pelos cavaleiros da sua guarda, magnìficamente montados, armados de lanças com bandeirinhas verdes, e também de *fez*. O bom e o bonito foi que o meu cocheiro, assim que acabou o desfile dos paxás, se enfiou logo atrás do cortejo para aproveitar a aberta, de maneira que de um momento para o outro me vi metido, com a minha enorme carripana, entre 2 alas respeitosas e fornecidas de árabes de todos os géneros, que deixavam para a minha passagem um vazio imenso assegurado por um cordão de polícias *(chauiches)*. Era bastante embaraçoso. Infelizmente, ainda não tinha ido

buscar alunos nessa altura. Isso tê-los-ia entusiasmado. Por agora, andam emocionados com os acontecimentos de Creta, que coincidiram com as grandes festas do fim do Ramadan. Entre as notícias do exterior notei sobretudo, como é natural, a perda desse infeliz *Hilda* que conhecia bem, apesar de não parar em Jersey. Isso trouxe-me lembranças de mar verde e de rochedos cobertos de algas. Decididamente, guardo profundas impressões dessa região. — Escrevi ao Gonzague, tentando casualmente convencê-lo das vantagens do colégio e de um trabalho mais assíduo. Finalmente, o trimestre está a acabar, o que deve causar ao Joseph uma alegria muito mais moderada. Enfim, visto que matou uma galinhola poderá partir sem remorsos. Digam-lhe que a sua carta me deu grande alegria e que receberei com interesse os pormenores complementares acerca dos seus achados mineralógicos.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo e rezo por todos vós. Fá-lo-ei sobretudo no próximo dia 8. Muitas saudades à Guiguite.

Pierre

10

Cairo, 17 de Dezembro de 1905

Querido pai e querida mãe

Creio que desta vez estou mais atrasado do que das outras, e todavia queria que esta carta vos chegasse pelo

Natal. É pelo menos prudente desejar-vos desde já de todo o coração um bom ano! Bem sabem que pedirei o melhor que puder a N.-S. que o abençoe para vós e para o resto da família. Também não é preciso de vos repetir como a minha afeição por todos vós continua a mesma, e me leva muitas vezes a pensar em todos. Estou contente por o excelente Yer-Yer vos chegar tão cedo! Além da alegria para ele, haverá para vós um Natal mais alegre. Imagino que se o não passarem em Vialles, irão até lá logo no dia seguinte, porque não se pode dar mais trégua aos patos. Digam ao Yer-Yer que lhe desejo boa caça: creio que no Delta a caça de água começa a afluir, mas só o suspeitei por causa de um triângulo de patos que no outro dia passou, a grande altura, por cima da nossa casa. Diga-se que quase nunca frequento as margens do Nilo, defeito de que estou resolvido a corrigir-me: mas também pergunto até que ponto essas margens são viáveis, pelo menos em tempo de inundação. Agora que as águas baixam, é altura de experimentar. Seja como for, o deserto não esgotou as suas surpresas. Na quinta-feira passada, ao ir até bastante longe na direcção de Suez, encontrei, no meio de um terreno juncado de madeira silicificada, um magnífico abutre que despedaçava um resto de cadáver. A um ou dois metros atrás dele cinco milhafres esperavam respeitosamente uma migalha, numa atitude perfeitamente humilde, sem se mexerem. Pareciam muito pequenos em comparação com o abutre, que é certamente a maior ave em liberdade que até hoje vi. Pude chegar a uns trinta metros dele e notei sobretudo a sua cabeça clara! O resto do corpo era escuro, com excepção de uma lista nas asas, quando voava. Saberei o seu nome por Iñés bey, que já

me disse os nomes dos pássaros brancos e negros do Mocatão. São *Saxicola lugens* e *Saxicola albipygaca*. Como os nomes me foram dados com base na descrição, só assentarei neles depois de ter voltado a ver os espécimes embalsamados. No mesmo dia do abutre, encontrei uma espécie de raposa ou de chacal que apareceu de repente num outeiro perto de nós, e depois fugiu com rapidez. Tinha o porte de um lobo, mas um rabo muito farto, e já não me lembro bem do aspecto do chacal, para estar certo do que digo. Também me pareceu maior e mais alto do que uma raposa, mas bem podem imaginar que erros estranhos cometemos no deserto acerca da proporção dos objectos, por falta de ponto de comparação. Travei conhecimento com um lugar bastante frequentado por turistas de burro, a «Fonte de Moisés», espécie de pequeno lençol de água salobra situado numa concavidade rochosa, no fundo de um circo a leste do Mocatão. O sítio seria lindo sem os cacos de garrafas de champanhe e os vestígios de ovelhas e cabras que vêm beber; de tudo isso se exala um cheio penetrante que me recordou um redil de ovelhas atrás de Plumat. — No domingo passado, em honra da Imaculada Conceição, houve grande procissão em Matarieh [13]; tomei, como é natural, parte bastante activa nela, por causa dos meninos de coro. A cerimónia foi realmente muito bonita. Além do colégio, havia afluência de convidados, e tudo o que o Cairo conta de melhor como sociedade católica.

[13] Pequena localidade a leste do Cairo, não longe do obelisco de Heliópolis. Segundo a tradição, teria sido aí que a Sagrada Família ficara, depois da fuga da Judeia. Levantou-se uma igreja em Matarieh em 1903-1904.

Havia até uma centena de soldados irlandeses fardados, que cantaram cânticos ingleses muito bonitos. — Antes de ontem caiu a primeira chuva a sério desde que aqui cheguei: não durou muito tempo, mas começámos imediatamente a nadar em lama. Como as aulas se tornavam impossíveis, mandámos os alunos para casa duas horas mais cedo: parece que este é o epílogo normal, de maneira que eles saudam com alegria as primeiras gotas.

Adeus, querido pai e querida mãe. Mais uma vez bom ano para todos. Um beijo para ambos. Agradeçam ao Toto a carta dele.

Pierre

Pedia-lhes que me mandassem a direcção da Guiguite e também a da Françoise, que perdi.

Mais uma vez um bom ano para todos. — Receberam finalmente a minha carta de princípios de Dezembro, e depois a do dia 16? Ontem encontrei grandes escorpiões! — Mando-vos um beijo e não vos esqueço.

Pierre

10ª

Cairo, 17 de Dezembro de 1905

Querido pai

Além da carta junta que lhe dá notícias destes quinze dias, tenho de escrever-lhe mais especialmente,

pelo Natal. Mesmo que não estejam mais do que três dos seus filhos para lhe desejarem as boas festas no dia 24, sabe que todos, especialmente os que estão no céu, em Tourcoing ou aqui, rezarão por si e lhe desejarão «boas festas» em pensamento, com mais afecto ainda do que antes. E insisto em dizê-lo como nos outros anos. Pedirei para si tudo o que mais desejar, em especial que os seus filhos continuem a ser bons e se tornem homens. Mais uma vez obrigado por tudo o que fez por mim, o pai e a mãe, e podem pensar que continuo a amar-vos muito.

Pierre

11

Cairo, 4 de Janeiro de 1906

Querido pai e querida mãe

Receberam assim um pouco depois do Natal os meus votos de bom Ano, espero que seguidos por algumas fotografias destinadas a mostrar-vos o que é o campo cultivado, em redor do Cairo. Como o deserto conta poucos admiradores, não pude encontrar fotografias que o representassem. Espero que venha a haver. Portanto, apenas posso repetir-vos o que vos dizia: desejo-vos a todos um bom Ano, tal como N.-S. o deseja para a família. A Guiguite escreveu-me de Cannes, onde parece estar corajosamente a levar tudo pelo melhor e alegrar-se por ter umas meninas a quem dar catequese.

Pelo que a mãe me escrevia, conjecturo que ficaram com o feliz Joseph em casa; mas por causa do atraso do correio no Ano Novo ainda não recebi as vossas notícias oficiais. — Agora, pois, estou em férias, e elas serão famosamente preenchidas, dada a chegada ao Cairo, para estes dias, dos jovens professores de Alexandria, meus amigos de Jersey e de Aix. O Cairo é, para os de Alexandria, a cidade encantada, e nós, os privilegiados que todos os dias vimos as suas maravilhas, sentimo-nos contentes por lhas mostrarmos. Há três dias que sirvo de guia a Guy Le Marois que não esconde a sua alegria diante dos poderosos automóveis que percorrem os grandes passeios do Cairo, à falta das estradas do Egipto, ainda por fazer. A respeito disto, o irmão dele, o marinheiro, partirá provàvelmente para Saigão no fim de Janeiro[14]. Pensei imediatamente no tio Georges que o receberá um pouco como recebia o Albéric[15]. No domingo passado pensei muito no Albéric: foi em Ismaília, diante dessa fitinha do canal de Suez. Dizia para comigo que ele certamente vira essas dunas em que estava, e fiquei bastante impressionado com isso, mas não de uma maneira triste. Isto leva-me a falar-vos de Ismaília, aonde acompanhei um miúdo francês de cá, cujo pai é agente da C.ª de Suez. No expresso levamos três horas daqui lá, e a viagem é agradável, sobretudo a seguir à cidade algodoeira de Zagazig onde deixamos o Delta, nesta altura monótono com os seus campos de trevo, para entrar no

[14] Acaba de permutar! (Nota de Pierre Teilhard).

[15] Irmão mais velho de Pierre, segundo da família (a primeira, Marielle morrera muito nova). Oficial da marinha, morreu em 1902.

deserto. Tinha de tomar conta, além do meu aluno, de duas miúdas francesas, amigas dele, da altura que a Loulou terá agora, talvez um bocado menos, cujos pais também estão na «Suez». Estas simpáticas crianças não davam muito trabalho, e divertiram-me com a sua conversa que me recordava tudo o que a mãe ou outras me disseram acerca do Sacré-Coeur. Porque elas são alunas dele aqui. Até está em construção um grande colégio: não perco a esperança de ver a tia Louise lá. — Uma delas tinha a «fita»! — Passei 6 horas em Ismaília. A cidade reduz-se a nada, mas o sítio é maravilhoso: em plena areia amarela, com montanhas nuas no horizonte, e na margem de uma laguna azul escura que o canal atravessa. A cidade está rodeada por grandes e belos jardins públicos, com palmeiras e matas de uma espécie de grande conífera (primitiva) da Oceania *(Casuarina...)* que se parece ainda mais com a cavalinha do que com o pinheiro. Imensas avenidas, sombreadas por grandes acácias *libester* podem ser percorridas sem se encontrar quase um único passeante. Uma delas conduz ao sítio em que o canal entra na laguna. Pude contemplá-lo muito tempo, retido por repentino temporal, na cabana de um amável guarda. Só passaram dragas e rebocadores. Como o dia seguinte era o 1.º de Janeiro, não se trabalhava. À beira da água havia, deixados com abundância, pequenos hipocampos mortos, lindas conchas cobertas de picos, medusas, chocos, e uns peixes pequenos parecidos com girinos. Aí, o deserto é muito mais arenoso do que perto do Cairo. Quando à noite regressei, vi passar um bando de russos que emigravam: tinham um ar inverosímil, de botas, com gorros de pele de coelho. Alguns, de turbante pontiagudo, pareciam tártaros. Não faço a menor ideia para onde iam. — Ontem, fomos muitos a Saqqarah, na margem esquerda do Nilo, ao sul do Cairo: creio ter-vo-lo marcado no meu mapazinho do mês de Setembro. Tendo partido às 7 horas por caminho de ferro, encontrámos, a duas estações do Cairo, uma manada de burrinhos que nos esperava e foi às cavalitas deles que chegámos às Pirâmides. Durante cinco ou seis quilómetros atravessa-se a faixa verde cultivada que constitui o Egipto habitado. Nesse sítio, ela é notàvelmente bela, cheia de palmeiras, de campos verdes, de grandes charcos com aldeias de lama ao lado, tudo isto preso entre as duas faixas amarelas do deserto, muito rochoso a leste, mais arenoso a oeste, aonde íamos. É nessa faixa plana e lamacenta que estão sepultadas as ruínas da imensa Mênfis, donde os árabes levaram as melhores pedras para construirem o Cairo. Sob palmeiras, jazem duas gigantescas estátuas de Ramsés, uma em granito, outra em calcário: a cabeça, cujas dimensões eu prosaicamente compararia às de uma grande pipa, tem uma expressão singularmente fina, sorridente, como a de todas as estátuas egípcias. Aqui e ali, no meio dos casebres de terra, estão grandes blocos desse granito rosa de Syènes (Assuão) que julgaríamos trazido de Corbières, em Jersey. — A cavalgada dos burros é extremamente divertida, e de manhã ninguém foi atirado por cima da cabeça da sua montada. Antes das 10 horas, subíamos a primeira encosta do deserto, neste sítio absolutamente revolvido pelas escavações. Além das pirâmides de Gizé, que vemos ao longe, encontramo-nos no meio de um grupo de pirâmides, relativamente pequenas e mais ou menos arruinadas. As de Dacrur estão bastante longe. Uma delas tem os lados

cortados, sinal de que os arquitectos abandonaram um primeiro plano, demasiadamente grandioso. Entre as que visitámos, a mais bem conservada, única no seu género, e a mais antiga de todas, é em degraus, formados não por grandes blocos mas por pedras mais ou menos cimentadas. É ainda a infância da arte. O mais curioso é, de longe, a visita às necrópoles escondidas debaixo da terra, em plena areia, à volta das pirâmides. Há aí quatro ou cinco túmulos já encontrados, cada um dos quais compreende uma série de salas ornadas de maravilhosos hieróglifos, muitas vezes ainda pintados em azul, e muito bem conservada. Era a casa da alma do defunto, que acabava numa porta fictícia, espécie de estela por onde a dita alma entraria ou sairia do outro mundo. Vemos aí representado tudo o que fazia a felicidade do defunto. Há cenas de caça ao hipopótamo, de pesca. O aspecto dos animais e dos peixes está muito bem dado: há menos delicadeza que nos desenhos japoneses, trata-se aliás de escultura, mas reconheci muito bem grande número de peixes que vira no aquário do Nilo. Por exemplo, topámos com um hipopótamo a tragar, com a boca toda aberta, um infeliz crocodilo que se debate, o que é menos feliz. Ainda debaixo da areia, e cavado em pleno rochedo, aliás bastante mole, há o famoso *Serapaeum*, com os túmulos dos bois Ápis. Cada túmulo (há uns vinte) está num quarto rectangular que se abre para o corredor principal que tem certamente 500 metros. A coisa mais notável é o próprio túmulo, enorme bloco (mais ou menos 3m × 3m × 5m) normalmente de divrite polida, com hieróglifos gravados. Perguntamos a nós próprios como foi possível arrastar blocos assim através de um corredor subterrâneo e pô-los no lugar.

Um túmulo está inacabado: o bloco ainda não polido está abandonado no meio de um corredor. — Jantámos numa espécie de acampamento, chamado eremitério de Mariette, que ali habitava para as suas escavações. Depois, ainda visitámos um interior de pirâmide, ela própria meio desabada, mas com o túmulo maravilhosamente conservado. Chegamos lá através de um plano inclinado que conduz a salas de tecto bicudo totalmente cobertas de inscrições. Perto dali, descemos para um túmulo por meio de uma escada em caracol (moderna) de uns trinta metros de profundidade. Para o fim da visita, o vento começou a levantar-se e, quando partimos, levantavam-se do deserto turbilhões de areia, «com muita cor local». Não deve ser muito cómodo passear com tempo assim. O regresso foi assinalado por alguns alegres trambulhões de que me livrei. — Nos campos, havia bastantes abibes e um bando de andorinhas de papo avermelhado. Não devem ter achado o Egipto hospitaleiro nestes últimos tempos. Coisa inédita desde há pelo menos 25 anos, tivemos, numa noite, — 3°. Em certos pontos os resultados foram deploráveis para as bananeiras, as árvores da borracha, etc.. O jardim de Matarieh, onde se acumulavam árvores exóticas, sofreu muito especialmente. Agora, o tempo normal já voltou. Parece que nos arredores de Beirute, a 900 metros de altitude, houve — 25° o que me espanta um pouco: mas a informação vem mesmo de lá. — Os alunos estavam estupefactos por ver um pouco de gelo. — Acabo de receber todas as vossas boas cartas. Tenciono ler o artigo que o pai me indica acerca dos sílex do eolítico. Parece que em certos pontos do Egipto, Tebas por exemplo, se encontram muitas pedras lascadas. — Os meus parabéns

ao Joseph: espero que ele saiba usar da sua liberdade por meio de um trabalho inteligente. — A mãe gostará de saber que vi em Matarieh os paramentos feitos com a seda da China do Albéric, que reconheci muito bem: há também uma toalha de altar em seda azul que, se não me engano, tem a mesma proveniência.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo assim como para o Joseph e para o Toto, e rezo por todos. Como esta carta irá evidentemente até Cannes, aviso a Guiguite de que tratarei de lhe escrever sem tardar muito.

Vosso filho

Pierre

12

Cairo, 22 de Janeiro de 1906

Querido pai e querida mãe

Mais uma vez me acharão muito atrasado: os primeiros dias do novo trimestre são a causa disso; porque além da dificuldade que temos, depois de um repouso, em nos pormos de novo em andamento, tive de tratar de uma parte do programa que exigia bastante tempo, na preparação de aulas ou de experiências. Enfim: parece-me que, para mim, já passou a parte mais difícil do ano, e talvez do meu professorado. Dentro de um mês começarei a revisão com os filósofos, candidatos de

Maio, e como quase só me repito nas outras aulas, fazendo algumas adaptações, o mesmo é dizer que o grosso do trabalho está feito. Restarão os momentos críticos do exame a que os meus alunos dão uma importância quase fetichista; — o que, ao fim e ao cabo, não podemos censurar-lhes muito, visto que o bacharelato egípcio abre aos laureados lugares quase por toda a parte. A grande vantagem da minha situação actual é conhecer os meus homenzinhos. É naturalmente com a secção «ciências» que eu tenho mais relações, e esses são, em número suficiente, espíritos ávidos de saber aos quais temos gosto em abrir horizontes. É de tarde que tenho as minhas aulas com eles. De manhã, tenho de aguentar a multidão bastante mexida dos humanistas, principalmente os das 3ªs, contra os quais nos vemos reduzidos a dar castigos e más notas. De resto, não há desses «banzés» que se vêem nos nossos colégios de França. Com as minhas quintas-feiras e domingos livres, fica-me ainda tempo para trabalhar, e os dias chegam depressa ao fim: gostaríamos que eles fossem maiores, porque não há nada como ensinar para nos dar vontade de aprender. — Há quinze dias aproveitei os meus conhecimentos topográficos do deserto para aí pôr a correr, talvez mais do que eles queriam, um bando de «grandes»: são lamentàvelmente «ronceiros» na sua maioria: experimentei, sem ter falhado muito, despertar em alguns o primeiro gosto pela história natural, diante de uma camada de ostras e ceritos fósseis. Um deles assegurou-me que ainda há bastantes hienas a alguns quilómetros daqui. — A respeito de informações zoológicas, tornei a ver Iñés bey que está cada vez mais amável; levou-me a dar uma vista de olhos a colecções zoológicas do Egipto,

que não as que tinha em casa a quando da minha primeira visita, e que procurarei ver mais de perto. Fiquei surpreendido por saber que o Nilo encerra ainda belas tartarugas, e que aqui pelas redondezas ainda podemos encontrar uma data de bichos curiosos: gerbos, ratos espinhosos, uma espécie de lindas mofetas às riscas pretas e brancas, grandes lagartos com o rabo coberto de picos *(uromastyx)*, sem falar em magníficas cerastas com 2 chifres, najas, e até (do nome do seu «inventor») walterinesia, serpente venenosa inteiramente negra e de respeitável tamanho. Parece que os babuínos e os cinocéfalos, que os árabes passeiam muitas vezes aqui, vêm das margens do Mar Vermelho (Suakim) onde vivem nos rochedos do deserto. — No dia seguinte àquele em que vos escrevia a minha última carta, fiz a maior excursão deste ano. Fui com o meu amigo Bovier um dia inteiro para o deserto, e durante esse tempo os únicos seres animados que vimos foram gafanhotos (poucos) e cinco ou seis camelos, sòzinhos, no fundo de um *ouadi*. Em compensação, recolhemos lindas conchas e corais fósseis e gozámos a magnífica vista. Tínhamos caminhado na direcção de sudeste, para onde a região é cada vez mais montanhosa. Ainda não é muito alta, mas é muito rochosa e revolvida. Nesses sítios um mapa indica «gipaetos»: vi de longe uma grande ave de rapina. Devem ser percnópteros, de que vi cinco ou seis exemplares sobre cadáveres, perto do Cairo. No último dia de férias, fui com os meus amigos de Alexandria à barragem, há muito construída a norte daqui, mais ou menos no sítio em que o Nilo se divide. Esta barragem é sobretudo interessante pelo belíssimo jardim botânico que aí se mantém, numa ilha, em maravilhosa situação.

Há aí um lago cheio de lótus que gostaria de ver em flor. Foi aí que vi os mais belos papiros, maiores do que eu, com grandes flores em borlas sedosas. Não sei se sabem que em sítio algum ele se encontra mais selvagem do que no Sudão, donde talvez os egípcios o teriam importado. No supradito lago vi o meu segundo «rato do faraó». Passei por caçadores de caça de água que, apesar dos seus ares de Nemrod, nada tinham caçado de notável a não ser um jovem flamingo. — Ocupação mais arqueológica, pusémo-nos a explorar os «Escombros», grandes colinas que rodeiam a cidade, a norte e a sul, e inteiramente formadas por detritos acumulados durante séculos. São camadas regulares, formadas por escórias e cerâmicas de toda a espécie, que remontam até à época romana. Pôde reconstituir-se a história da cerâmica árabe através de todos esses cacos. O nosso espólio, por enquanto, soma 3 ou 4 medalhas coptas ou árabes que mostraremos a Iñès, e algumas lindas faianças com armas de sultões ou de mamelucos. Esses grandes terrenos vagos são muito curiosos, e a vista que lá se tem é extremamente original, dado o carácter puramente árabe dos bairros vizinhos. É em qualquer sítio debaixo dos escombros que jazem os restos da cidade de Fostat que os habitantes queimaram para não a deixarem aos cruzados. — Ontem, festa do colégio, tivémos uma missa cantada em rito caldaico. Há algumas cerimónias verdadeiramente belas, mas nós não somos feitos para esses cânticos monótonos e indefinidos que duram exactamente todo o tempo da cerimónia. A de ontem apenas durou 3/4 de hora mas foi-nos dito, não sem algum orgulho, que poderia ter demorado 3 horas. — O atractivo da festa do colégio é sempre a grande peça árabe que será representada na sexta-feira (dia feriado

muçulmano), para uma selecta assistência de grandes personagens árabes. Estou curioso por ver como é que vai ser. Esperemos não ter um contratempo semelhante ao de Alexandria: a peça árabe de 3 de Dezembro coincidiu com o motim, o que reduziu lamentàvelmente a assistência. — No intervalo entre esta carta e a precedente, tivemos cá a renovação dos votos. Evidentemente que o «tríduo» preparatório não se parece em nada com o que pode ser no recolhimento de um escolasticado, mas é o ofício que assim o exige, e é na mesma para N.-S. — Aqui, o P.e Garraud pergunta-me periòdicamente, e com angústia, pelo destino do *hôtel* * Bansac, e só posso responder-lhe com um vergonhoso silêncio. Assegura-me ter ouvido a este respeito rumores sinistros. — Recebi regularmente todas as vossas cartas. — Eis-nos agora de novo em Clermont: imaginem que o sino do colégio, aliás o único que ouço aqui, me lembra os dos Carmelitas nas tardes de sábado. — Junto uma fotografia do Cairo, visto do terraço do colégio. É a parte leste. No horizonte o Mocatão, terminado à direita pela cidadela e a sua linda mesquita, no género de Santa Sofia. Notar, com uma lente, os inumeráveis minaretes: 2/3 estão ao longo da mesma rua: são bairros árabes. As colinas cinzentas sobre as quais eles se destacam (?), abaixo das falésias brancas do Mocatão, são montes de escombros. — A parte europeia do Cairo continuaria a fotografia pela direita.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo, bem como para o Joseph e o Toto, e rezo muito por vós. Recebi uma boa carta da Françoise. — Digam à

---

* *Hôtel:* termo que se poderia traduzir por solar, paço, edifício ligado a uma família ou função social.

Guiguite que recebi todas as dela. Um beijo para ela também.

Pierre

13

Cairo, 10 de Fevereiro de 1906

Querido pai e querida mãe

Coisa maravilhosa, chove esta tarde, para grande desespero de um padre dominicano que está a dar uma série de conferências na nossa sala de teatro (se Françoise me ouvisse!), e para grande alegria dos alunos que gozam antecipadamente, mas em vão, um regresso prematuro a suas casas. Já vos disse que, quando chove, o Cairo fica desmoralizado: todos os *fez* se cobrem de lenços, e acabo de ver um cocheiro a guiar o seu fiacre de guarda-chuva descaradamente aberto. Este tempo chegou-nos depois de um dia de vento quente, prelúdio do famoso *khamsin* de Abril e Maio, que faz com que os turistas fujam. Creio bem que se acabou o frio e talvez também o fresco. — Depois da minha última carta, todas as vossas me têm chegado muito regularmente, especialmente as «ajudas» da mãe. Mando-lhe uma resposta aqui junta. — O acontecimento mais sensacional foi a famosa peça árabe, que teve grande êxito. Em conformidade com os usos árabes, a assistência, imponente e original, era constituída só por homens: todos de *fez*, com alguns turbantes. Na primeira fila, dois ministros e o governador

do Cairo, com profusão de paxás. — Além das emoções que pode proporcionar uma adaptação de *Pour la Couronne*, o grande interesse da peça residia na língua. Não sei se sabem que o árabe literário (palavras e sobretudo sintaxe) é uma língua inacessível ao comum, que os xeques eruditos aprendem, como os mandarins da China os caracteres. Portanto, toda essa gente saboreava, tanto ou mais do que as ideias, e não sem amor próprio nacional, a escolha das palavras e o rigor das concordâncias. — Quanto a mim, profano que tratava da electricidade nos bastidores, achei que os orientais declamam notàvelmente bem, o que aliás é opinião unânime. Acrescente-se que os actores, todos alunos ou antigos alunos, revestiam opulentos trajes de beduínos. No domingo passado, era uma das suas grandes festas: por essa ocasião, as ruas encheram-se de miúdos e sobretudo de miúdas de vestidos encarnados, verde claro ou mesmo dourados, que, ao desafio, tocavam gaitas de cana. É sem dúvida o brinquedo que tem mais êxito. — Certamente que ouvistes falar pelos jornais na inauguração do caminho de ferro Berber-Suakim que vai servir o Sudão inglês, pelo Mar Vermelho, independentemente do Egipto. Nisso, toda a gente vê fàcilmente a intenção de os ingleses se isolarem bem em sua casa. É com o mesmo desígnio que deixam por acabar um troço de linha que reuniria Assuão a Kartum. — Com o calor, os animais começam a aparecer, e no deserto vemos correr de novo lagartos e *agamè*. Também vi sucessivamente 3 raposas na areia: as tocas eram muito visíveis e visìvelmente habitadas. — Decididamente, o Cairo faz progressos todos os dias. Os ónibus de mulas magras e casmurras, que transportavam os indígenas, começam a ceder o lugar a grandes automóveis

cujo inconveniente é fumegarem imoderadamente. O mais curioso foi o entusiasmo dos árabes que nos primeiros dias tomavam as viaturas de assalto. — Periòdicamente, nestes últimos tempos, alguns alunos trazem-me, para que os ponha a funcionar, os seus presentes do mês passado que, para muitos, consistiram em «caixas de electricidade», com pilhas, pequeno motor, bobine, etc. Se o tio Louis du R. tivesse ainda de comprar prendas sábias, isto era com ele. Duvido de que o Toto alguma vez sinta desejo disso. Já apareceu o Collot?

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo, tal como para o Joseph e o Toto, e rezo por vós.

Pierre

Vi que houve luta na igreja de Versailles[16]. O tio René não estaria por acaso lá? Ou, melhor, será possível que ele não tenha lá estado?

14

Cairo, 1 de Março de 1906

Querido pai e querida mãe

Eis-nos, pois, no dia seguinte ao carnaval que, aqui, se passou mais ou menos segundo os mesmos ritos que em Mongré: lotaria e interlúdios diversos, — com a dife-

[16] Estava-se, em França, no período dos «Inventaires».

rença de que na terça-feira gorda todos os alunos foram mandados para casa dos pais ou de pessoas conhecidas. — Aliás, este ano, os alunos não tiveram razão de queixa: um célebre quarteto de violinistas austríacos (um dos êxitos de agora no Cairo) veio benèvolamente dar um concerto, e tivémos muito boa música. No mesmo dia, um artista do Chat-Noir (que por acaso era sobrinho dum antigo professor de música em Mongré, que eu conheci muito bem) deu-nos a «Esfinge» com projecções. Isso pelo menos tinha um interesse local. — Vêem que o Cairo está cheio de recursos: os ónibus automóveis multiplicam-se, e amanhã uma parte do colégio vai contemplar um animatógrafo, diz-se que o que há de melhor. Apesar destes progressos da civilização, fiz anteontem a minha primeira excursão de camelo. Querendo chegar a um jazigo de fósseis situado bastante longe das Pirâmides, no deserto líbico, alugámos por um dia, o meu amigo Bovier-Lap. e eu, uma «nau do deserto», e isso proporcionou-nos uma data de impressões de vida selvagem e nómada. O enjoo que se diz ter ao montar nesses animais é um mito, e o seu andamento lento e cadenciado é muito repousante; como todos os seus semelhantes, o camelo, que nos levava cada um por sua vez, grunhia e rosnava conscienciosamente a cada acréscimo de trabalho. Amansámo-lo trazendo-lhe as raras plantas verdes que se encontravam no nosso caminho, e enchendo-o depois com cascas de laranja, côdeas de pão e de queijo, etc. Com os beiços pendentes e os grandes olhos luzidios, tinha uma fisionomia impagável. Encontrarmo-nos em pleno deserto numa montada daquelas não era menos característico. Prestou-nos, aliás, grande serviço, não só para trazermos os nossos fósseis, mas também para andarmos nessa

região, que é muito arenosa e onde o andar depressa se torna penoso. Esta excursão fez-me ver horizontes novos para noroeste, na direcção do vale do Natrun. Esses horizontes limitam-se, aliás, a dunas a perder de vista. Parece que o próprio Natrun, com os seus lagos e as suas profundas depressões, é uma região extremamente curiosa. Não vi um único animal, com excepção de uma pequena ave de rapina, mas muitos vestígios de raposas ou chacais, e de ratos. É nessas paragens que mais frequentemente encontramos essa espécie de mofeta às riscas brancas que vi embalsamada em casa de Iñès bey. Mas tudo isso se esconde de dia. Aliás, ainda não está muito calor, embora a temperatura comece a subir sensìvelmente. — Imaginem, que, agora, todas as escolas, superiores e secundárias, do Estado estão em greve. A gente nova organiza reuniões, pronuncia discursos cheios de emoção, e os jornais aplaudem este inesperado despertar do torpor egípcio. Temos curiosidade em saber como se sairá o ministro da instrução pública. O seu próprio filho foi durante algum tempo delegado pelos seus camaradas para apresentar os protestos! Até lá, as escolas de Direito, de Medicina, de Agricultura, etc., estão desertas. O mais curioso é que o Governo deu a entender, nestes últimos anos, que tinha absoluta necessidade de jovens que ocupassem os diferentes postos. — Recebi todas as vossas cartas. Decididamente, o honesto Gonzague revela-se indomável, e o Yer-yer deve apreciá-lo como seu digno irmão. Faço todavia votos por que se acalme; tratarei de lhe escrever uma palavra. — Na minha classe, começam a preocupar-se com os exames que são daqui a dois meses. A Quaresma vai ser um tempo de calor, mais duro para os alunos do que para o professor, que nada de novo tem

a ensinar. E, no entanto, ainda não acabei completamente o meu programa; mas estará sem dúvida pronto da próxima vez que vos escrever. — Vi nos jornais a condenação do tio Alphonse. Todas essas coisas, além das da Alemanha, devem tornar bastante sombrio o horizonte em França. Mas já há tanto tempo que estou em terra estrangeira que não me dou muito bem conta da impressão que isso pode provocar.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo, tal como para o Joseph e para o Toto, e rezo muito por vós. Queria escrever à Guiguite antes do fim da semana. Não sei se poderei.

Pierre

P. S. — Temos cá o livro de Shelley. Obrigado ao pai.

15

Cairo, 19 de Março de 1906

Querido pai e querida mãe

Ao começar esta carta recordo-me de que há sete anos faltavam algumas horas para a minha partida para Aix, e ser-me-ia difícil destrinçar tudo o que essa recordação me leva a sentir. Creio que isso se reduz, em suma, a muita afeição por vós e grande reconhecimento a N.-Senhor. Bem sabem quanto Lhe rezo sempre por vós e quanto vos amo do fundo do coração. Neste mesmo momento penso que a Françoise está a presidir, entre a

elite (?) de Tourcoing, ao banquete dos velhos [17]. No Cairo, também há velhos, mas não tratados pelas Irmãzinhas, o que não é nada a mesma coisa: certos pensionistas, pelo menos, são muito característicos, entre outros, uma velha preta doida por bailarico, que bate palmas e dá gritos estridentes assim que ouve tocar um instrumento, muito intrigada e aborrecida porque «aquilo não continua». — O que de mais importante tenho a dizer-vos, desde há quinze dias, é que acabei finalmente o programa do meu curso com os filósofos: estamos em plena revisão, e verificava nestes últimos dias que só tinha de lhes dar mais umas trinta aulas; esperemos que a prova de 7 de Maio lhes seja favorável! A respeito de estudos, os indisciplinados da Universidade do Cairo, depois de reuniões tumultuosas de que de longe pude aperceber os múltiplos *fez*, depois de juramentos sobre a Bíblia e o Corão, vergaram repentinamente, frente a uma muito fria circular de *lord* Cromer. Tudo voltou à ordem; uma feliz repercussão apenas trouxe alguns privilégios aos candidatos do bacharelato egípcio deste ano. — Corri mais ou menos o Mocatão à procura de fósseis, e com bastante êxito. Tendo-me o correspondente do *Museum* cá, o venerável *M.* Fourtan, que acaba de me classificar os meus fósseis, mostrado um ouriço do mar de uma espécie totalmente nova, pude, oito dias depois, comunicar-lhe um novo exemplar. Entretanto, fiquei espantado com a abundância de gaivões nos rochedos do dito Mocatão. Já não os ouvia (naturalmente) desde Montorgueil e Sarcenat, e dá um efeito curioso ouvi-los em

[17] Banquete da festa de S. José, grande festa entre as Irmãzinhas dos Pobres.

fins de Fevereiro e em Março. Com eles vê-se uma andorinha de rochedo, cinzenta, muito dada. Devo dizer que, à parte um pequeno regresso de frescura desde ontem, chegamos aos primeiros pressentimentos do calor. Cabe agora a vez de florir uma espécie de liana chamada buganvília, que se vê em todos os jardins, por cima dos muros e dos caramanchões, e que tem uma maravilhosa cor violeta-lilás. Agradeço ao pai as suas informações acerca dos maciços da planície. Quanto ao padre Le Dantec, tinha com efeito ouvido falar nele. Tanto quanto posso julgar, ele tem razão em muitos pontos sobre a «aviação», em que os dados experimentais são raros, o que permitiu que calculadores se extraviassem. Mas duvido de que sem esses mesmos calculadores ele pudesse verificar as suas leis «tão belas e tão simples», que pressupõem um grande trabalho de matemáticos. — Na quinta-feira passada, uma garagem de automóveis, continente e conteúdo, ardeu cá, para grande alegria dos alunos, que não se calavam no dia seguinte. Parece que as bombas chegaram ao fim de meia hora, quando o seu local está certamente a 10 minutos, a pé, do local do sinistro. Os aparelhos são muito perfeitos, mas o pessoal não está (à) altura. — Então não havíamos de acompanhar por cá os acontecimentos em França? Os «Ponnaux» são gente a valer: há indícios de haver nos montes qualquer coisa pelo menos longìnquamente análoga? — Finalmente, o colégio transportou-se ao animatógrafo que atrai todo o Cairo. Como a administração é integralmente constituída por «antigos alunos», não ficarão espantados que tenham convidado em massa todo o colégio da Sagrada Família, o que, entre parêntesis, era o melhor dos reclames: porque a partir do domingo seguinte três

quartos dos pais não devem ter tido descanso antes de lá terem levado os seus preciosos filhos. Isso deu ocasião a uma imponente manifestação: trezentos alunos, pelo menos, numa só fila, a seguirem pelas ruas do Cairo. Nunca se vira coisa assim, e os mirones julgavam tratar-se de uma nova fase da greve escolar que então estava no auge. Voltando ao animatógrafo, ele já passou das cenas familiares ou simplesmente exóticas que outrora se viam nos Lumière. É a trucagem em grande: histórias de Peles-Vermelhas, idas à lua, etc., aliás tudo muito bem feito. — Fui agradàvelmente surpreendido por saber o tamanho das férias do Biel. É simpático por parte dele trabalhar como trabalha, e é um salutar exemplo para os mais novos.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para vós tal como para o Toto e o Joseph. O vosso filho

Pierre

P. S. — Não sabia que Galliéni estava em Clermont. Ouvi falar muito nele por padres de Madag, que estavam *muito pouco* entusiasmados com ele. — Acaba de morrer por cá um bom velho irmão natural de Ceyrat, chamado Ricolène. Falava-me interminàvelmente de Auvergne.

16

Cairo, 8 de Abril de 1906

Querido pai e querida mãe

Apresso-me a agarrar o primeiro momento livre que se apresenta, para lhes escrever, porque nestes dias andamos bastante ocupados. A culpa é dos exames: exercícios nas classes superiores, exames de Páscoa nas inferiores, e tem de se corrigir ou de pontificar numas e noutras. Esta manhã, fiz exames de catecismo à *quatrième* o que me divertiu prodigiosamente, sem dúvida porque era a primeira vez que tinha de tratar com miúdos e porque a vigilância estava reduzida ao mínimo. Um contacto prolongado ter-me-ia provàvelmente desencantado um pouco. — Além disso, aproximam-se os dias santos, com os seus ofícios temíveis para um encarregado de meninos de coro tão pouco liturgista como eu. — Enfim, as férias estão à vista: não as terei completamente livres, porque os candidatos de Maio devem vir de vez em quando para fazer revisões; mas também não é nada de extraordinário. Espero que tenham um céu clemente para a Semana de Páscoa. Os vossos frios tiveram um certo eco aqui, no sentido de que até hoje o tempo arrefeceu bastante. Falo por comparação com a semana passada, em que nos chegou um primeiro pequeno *khamsin*. Assim se chama o vento do deserto, que sopra especialmente na primavera, teòricamente durante 40 dias. Chegam lufadas

de ar absolutamente quente, como diante de um forno, e o céu torna-se cinzento de poeira. Subi ao terraço para gozar a vista do Cairo nesse estado: durante meia hora não distinguimos nada para além de 500 a 800 metros. Tudo estava coberto por uma nuvem de poeira. O príncipe de Gales chegou entretanto, mas precedido por uma chuva que lavou tudo e me permitiu experimentar no deserto sensações de caça de Outono em terra seca, com chuva fina e céu baixo. — Não vi o príncipe de Gales, mas apenas as bandeiras muito numerosas arvoradas em sua honra, e alguns dos nobres xeques, convocados para uma fantasia equestre, passarem gravemente, montados nos seus pequenos cavalos ou nos seus dromadários brancos. Teria constado que a recepção popular fora sobretudo fria e que os soldados ingleses foram apupados. Não me atrevo a afirmá-lo. É certo que os jornais árabes acusam cada vez mais a Inglaterra de utilizar na colonização do Sudão todas as finanças egípcias; mas os leitores árabes daqui parecem-me demasiado apáticos para se preocuparem com prejuízos que, em suma, os atingem muito indirectamente. — Andavam aliás, nestes dias, demasiadamente ocupados a receber os peregrinos de Meca, de regresso com o tapete sagrado, para se preocuparem com o príncipe de Gales. Cada peregrino é visto como uma espécie de santo, doravante digno de trazer o turbante verde. Assim que chega à estação, um cortejo inteiro, que estaciona nos cafés vizinhos, se põe ao seu serviço. À frente vão dois camelos, ridìculamente enfeitados de veludo vermelho e dourado, com campainhas, espelhos, etc., montados por pequenos árabes que batem com toda a força em timbales. Atrás, gesticulam dançarinos, executando danças guerreiras com sabres e micros-

cópicos escudos. Depois, vêm pessoas mascaradas que na ponta de paus trazem pequenas grelhas, cheias de matérias que ardem à noite, envolvidas em tecido vermelho de dia. Finalmente, aparece o herói, muitas vezes em tipóia (!) e de trajo de gala árabe. Até vi exibir um grande coche do século XVII, todo dourado, com criados em pé, atrás, tudo em trajos franceses. Este extravagante veículo aparece de vez em quando nos grandes casamentos: é sem dúvida qualquer costume de há 300 anos. Mas que dizeis deste país onde encontramos, cristalizados, usos há muito esquecidos entre nós, ao lado de métodos de agricultura que não variaram sequer uma linha desde o tempo dos faraós? — Pensava nisso no outro dia, ao andar pelos campos opulentos que rodeiam o Nilo, cobertos por uma cerrada seara de trigo de espigas curtas e comprida barba. Porque acabei por ir até à margem do Nilo, sobretudo na intenção de recolher amostras para um conquiologista de Orão *(M.* Pallary) que me escreveu a pedir conchas do Egipto. As mais notáveis são a raça austera dos hélices *(hélix)* do deserto, desses que com espanto se viu passearem através das vitrinas do British, mais de um ano depois da sua colagem em etiqueta. Mas o Nilo pode ser interessante. Pela primeira vez, apenas vi amêijoa-do-rio (3 espécies no máximo). Uma das espécies, em vez de ser simplesmente nacarada, é de um lindo lilás escuro. O que censuro ao Nilo, pelo menos ao do Baixo Egipto, é ser tão lamacento, e só ter lodo nas bordas. À parte isso, as suas margens são muito alegres e repousantes, por causa da sua riqueza de vegetação (agrícola), apenas um pouco demasiadamente carregadas de *sakiehs* (bombas de água ou noras) puxadas por pequenos touros de olhos vendados. Vi, por exemplo, lindos espécimes de

«búfalas». Parece que apesar do seu aspecto de hipopótamos, dão muito leite. Se o clima lá fosse mais quente, poderíamos aclimatá-las a Vialles. Esquecia-me de lhes dizer que a uns dez quilómetros daqui, no deserto, encontrei uma grande camada de basalto desconhecida ou esquecida dos geólogos. Há estratos quase por toda a parte, aqui no Sinai, e o seu tom negro torna o deserto muito sombrio. Agrada-me estar numa região vulcânica, sem falar no novo campo que se me abre para a mineralogia. — Recebi todas as vossas cartas, além de uma do Biel em resposta à minha. Admirei, mas sem surpresa, a desenvoltura com que trata as sumidades que lhe dão aulas.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para vós bem como para aqueles que as férias vos terão já trazido à chegada desta carta. Sabeis que não vos esqueço e que rezo por ambos.

Pierre

17

Cairo, 24 de Abril de 1906

Querido pai e querida mãe

Apesar de serem agora 5 h 1/2 da tarde, escrevo-vos com uma temperatura próxima dos 33°, e ao meio-dia havia mais de 36 à sombra. Isto representa a primeira visita a sério do *khamsin*, mas não me sinto nada incomodado com isso, excepto, bem entendido, que o acesso

do deserto nos está interdito com tempo assim. Nas areias deve ter estado pelo menos 40° durante todo o dia. Parece que quantos mais anos de Egipto contarmos, tanto mais sensíveis somos ao calor: é certo que esta manhã os meus candidatos de Maio pareciam bastante desmoralizados. Eis agora diversas notícias de desde há quinze dias. Primeiro, devem ter sabido pelos jornais da morte do P.e Martin [18]; é uma grande perda para a Companhia; porque todos os que o conheceram são unânimes em lhe reconhecer uma elevação e uma largueza de vistas pouco comuns. Enfim, é um desses homens a que, podemos contar com isso, Deus reservará dignos sucessores. — Soube também, um pouco antes das vossas cartas, da morte do P.e Rochette [19]. — Dois belos fins. — Tal como se previra, a minha Semana Santa foi amplamente preenchida pelas cerimónias e pelos exames. Estes continuaram a não me aborrecer e aquelas correram bem. Se continuar com este cargo, já ganhei o jeito para o ano que vem. O mais delicado é ainda manter as crianças mais ou menos calmas no sábado santo, uma hora antes da sua partida para férias. Na quinta-feira santa, umas pouco banais visitas a repositórios, que quase se tornaram em explorações. Há cá um antigo bairro de ruas tortuosas e inverosìmilmente estreitas onde se anicham capelas de todos os ritos possíveis, copta, maronita, arménio, grego, etc., restos do tempo em que os católicos

[18] Espanhol, superior geral da Companhia de Jesus.

[19] O Padre Henri Rochette de Lempdes (1834-1906) era parente dos Teilhard; dotado de uma vontade de ferro, foi um enérgico reitor de colégios (Mongré, Moulins, Marseille, Lyon), até à lei de 1901.

eram relegados para uma espécie de *ghetto* no meio do Cairo muçulmano. Graças a duas boas senhoras que também faziam as suas visitas e cujos passos seguimos, foi-nos possível descobrir todas essas igrejas, na maioria irreconhecíveis do exterior. — Como vos dizia, os meus alunos grandes continuaram a vir na semana passada. Isso não me impediu de, na segunda-feira de Páscoa, fazer uma excursão de todo o dia pelas montanhas entre o Cairo e Heluão (a uns trinta quilómetros para o sul na margem direita do Nilo). A manhã foi preenchida com a visita às antigas pedreiras egípcias, cavadas em cheio na falésia que termina as montanhas quando chegam à planície do Nilo. Os árabes actuais têm medo dos buracos e já só trabalham ao ar livre. Os seus predecessores arranjaram maneira, a fim de seguirem as camadas de boa pedra, de cavar belíssimas e enormes galerias que me lembraram aquelas que vi em Saint-Paul-Trois-Châteaux durante a minha peregrinação de noviciado. Aqui e ali, operários esculpiram uma estela, ou cenas religiosas, ou pintaram grosseiramente brazões faraónicos. Encontrámos mesmo uma inscrição grega, muito bem conservada, dirigida a um Alexandre II e sua família. O que era muito belo era ver, do fundo das areias, através das baías das aberturas, o vale do Nilo com uma série de 15 a 20 pirâmides ou respectivas ruínas. Estas pedreiras foram utilizadas na construção das pirâmides, e ainda existem vestígios da calçada que servia para o transporte. A distância é considerável, e tinha que se transpor o Nilo. À tarde, deixámos o vale do Nilo para nos metermos um pouco mais para leste. Em boa hora o fizemos, porque há ali verdadeiras pequenas montanhas (364 m, mas partem de um nível de 30 m no máximo) muito

nuas, mas retalhadas e rasgadas de precipícios, de onde nos debruçamos sobre alturas de pelo menos cem metros. É perfeitamente agreste, com um horizonte imenso. Bastantes fósseis, ostras sobretudo; trouxe todavia um lindo náutilo, além dos hélices modernos para o meu correspondente de Orão. Nos fundos havia algumas lindas flores, entre outras uma escrofulária carmesim; mas o meu amigo Bovier, desprovido de flora egípcia e de botânicos indígenas, está um pouco desorientado quanto à classificação da flora dos *ouadi*. Esse dia (segunda-feira de Páscoa) era o dia do Cham-el-Nessim, festa local em que toda a gente do Cairo salta para os comboios dos arredores, com a família e uma merenda fria para comer no campo. Mas como o campo de que se trata não é evidentemente o deserto, estivemos sòzinhos como de costume, à parte que no regresso os comboios do Cairo estavam cheios ao ponto de nos infligirem um atraso sério. — Na quinta-feira de Páscoa, todo o pessoal do Colégio se transportou num barco pequeno à barragem construída no sítio em que o Nilo se divide em dois (braços de Roseta e Damieta). Os encantos da barragem devem-se sobretudo a um belíssimo parque que aí é mantido pelo Estado. Já o tinha visto em Janeiro; mas agora tem um aspecto feérico, cheio de flores e de árvores exóticas, cujos nomes a direcção infelizmente se esquece de dar. Há especialmente uma abundância de grandes piteiras com flores da altura de vários metros. Dentro, corre uma população de lagartos, entre os quais muitos *uromastix:* grandes, com cabeça de camaleão, rabo coberto de espinhos, bons trepadores de árvores. Nas areias do Nilo encontrei nuvens de pequenas cicindelas, duma espécie que ainda não conheço, de que tive grande dificuldade em apanhar cinco

ou seis exemplares. Não creio ter já encontrado coleópteros que voassem tão bem: estes dão-se ao luxo de voltear antes de pousarem, como moscas. — A descida do Nilo permitiu-me ver de bastante perto grandes bandos de patos: bastante pequenos, ruços, de cauda escura, com o corpo mais ou menos da mesma cor e com uma lista nas asas brancas. Pequenas andorinhas cinzentas, cujos ninhos se cavam no lodo da margem, chilreavam literalmente. Já que estou na fauna, interessará à Guiguite ver o aspecto aproximado de 2 espécies de carochas, trazidas de Ismaília pelo meu amigo Bovier-Lapierre, onde tinha ido, por sua vez, acompanhar alunos. Não encontrou como eu uma margem coberta de pequenos hipocampos, mas em compensação tinham aparecido os insectos. As carochas aqui representadas são absolutamente negras, com manchas de um branco mate que parecem feitas com espessa pintura a óleo. Creio que é um género bastante espalhado em África. Este Inverno, Iñès bey contava-me que um casal de naturalistas (um senhor e sua mulher) acabava de passar pelo Cairo, em direcção a Karthum, para aí procurar carochas desse género ou de géneros afins. A n.º 2, muito diferente da sua vizinha, produzia um ruído estridente quando a quisémos apanhar. Ismaília também forneceu um enorme *scarites*, mas perfeitamente clássico. — Finalmente, no domingo passado, no meio de um calor tórrido, encontrei uma enorme aranha, do comprimento de onze ou doze quadrados deste papel de carta, e coberta de compridos pêlos dourados. Devia ter sido repentinamente incomodada e procurava visìvelmente esconder-se à sombra dos nossos pés. Infelizmente, não tinha frasco para a meter; enquanto tentava segurá-la com o meu martelo para melhor a observar, um árabe

manifestava profundo terror e incitava-nos a matá-la. Deve ser uma espécie venenosa; mas pelo que me dizia Iñès bey nenhuma é habitualmente mortal no Egipto. — Continuo a minha carta na quarta-feira de manhã (25): o regresso às aulas acaba de se efectuar e por uma temperatura que parece querer ultrapassar a de ontem, para maior felicidade da vegetação. As acácias *libester*, principal sombra de cá, acabam de perder as suas folhas, o que anuncia o brotar das outras em curto prazo. Algumas já verdejam. As figueiras da Índia cobrem-se de grandes flores amarelas e as borboletas aparecem: danaides ou simplesmente vulgares borboletas da couve, ou maravilhas. Ainda não vos disse que há mais ou menos dois meses que temos morangos; os figos e os damascos (chamados *mich-mich)* estão suficientemente grandes. — Durante as férias, certo número de alunos fez, com o R. P.e Reitor, a peregrinação a Jerusalém, com um grupo de Alexandria. É um costume que tende a estabelecer-se. Voltam hoje e não devem ter frio no comboio, sobretudo entre Port-Said e Ismaília. — Recebi ontem a carta do pai do dia 17. Não o sei informar sobre a fonte exacta dos basaltos do deserto: o Sinai é granítico, mas as montanhas do Mar Vermelho são suficientemente vulcânicas para que lhos possamos atribuir.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para vós assim como para a Guiguite, para o Joseph e para o Toto. Bem sabem que não vos esqueço e rezo por todos.

Pierre

18

Cairo, 9 de Maio de 1906

Querido pai e querida mãe

Hoje, os candidatos ao bacharelado egípcio fazem os seus últimos exercícios, e é o dia da física para os da Secção de Letras. Simplesmente, esta matéria tem para eles uma cotação tão fraca que não me inquieto nada com isso. Os alunos de ciências para quem, pelo contrário, ela tem importância, fizeram exame na terça-feira, e estão contentes. Pessoalmente, lamento que lhes tenham feito perguntas tão fáceis. Os meus alunos eram bons, e um assunto menos banal tê-los-ia sem dúvida feito brilhar, coisa útil quando os candidatos são legião, como este ano: quase oitocentos. Teve de se construir uma grande tenda para os conter. — Outro inconveniente desta afluência é que os resultados não se saberão antes de três semanas, na melhor das hipóteses. — Isto é evidentemente o grande acontecimento da quinzena. Dentro do colégio, prepara-se activamente uma representação de *Voyage en Chine* para a festa do P.e Reitor, no domingo dia 20. Promete sair bem, e a grande atracção vai ser um cenário que representa uma coberta de navio, com mastros, chaminé e o mar ao fundo. — Quanto a mim, estou evidentemente muito aliviado pela partida dos filósofos, e o meu ano está virtualmente acabado. Muitos alunos fazem aliás o mesmo raciocínio, e começamos a ouvir falar em

próximas partidas para a Europa e sobretudo para França, onde qualquer habitante do Cairo um pouco abastado vai passar os três meses de verão. Por agora, o que grandemente preocupa muitos alunos é a criação dos bichos-da-seda. Quase todos têm, pelo menos os mais pequenos, uma caixa cheia desses interessantes animais; compram-nos entre eles, e nada me diverte tanto como ver os meus miúdos judeus discutirem o preço corrente ou falarem das associações que fazem entre si. Nunca teria imaginado que eles tivessem tão realmente o instinto do comércio. A respeito de lagartas, é a altura daquelas da esfinge do loureiro-rosa. Vêem-se muitas vezes vestígios delas, mas não é fácil encontrá-las: até à data só apanhei uma, e essa morreu miseràvelmente. Podem dizer à Guiguite que um casulo da lasiocampa da mimosa, o único que ainda tinha, acabou por abrir, dando uma pequena borboleta cinzenta escura e felpuda; mas só a vi tarde demais e ela teve tempo de se estragar ao voar. —Desde a minha última carta, o tempo arrefeceu notàvelmente; no domingo, fiz uma excursão por esses terrenos vagos, que em parte são escombros, outra cultura e outra deserta, que estão ao sul do velho Cairo. Um sítio em especial, onde um velho aqueduto árabe sai de uma região rochosa para repentinamente acabar no meio de campos de bela terra negra, lembrou-me certas gravuras que representam a província romana. Um felá ao ver-me bater num rochedo, veio com curiosidade ver o que fazia, e ao distinguir o ínfimo fóssil que eu acabava de tirar, pôs-se a rir como um perdido, e aliás eu também. Estes orientais são crianças grandes, e mordo-me todo por não saber árabe: depressa faria amigos, e estou convencido de que a maior parte dos preconceitos vêm de passarmos

contìnuamente uns pelos outros como cães de louça, absolutamente isolados uns dos outros por falta de uma linguagem comum. Esta gente tem bom coração e fàcilmente lhes faríamos bem, porque são simples e pouco habituados a atenções. Depois de ter deixado o meu felá, encontrei outros dois, mas muito mais selvagens e que não devem ter visto europeus muitas vezes: seguiram-nos durante muito tempo, com olhos brilhantes de gato bravo, e como que petrificados de espanto. Imaginem que eles nem sequer gritaram: «*Bakchich*», o que um árabe nunca se esquece de fazer quando o encontramos fora da cidade, e até muitas vezes dentro dela. A respeito de *bakchich* (quer dizer, gorgeta, como sabem), lembro-me da indignação do P.e Marois [20] no mês de Janeiro, quando, no regresso de Gizé, um empregado de eléctrico lhe disse: «Tu teres ido às Pirâmides? Dá *bakchich*». A razão é magnífica. — No fundo, creio que a gente de cá deve achar o nosso aspecto, o do P.e Bovier-Lap. e o meu, um pouco estranhos. Somos quase os únicos habitantes do Cairo a andar de sacos, martelos, etc., e além do mais, os árabes continuam a acreditar na pedra filosofal e a procurá-la por meios pueris. *M.* Fourtan ouviu o superior de um convento copta ortodoxo (i. e. cismático) do Alto-Egipto dizer-lhe que o que ele procurava não eram fósseis, mas pedras para transformar em ouro. O povo diz que o segredo da transformação foi descoberto noutro convento copta do Alto-Egipto, cujas portas estão desde essa data hermèticamente fechadas. — Creio ter-lhes dito que apanhámos nos escombros do Velho Cairo

[20] Então professor no colégio de S. Francisco Xavier em Alexandria.

antigas cerâmicas com brasões. A colecção já vai muito adiantada e faz um lindo efeito. Fiquei surpreendido com tantas flores de lis. — O defeito desses brasões é que não se ligavam a uma família, mas a uma função, o que diminui o seu interesse. O P.e Bovier-Lap. é muito mais fanático do que eu por essas coisas, e alegra-me o seu entusiasmo quando topamos com um fragmento de mármore enfeitado com algumas letras cúficas (árabe antigo). — Menos ainda do que aí nos damos aqui conta do que valem as eleições. Mas elas não têm um ar famoso. Faço votos por que pelo menos Puy de Dôme tenha conquistado um bom representante. — Recebi regularmente todas as vossas cartas e mais uma do Biel. — Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo e rezo por vós e pela família.

Pierre

Saudades ao Joseph. Incito-o a sondar os veios de quartzo dos granitos.

19

Cairo, 31 de Maio de 1906

Querido pai e querida mãe

Recebi ontem as vossas cartas de 21 e de 24 que me deram muita alegria, excepto, bem entendido, a notícia da provação a que mais uma vez é submetida essa pobre Guiguite, precisamente no momento propício dos reflectores, tal como ela me fez notar. — Os meus particulares

parabéns ao Joseph, pelos seus primeiros passos na fotografia; guardarei preciosamente as 2 provas que a mãe me mandou: sobretudo, não é banal possuir a imagem do meu padrinho diante do portal de Sarcenat. Pensei que em paga disso vos divertiria ver a minha figura de *fez*, bem como o aspecto de 2 dos meus alunos, um grande e bom diabo copta a quem pedi emprestado o chapéu e um italiano muito mais vivo do que aquilo que se possa pensar ao ver o seu ar modesto. Aliás, não desespero de vos fazer chegar um dia o meu retrato e o de todos os filósofos. Já que estou a falar deles, fiquem sabendo que tiveram um belo êxito: 11 admitidos em 15, dos quais 5 alunos de ciências em 6. As listas por ordem de mérito ainda não sairam, mas a média é mais que satisfatória. Dá prazer ver a alegria deles: aliás, estão ainda nas primeiras emoções do triunfo, porque as orais só acabaram anteontem. — Foi só no domingo passado que teve lugar a festa do P.e Reitor, muito original em certos aspectos. Primeiro, é costume os alunos trazerem víveres, cujo destino final é a casa das Irmãzinhas dos Pobres, ou pelo menos a sua análoga no Cairo. Desde a ante-véspera que as mesas se carregam das mais variadas ofertas: vinhos, licores, cigarros, pães de açúcar, batatas e especialmente macarrão em abundância. O mais bonito são os animais vivos: este ano contavam-se 6 gansos e 6 belos carneiros, todos coroados de rosas. O carneiro é o dom por excelência do rico proprietário do Alto-Nilo. — No próprio dia da festa convidam-se todos os professores para jantar, e não é banal sentarmo-nos à mesma mesa com xeques majestosos em vestido *(galabieh)* de seda e belo turbante. O êxito do dia foi a execução de *Voyage en Chine*, que atraiu uma

enorme multidão de pessoas de família. Entre os actores contavam-se antigos alunos que representam como artistas a sério, e os alunos não antigos, chamados sobretudo para formar os coros, cantaram muito bem. Lord Cromer assistiu a uma parte da peça, presidida pelo procurador da França. — Em Alexandria, colégio mais clássico do que nós, dava-se no mesmo dia uma representação das Erínias de Ésquilo, adaptadas por Leconte de l'Isle. Parece que também saiu muito bem; mas creio que na gente do Cairo tal assunto deixaria a impressão que num europeu deixa uma peça árabe: — Um retórico, deve-se dizer que egípcio de raça, declarou-me que não achava bonita a música de *Voyage en Chine*. — No dia seguinte à festa do P.e Reitor, e aproveitando um feriado, fomos explorar, o P.e Bovier-Lap. e eu, as ruínas de uma antiga cidade mais ou menos judia e egípcia, chamada On. Para ir até lá tem de se andar uma hora de caminho de ferro para o noroeste do Cairo: após do que sem muita dificuldade descobrimos os escombros, depois de 3/4 de hora de caminho a pé por terra felá. O aspecto das ruínas é o de todas as velhas cidades egípcias. Sobre uma ondulação de terreno (ou *tell*), mais ou menos arrombada pelas escavações ou pelos trabalhos dos indígenas que procuram velhos fragmentos de tijolo para fazerem betão, estende-se um revestimento de cascalho e sobretudo de grosseiras cerâmicas, telhas grossas, fragmentos de ânforas. Aqui e ali aparecem velhos muros em tijolo cru, como ainda hoje se constroem, e alguns enormes blocos de sienito, cobertos de hieróglifos, e de alabastro. É muito pouco, o que não impediu que este ou aquele sábio reconstituísse todo um traçado da cidade, com todas as medidas, exactamente: infelizmente, o próprio Maspero confessa que isso não passa de imaginação. O P.e Bovier-Lap. apanhou um certo número de asas de ânforas com marcas gregas, e tive a sorte de encontrar uma serra em sílex, do comprimento de um dedo, com dentes perfeitamente conservados. Teve a boa sorte de agradar a Maspero e figurará, um destes dias, no Museu. Não conhecemos muito bem a época nem o uso desses instrumentos de pedra, muitas vezes muito artísticos, e que encontramos em vários pontos do Egipto. Uma opinião provável faz deles instrumentos sagrados, cujo uso se perpetuou muito tempo depois da utilização dos metais. Independentemente do interesse arqueológico, On é um sítio muito pitoresco. É o Delta em cheio, com campos de trigo e de algodão, pequenos bosques de palmeiras e de mimosas, cada um sombreando uma *sakieh* que uma «búfala» faz girar; mas é a orla do Delta, e atrás dos campos verdes vemos começar as dunas brancas do deserto, que se vão elevando para os lados de Suez, o que quebra a monotonia das terras cultivadas. Há mesmo, precisamente na orla do deserto, uma grande camada de basalto, idêntica à que encontrei neste Inverno, mas bastante activamente explorada por forçados. Já os habitantes de On utilizavam a pedra de lá. Por infelicidade, é uma rocha compacta em que não há qualquer probabilidade de encontrar lindos minerais. — Deve interessar ao Joseph saber que encontrei no deserto uns muito belos cristais de celestina, sobretudo um, do comprimento de uma mão e da grossura de um braço. Infelizmente, são pouco transparentes. No mesmo dia, encontrei um belo cardo de flor azul em bola, muito semelhante aos dos canteiros de Sarcenat, com a dife-

rença de que as folhas, muito finas, estavam mais ou menos reduzidas ao estado de espinhos. — Esqueci-me de vos falar de uma visita que fiz a um parque de avestruzes, instalado no deserto, perto de Matarieh. Estão lá várias centenas delas, muito bem aclimatadas, e rendendo muito ao seu proprietário, sobretudo pelas suas penas: tiram-lhes as grandes penas em Novembro, e as penas pretas do corpo em Maio. As grandes têm ar de serem bichos terríveis. — Adeus querido pai e querida mãe, um beijo para vós, assim como para o Toto e para o Joseph. — Rezei muito por vós todos a N.-D. du Port [21], e este mês farei o mesmo com o Sagrado Coração.

Pierre

20

Cairo, 16 de Junho de 1906

Querido pai e querida mãe

Exactamente dentro de um mês as crianças partirão para férias, e já as suas filas começam a abrir clareiras; no Oriente, não se faz cerimónia em partir um mês antes de acabar o ano, nem em voltar para o colégio um mês depois dele começar. — A classificação geral dos novos bacharéis de Maio passado acabou por sair, e

[21] Em Clermont. Era no célebre santuário de Notre-Dame-du-Port que os pais de Pierre costumavam ouvir juntos a missa da manhã, quando estavam em Clermont.

completou os êxitos do colégio. Na secção de ciências temos o 2.º e o 5.º, o que é muito bom. Dizem que o 1.º lugar está mais ou menos reservado aos candidatos do governo, mas não sei se é verdade. — Por agora, há sobretudo a assinalar aqui o calor: desde há alguns dias que temos regularmente 40° a meio do dia. Mas que a mãe sossegue a meu respeito: sou certamente um dos da casa que menos sofre com esta temperatura. O único senão é que o deserto é mais ou menos inabordável agora: chegam lá lufadas de ar quente. Forçoso nos é pois, com o P.e Bovier, mantermo-nos pelas terras cultivadas, que batemos com admirável constância. Infelizmente, e sem dúvida por causa da sua criação artificial, são pobres em plantas, e os próprios insectos são bastante raros. Em grande parte, aliás, escondem-se à porfia durante o dia, com excepção de alguns como os mílabres, de que apanhei 3 espécies, e os buprestes. Destes, apanhei 2 espécies, um de cor violeta escuro, outro cobreado, com manchas amarelas, um pouco como um *octoguttata*. Este pareceu interessante a Iñés bey, que não o conhecia, tal como um *ptinus* encontrado em numerosas famílias num velho fundo dum vaso de cerâmica dos escombros, e um hélix do deserto proveniente de uma das minhas excursões deste Inverno (a que foi em camelo). — Esta semana estou a preparar um sermão aos alunos, sobre S. Luís Gonzaga, e a procissão do Sagrado Coração, que se faz com grande pompa, apesar das proporções um tanto exíguas do pátio e do jardim. Isto lembra-me o tempo em que me preparava para o mesmo fim nas grandes avenidas de Mongré. — Com isto tudo não tardareis a recuperar o Biel; faço votos por que o Yéyé faça parte da primeira categoria

para a oral. — Por cá, a opinião geral está bastante impressionada com um incidente que se deu há pouco nos arredores do Cairo. O comandante de uma tropa inglesa que, segundo um costume anual, fazia a pé o trajecto daqui a Alexandria, foi espancado por alguns indígenas, e um oficial foi mesmo morto. Parece que esses senhores, andando a caçar, se lembraram de atirar a um pombal, e que no decurso dessa operação uma mulher indígena foi ferida. Então a aldeia veio cá para fora armada de cacetes. — A coisa não terá certamente mais consequências, porque os ingleses, por agora, não têm mais nada a ambicionar aqui do que o que já têm. Além disso, há uma semana que o Cairo está privado de jornais europeus: como os tipógrafos pediram reformas, os directores entenderam-se para suspender os trabalhos até que o acordo se faça. O primeiro deles que se lembrasse de publicar o seu jornal sem o consentimento dos outros apanharia uma multa de 50 libras. — Até lá, os jornais reunidos publicam todos os dias um sumàriozinho de notícias, policopiado. É bastante original. — Como em todo o bom colégio, este é o mês dos exercícios com prémio; tal como de Mongré íamos à tarde a Jassans, os internos vão cear a Matarieh, onde sobretudo o tanque é para eles uma grande fonte de alegria. — Ainda não fui ver o jardim zoológico de Gizé que, segundo parece, é muito bonito. Em matéria de macacos apenas encontro bastantes vezes, nas ruas, as espécies de cinocéfalos de Suakim, que são muito simpáticos e têm um muito bonito pêlo sedoso. — Recebi regularmente todas as vossas cartas, e estou contente com as boas novas da Guiguite: mas a questão da Delphine deve aborrecer-vos muito. — O pai não tem razão em considerar o Egipto como tórrido. Todas as árvores de cá, mimosas, acácias *libester*, só estão sem folhas quinze dias por ano, em Maio; e os campos, um tanto secos depois da ceifa, vão reverdescer com a inundação. Cá, o grande inimigo da verdura é a poeira que cria crosta nas folhas. — No mês passado deu-se a deslumbrante floração de uma árvore importada de Madagáscar, a *poinciana regia*, bastante afim das acácias (o douto P.e Bovier diz que é uma cesalpínia) que se cobre de grandes flores de um vermelho vivo, um tanto análogas, quanto à forma e à dimensão, a flores de chagueira. Há-as em todos os jardins. — No dia de Pentecostes fez-se cá a 1.ª Comunhão. O P.e Garraud pregou o retiro às crianças, e fui eu, graças aos meus tempos livres, que as vigiei durante uma parte do tempo. O P.e Garraud estava contente por ter um *auvergnat* ao pé dele, e, por minha parte, fiquei contente por ajudar um pouco os seus miúdos. — Recebemos cá a visita de um chefe de repartição do Ministério da Instrução Pública, que veio a título de inspeccionar o ensino francês no Oriente. Não tinha qualquer direito de se impor a nós, e deve tê-lo sentido, porque mandou mais ou menos pedir autorização para visitar. Tudo se passou muito bem: interrogado por ele sobre a moral da fábula do cão e do lobo, um miúdo judeu respondeu: «É melhor quando somos livres», e não deve ter percebido todo o alcance do que dizia. — Na 7e, um miúdo, interrogado sobre o que fazia no recreio, respondeu cândidamente que não brincava porque tinha perdido todos os seus berlindes. Como se impunha, o poderoso visitante declarou que o P.e Reitor lhe daria uns em nome dele.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo, bem como à Guiguite e ao Toto, e rezo por todos

vós ao S. Coração. — Se a Guiguite tiver tempo, que me pinte a *silpha* com 4 pontos na sua próxima carta.

Pierre

21

Cairo, 30 de Junho de 1906

Querido pai e querida mãe

Para não chegar muito depois dos anos da mãe, escrevo esta carta muito perto da anterior, de modo que as notícias não abundam. — A época das grandes festas acaba de terminar, e com ela a preocupação de um sermão, de que felizmente me libertei na festa de S. Luís Gonzaga, e da procissão do Santíssimo, em que os meus meninos de coro evoluiram bastante bem. A esta só faltava mais espaço; como no 8 de Dezembro em Matarieh, o exército inglês estava representado por um bom grupo de irlandeses, que se portou muito bem. — No colégio, estamos nestes últimos quinze dias em que arrastamos o fim de um ano virtualmente acabado: os exercícios de prémio e boa parte dos exames acabaram, e os alunos são poucos. A minha próxima carta datará da véspera ou do dia seguinte à distribuição dos prémios. — Depois, serão dois meses e meio de férias, dos quais três semanas em Alexandria, mesmo à beira-mar; como, aliás, estou óptimo, a mãe pode estar sossegada a meu respeito. — Uma partida que vai desgraçadamente modificar

a minha existência é a do P.e Bovier-Lapierre, que nos deixa na próxima semana para ir para a faculdade de medicina de Beirute. Vai fazer-me falta; contudo, como desde há quatro anos tenho visto surgir sempre um fiel companheiro que partilhe os meus gostos, espero que desta vez também a Providência mande para o Cairo um homem de recursos. Mas ainda não sabemos quais serão aqui os do ano que vem. Quanto ao meu destino, creio que está bem determinado e continuará o mesmo. — Na semana passada, aproveitámos de um dia bastante pouco quente para ir dar uma volta pelas areias. Aí matei a minha primeira cerasta. Dormia em cima de uma pedra e não a estraguei nada. Não é maior que as nossas víboras, muito curta, mas com tons amarelos e castanhos muito bonitos, idênticos aos da areia; além disso, as escamas não são lisas, mas rugosas, quase eriçadas. É sobretudo a cabeça que é bonita, muito larga, com um nariz muito curto, e sobretudo 2 chifres sob os quais brilham uns olhos de extraordinária dureza, mesmo depois da morte. Em resumo: as representações de Brehm são totalmente fiéis. Verifiquei nesse dia que o deserto, inanimado de dia, se enche à noite de animais que saem de todos os buracos. Um *ouadi* arenoso estava completamente sulcado de rastos de serpente; e durante 200 metros seguimos as pisadas de um grande lagarto cujas patas deixavam uma distinta marca de 7 a 8 centímetros de comprimento, sem dúvida algum sáurio. Mas quando o sol vai alto, tudo isso se esconde nos buracos que vemos quase por toda a parte. — Descobri aqui, no quarto de um padre versado na história da região, um livro do cónego Belon, de Mans, sobre a fauna, a flora e os costumes do Egipto, que é absolutamente delicioso.

O pai conhece-o, é claro. Faço tenções de o ler todo. Notei, entre outros, um rato do Faraó, nada mal representado, mas cujo rabo, por falta de lugar, foi transferido para cima do animal: o autor tem o cuidado de notar que isso não passa de uma habilidade do tipógrafo, e que de modo algum é uma realidade. — Devemos achar neste livro pelo menos o «pardal solitário». — Recebi a obra do pai sobre a viagem dos indígenas de Montferrand; talvez não acredite, mas digo-lhe que aquilo me interessou. Vou mostrá-la aos *auvergnats* da casa, P.e Garraud e P.e Huguet. — Estou contente por o pai ter ido a Amiens, e o Biel ter podido participar na viagem. Penso que este vos será devolvido em breve, enquanto não vem o Yéyé. Durante esse tempo é a pobrezinha da Guiguite que faz penitência.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo, assim como ao Toto e rezo muito por vós.

Pierre

22

Cairo, 21 de Julho de 1906

Querido pai e querida mãe

Eis que começaram as férias para nós, e mesmo assim, apesar dos meus tempos livres, já levo atraso em escrever-vos. A distribuição dos prémios teve lugar na segunda-feira à tarde, segundo os ritos habituais. A cerimónia fez-se ao ar livre, à sombra de um grande toldo multicolor de uso extremamente frequente no Cairo. Não há casamento ou funeral importante em que não se veja erguer desses tapetes com arabescos vermelhos e amarelos, destinados a abrigar os numerosos visitantes que vêm tomar uma xícara de café. — Se insisto neste pormenor, é porque nessa mesma noite toda essa pompa nos iria proporcionar as emoções de um incêndio. Por volta das 10 horas (devo dizer-lhes que o toldo estava erguido mesmo debaixo das minhas janelas), experimento a desagradável impressão de um despertar num quarto iluminado por reflexos de chamas. Por razão que não pudemos esclarecer, o toldo ardia com grandioso brilho, no meio das vociferações do pessoal de criados sírios que povoa a casa. Da minha posição avançada entreguei-me ao prazer de inundar o lugar do sinistro; o fogo foi aliás imediatamente circunscrito e a aventura ficou sobretudo na esfera do cómico. — Como vos dizia na minha última carta, ficamos cá até aos primeiros dias de Agosto; no dia 6 vamos para Alexandria, para um clima menos quente, mas muito mais húmido. As vantagens dessa estadia estão sobretudo na mudança de ares e na vizinhança do mar. — A não ser que lhes diga o contrário, continuem a endereçar as vossas cartas para o Cairo. — Os dias que precederam as férias passaram-se de uma maneira bastante amortecida, no meio de alunos diminuídos em número e excitados pela aproximação das férias. Foram tristemente assinalados pela morte de um aluno de retórica. Pude nessa ocasião verificar, em todo o seu transbordar, as manifestações de dor orientais. Durante o enterro, houve, por parte das mulheres da família, gritos estridentes que

se ouviam em toda a rua. — Temos um tempo bastante fresco; infelizmente, o meio do dia, das 10 às 3 ou 4 horas, não é utilizável para passeios, por causa do sol, o que me impede de correr as redondezas como quereria. Fiz, contudo, uma sortida bastante grande, para ir apanhar escorpiões numa colina que parece ser especialista neles; mas regressámos com uma sede terrível. Consolo-me batendo as tamargueiras e as mimosas. — Espero com certa impaciência as impressões ou os resultados definitivos dos exames. As notícias da Françoise deram-me gosto: podem dizer-lhe que recebi realmente a sua carta de Tourcoing. — Já ouvistes certamente falar da árvore da Virgem em Matarieh[22]. É uma velhíssima figueira sicómora, rebento, diz a tradição, de uma árvore que teria dado sombra à Sagrada Família no Egipto. Sob o peso dos ramos, partiu-se metade do tronco na semana passada, e o que resta não vale grande coisa. Claro que se vai cultivar outro rebento, mas já não terá a mesma majestade. A árvore está num jardim pertencente ao Quediva, mas temos entrada livre lá. O Quediva, que é o homem dos lucrozinhos, só por um preço exorbitante queria vender o lugar da árvore.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo, tal como à Guiguite e aos rapazes, e rezo muito por todos vós.

Pierre

[22] *Cf.* Michel Jullien, s j., *L'Arbre de la Vierge à Matarieh* (1904).

23

Cairo, 5 de Agosto de 1906

Querido pai e querida mãe

Partimos amanhã para Alexandria, e creio que é duma prudência elementar, do ponto de vista da regularidade da nossa correspondência, escrever-lhe antes de partir. Não vamos exactamente para Alexandria, mas para alguns quilómetros a leste dela, para perto de Ramleh, para a casa de campo do colégio. Já vi mais ou menos o sítio há um ano: a sua grande vantagem é estar exactamente à beira-mar, o que, a falar verdade, é quase o único encanto da estadia. Em comparação com o Cairo, Alexandria é monótona; mas consolo-me fàcilmente disso, pensando que vou familiarizar-me com as algas, moluscos, etc., do Mediterrâneo. Há também o deserto, que começa a oeste, relativamente perto, e estou com curiosidade de ver o seu aspecto que deve ser o mais plano possível; mas preciso de um companheiro determinado. Se ao menos Fréd. de Bélinay ainda lá estivesse! Creio ter-vos dito que está em Cantuária. — Estes quinze primeiros dias de férias passaram-se muito descansadamente, com um tempo relativamente pouco quente (nunca passando dos 35°), apesar de se tornar cada vez mais húmido por causa da enchente máxima do Nilo, nos princípios de Setembro. Penso ver amanhã o Delta em todo o seu esplendor, por causa dos campos

de algodão em flor, e já suficientemente inundado. Duas excursões ao Mocatão, com alguns alunos, valeram-me um grande cristal de celestina com as dimensões de um punho e uma colheita de dentes preênseis de peixe (em forma de unhas de gato) ainda mal conhecidos. Enquanto espero que o *M.* Fourtan estude estes, mandei o primeiro a um mineralogista do *Muséum*, que me pedira da dita substância. A respeito do *Muséum* ando virtuosamente a apanhar crisálidas para *M.* du Buysson: ainda há bastantes, pegadas aos muros de tijolo cru que abundam nos arredores das aldeias, e há espécies muito bonitas. Penso mandar os meus achados ao seu destinatário quando voltar de Alexandria, onde espero completá-los. Apanhei mais alguns insectos interessantes: um pequeno bupreste verde metálico, nas mimosas, e outro da mesma cor, mas do tamanho de um grande dítico, nas tamargueiras. Este não é raro. — Nesta altura pulula uma grande cetónia negra sarapintada de amarelo, muito bonita, que gosta sobretudo da hena, árvore donde os indígenas tiram a tinta com que pintam as unhas de vermelho. — Noutra ordem, vi esta semana pela primeira vez o grande guarda-rios branco e preto de que o pai me falava no princípio do ano a respeito das saxícola. Havia três, por cima de um canal, muito pouco medrosos, e a fazerem boa pesca, porque esses canais regurgitam de peixes. — Finalmente, visitei as ruínas de uma muito antiga mesquita do Cairo: dela restam sobretudo os minaretes, torres redondas, mas curiosamente rodeadas, até meia-altura, por uma grossa torre quadrada, de tal maneira que entre ambas há um vazio de mais ou menos dois metros de largura. Este facto deve-se sem dúvida à mesquita estar ligada às antigas muralhas, que podemos acompanhar muito tempo por um caminho de ronda, exterior, e por outro abobadado, interior, muito bem construído. O cimo da escada em caracol que leva ao alto da torre é o refúgio de centenas de morcegos, pendurados por toda a parte, e cujos excrementos acumulados em montes deitam tal cheiro que, apesar da ciência, tive de bater em retirada. — Do exterior, tem-se uma vista magnífica sobre todos os velhos bairros do Cairo, cobertos de minaretes, percorridos por ruas tortuosas apinhadas de camelos, de melancias, de ovelhas e de árabes. Todo este movimento, visto de cima, longe do cheiro e da curiosidade indígena, era duplamente curioso de observar. — Está-se a restaurar esta mesquita, como muitas outras na cidade. É uma boa obra, porque nisso fizeram os turcos coisas muito bonitas. — Nestes dias, li um livro cheio de interesse para quem viu um pouco as coisas do Oriente, *Les mémoires du marquis de Nointel*, por Vandal: a maioria dos aspectos dos costumes notados em Constantinopla, no reinado de Luís XIV, encontram-se ainda hoje por cá. — Para remontar mais atrás ainda, fiz uma segunda visita ao museu de egiptologia. Como qualquer museu, é um mundo, e saímos de lá atordoados: a grande novidade é a vaca Hathor, com a qual, segundo parece, Maspero está entusiasmado. Encontraram-na este Inverno para os lados de Luxor. Hathor é uma deusa adorada sob a forma de uma vaca, e da qual se possuíam já estátuas, mas nenhuma tão grande, nem sobretudo tão bela como aquela. É de tamanho natural, pintada de ruço e de branco, e de facto maravilhosamente observada como vaca. O Petit-Jean cairia em êxtase. O jovem rei Amenotep mama nela com ardor. — Recebi regular-

mente todas as vossas cartas. Penso que o Joseph e o Biel terão recebido as minhas. — Naturalmente, pensei ontem muito em vós e na minha afilhadazinha[23]: que ela proteja a família.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo, bem como ao Yéyé, à Guiguite e aos outros, e rezo muito por vós.

Pierre

Junto dois selos que o Toto e o Gonzague talvez não tenham.

Como lhes disse, o mais simples é escreverem para o Cairo.

24

Alexandria, (Sidi-Gaber), 9 de Agosto (1906)

Minha querida mãezinha

Parece tão convencida de que estou mesmo sem forças, que quereria que esta carta levasse só um dia daqui até Sarcenat, para a tranquilizar. Dou voltas à cabeça para saber o que é que em qualquer das minhas cartas poderia tê-la levado a pensar nisso. — Estou realmente perfeitamente bem, e repito-lhe que o calor não me incomodou absolutamente nada. Escrevo-lhe de um

[23] Sua irmãzinha Marie-Louise, que morreu em 4 de Agosto de 1904, com treze anos de idade.

terraço, a 50 metros do mar todo azul, onde tomo banhos higiénicos a partir das 5 horas da manhã; além disso, um vento fresco que não falece. Há com que nos restaurarmos mesmo depois de um ano de Khartum. — Pode dizer à Guiguite e C.ª que apanho alguns lindos insectos: a descrição chegar-lhes-á a seu tempo. — Como pode verificar, esta carta é uma resposta imediata à sua do princípio de Agosto, em que me manifesta o seu alarme. Penso que a tranquilizará. — Fiquei muito contente ao saber que o Joseph tem ideais de futuro; no lugar dele, alegrar-me-ia por estar tão perto a prova de Outubro. Com um pouco de sangue frio, deve conseguir passar. — Aproveito a ocasião para lhe desejar boas-festas da Assunção. Sabe que, nesse dia, vos encomendarei ao Coração da Virgem Santíssima. Há um ano, estávamos todos juntos: esses bons momentos voltarão quando o S.-C. quiser; isso não me impedirá de vos querer muito até lá. Um beijo para si, bem como para o Pai, para a Guiguite e para os rapazes.

O seu filho

Pierre

P. S. — Não vá, em desespero de causa, agarrar-se ao desordenado da minha letra. Escrevo-lhe numa situação deplorável para a caligrafia.

25

Sidi-Gaber, 22 de Agosto (1906)

Querido pai e querida mãe

Eis-nos na antevéspera de acabarmos as férias e começarmos o retiro; mas haverá ainda oito dias a passar aqui, ao bom ar fresco do mar que tornou o meu mês de Agosto talvez mais agradável do que o vosso. O retiro em questão ser-nos-á pregado por *M.* Mazoyer, que eu já não via há muito tempo; isso trazer-me-á recordações de outrora, e creio que iremos falar mais de uma vez de Clermont. — Estes quinze dias passaram naturalmente depressa, e durante esse tempo estive sobretudo à beira-mar, mar a que, aqui, censuro apenas duas coisas: a primeira, se posso dizer, é faltar-lhe horizonte longínquo, já que, ao contrário do deserto que imaginamos a prolongar-se por toda a África, sabemos que vai acabar nas margens um tanto banais da velha Europa; — a segunda, é faltarem-lhe marés apreciáveis. Os poucos metros que ficam a descoberto não são suficientes para recolher todas as riquezas, de que as ondas só trazem bocados. Todavia, ainda apanhei uma bastante boa colecção de conchas, cujo conhecimento é muito útil em paleontologia, porque muitos géneros se encontram fósseis, sobretudo nas espécies relativamente recentes, como no Mocatão. Posso determiná-las graças a uma colecção deixada por Fréd. de Bélinay. — Os ouriços do mar abundam nas

rochas, mas temos que ir até bastante longe, metendo-nos na água; só apanhei um. A costa é feita de areia endurecida, bastante compacta para que o mar a roa e arrende como uma verdadeira rocha. Por isso as vizinhanças da costa estão cheias de recifes, cujas longas fileiras, paralelas à costa e semeadas de buracos profundos, tornam os sítios perigosos, e, a meu ver, prendem como um redanho as melhores e maiores conchas de profundidade. Ontem vi uns indígenas dedicarem-se à pesca (proibida) com dinamite. Avançando por uma barreira de rochas, acabaram por topar com um cardume de grandes peixes, para o meio do qual lançaram um cartucho que explodiu imediatamente; apanharam pelo menos uns trinta, do tamanho de metade de um braço, escurecidos por listas negras longitudinais, largos à maneira de carpas. Não sei como se chamam. O epílogo foi a chegada de terceiros ladrões que, ameaçando denunciar os pescadores, obrigaram-nos a darem-lhe alguns peixes, depois a de um guarda de costa negro, que levaram a fechar os olhos ao delito, e, por fim, o aparecimento de um tubarão que, segundo parece, nunca deixa de chegar depois das explosões para levantar a sua parte. Infelizmente, nessa altura eu já me tinha afastado; coisa lamentável, porque, como o animal se aventurou até à bacia que pega imediatamente com a costa, viram-no a uns poucos metros. Um inglês entrou na água com a baioneta do guarda de costa, mas o esqualo eclipou-se. Parece que é a espécie chamada «tubarão de areia» que não ultrapassa 1m 50, mas corta sem dificuldade uma mão ou uma perna. É comum por cá. — Na semana passada, fui dar uma volta até Agami, a oeste de Alexandria, para o lado em que o desenvolvimento da cidade é travado pelo deserto que

começa a partir do Mex. À ida, acompanhámos o mar por uma praia chã, ladeada por vagas pastagens e por alguns pequenos bosques de palmeiras. Fiquei surpreendido, ao atravessar uns fossos cheios de juncos, por ouvir de repente um terrível barulho de cigarras que os habitavam às centenas e que a nossa passagem incomodava. No Cairo há poucas; são pequenas e cantam discretamente. As de Agami fazem uma barulheira terrível, como as da Provença: é a primeira vez que as vejo assim, em plantas baixas. Em Agami mesmo, há um velho pequeno forte desmantelado; foi aí que Napoleão I desembarcou. Aí se acaba a civilização: apenas vemos dunas brancas como cal, que se seguem a perder de vista, marginadas por um mar que o fundo de areia tão branco torna verde fluorescente. E isso deve ser assim até à Tunísia. À volta, atravessámos a língua de terra até ao cume da pequena espinha rochosa que domina o Mariut. Nesta época, ele está muito baixo e rodeado por uma grande zona de sal branco e ofuscante. Como a sua profundidade nunca ultrapassa os 2 metros, a mínima baixa põe a descoberto grandes superfícies. Julgava que se faziam trabalhos para o secarem: na realidade, contentam-se com mantê-lo a determinado nível. Para chegar à crista de rochedos, atravessámos uma pequena laguna, seca nesta época (ver o «mapa»), cheia de sal e de cicindelas. O mais maravilhoso era ver as cores: areia de um branco cru, com compridos rastos esverdeados ou vermelhos nas partes húmidas e salinas, tudo debruado pelo azul escuro do mar. — A região de Sidi-Gaber é menos pitoresca e muito mais luxuriante. Onde não está apinhada de moradias, há magníficos pomares de figueiras e bosques de tamareiras. Por esses lados, para ver coisas bonitas seria preciso ir à

Roseta, ou pelo menos a Abukir; mas com certeza que o não farei desta vez. Por 2 vezes andámos de barco à vela no porto, o que é muito divertido por causa do grande número de vapores que entram e saem. Há poucas aves por aqui, mesmo sobre o mar: de longe em longe, topamos aí grandes pássaros escuros de ventre claro, mas nem com binóculos consegui distingui-los bem. Em compensação, vi voar, perto do Mariut, uma ave pernalta que me pareceu ser uma avoceta; pelo menos aquilo lembrou-me os desenhos de *Wild Spain*. Isto aqui é a terra dos camaleões; depressa se tornam sociáveis e comem moscas com ardor. — Recebi regularmente todas as vossas cartas, e compadeço-me com a vossa seca. Pensarei muito em vós e na família durante estes oito dias, pedindo a N.-S. que vos abençoe a todos. Bem sabem como gosto de todos. Estou óptimo (para a mãe).

Pierre

P. S. — A minha carta segue atrasada. Isso permitiu-me ir dar uma volta para lá de Ramleh: desdigo-me: esse lado leste é muito bonito com tamareiras nas dunas de areia branca.

26

Cairo, 7 de Setembro de 1906

Querido pai e querida mãe

Eis-me de regresso ao Cairo, e não sem gosto, apesar dos encantos do mar. — Deixámos Sidi-Gaber no próprio

dia em que acabou o retiro, trazendo connosco de Alexandria o P.e Tissot, um dos meus maiores amigos, que vem para professor de cá. Desde Aix, só no ano passado nos tínhamos separado. Não será com ele que poderei fazer excursões muito grandes, mas ele alegrará singularmente, para mim, a vida do colégio. Sabiam por acaso que o Christian Burdo vai para Beirute aprender línguas orientais? Mas vai por Constantinopla, de maneira que ainda não é desta vez que o vejo. — Até ao começo do ano lectivo vou preparando devagarinho as minhas aulas do ano que vem: tenho novas matérias para preparar, o que é bastante agradável. Todavia, ainda não sei se terei de tratar também com as classes inferiores, *troisième* e humanidades, como no ano passado. Entretanto, passeio-me suficientemente, ora um pouco por ofício, para manifestar aos recém-vindos as maravilhas do Cairo (já o deserto não tem tantos admiradores), ora sobretudo por minha própria conta, dado que os meus deveres aumentam sem cessar: torno-me fornecedor de conchas, de nevrópteros, de ortópteros, de crisálidas, de lepidópteros, etc., sem falar do estudo fundamental da geologia, ou, melhor, da paleontologia. — *M.* Pallary, de Orão, respondeu ao meu primeiro envio; dá-me conselhos para apanhar as conchas, pergunta-me bastantes coisas, e reenvia-me, classificados, os tipos que lhe mandara. Há uma nova espécie de hélix do deserto. Infelizmente não fui eu que a apanhei, e o padre que ma deu já não se lembra muito bem onde a apanhou, de modo que estou atrapalhado para encontrar novas amostras, que são ardentemente desejadas. — Os robustos hélices são bastante frequentes no deserto, mas parece-me que as espécies estão muito acantonadas, e cada uma ocupa uma região

com exclusão das outras. Por isso, a melhor maneira de encontrar coisas novas (com toda a certeza) seria fazer algumas longínquas excursões. Mas não é nada cómodo. — O Egipto está em plena inundação, e também em plena colheita de tâmaras: a pequena floresta de tamareiras de Marg oferece extraordinária animação. Os árabes transportaram-se com suas famílias e galinhas para debaixo das árvores, e fazem a colheita. Para subirem às tamareiras, que por vezes são muito altas, utilizam uma corda forte, que rodeia o tronco e à qual se seguram: dobrando-se em arco e pondo os pés nas asperezas do tronco, sobem muito depressa. — Fui pela primeira vez ver o nilómetro, que há séculos mede o nível das águas do Nilo. É simplesmente um tanque, em comunicação com o rio, no meio do qual se ergue uma coluna de mármore que serve de cota, além de várias escalas gravadas nas bordas; a toda a volta do tanque há uma inscrição em caracteres húficos (antigo alfabeto árabe). 3 ou 4 chapas de nivelamento dão como altitude média do local 29 metros. O nilómetro encontra-se na extremidade sul da pequena ilha de Roda, ao fim do Cairo; a ilha está cultivada ainda só em metade, e pouco civilizada em certos sítios: fomos parar ao meio de uma imunda aldeia em terra, com grande terror das crianças, que fugiam, bem como dumas galinhas brancas pintadas de carmim.—Felizmente, um árabe guiou-nos através da ponta da ilha, ocupada por deliciosos jardins, perfumados de hena, com baixas e densas abóbadas de limoeiros, laranjeiras e goiabeiras. — Os jornais ter-vos-ão falado da morte do príncipe Ibrahim, que morreu em França, para onde se tinha ido divertir como todos os egípcios ricos. O enterro dele teve lugar ontem, com grande pompa. Tive a sorte de ver

passar o cortejo numa grande rua perto da cidadela, num maravilhoso cenário de mesquitas, e no meio de espectadores puramente indígenas. Primeiro, alguns polícias *(chauiches)* a cavalo, depois, cinco ou seis camelos carregados com grandes caixotes donde uns árabes tiravam e deitavam à multidão diferentes objectos. Certamente porque se estava quase no fim, já só havia peras para atirar, o que não impedia um assalto em regra ao último camelo, o menos protegido contra a multidão. Aliás, vi mais de uma pera esguichar nas costas dos distribuidores. Atrás dos camelos, 3 «búfalas», destinadas a serem imoladas logo a seguir sobre o túmulo, e depois partilhadas pelos espectadores. A seguir, a comprida fila dos soldados, depois outra fila de homens de *fez* e aventais multicolores, que traziam uma espécie de turíbulos e grandes salvas lavradas cheias de flores. Finalmente, vinham os representantes dos diferentes corpos, oficiais, sacerdotes de diferentes ritos, cônsules e, coisa curiosa, os derviches que dançam de roda, de caras ascéticas e com enormes chapéus pontiagudos de feltro cinzento. — O caixão, puxado, sobre uma carreta de canhão, por 8 cavalos, era seguido pelos membros da família e pelo longo cortejo dos trens, mais ou menos hermèticamente fechados, das damas muçulmanas. — Este pobre príncipe teve um triste fim; era muito novo, riquíssimo proprietário de grandes terras perto de Alexandria, e, segundo parece, estava de relações muito frias com o seu primo Quediva. — Recebi todas as vossas cartas: desejo uma boa caçada em Vialle. Ontem, falei a um árabe de Marg, que me disse ter dado nesse dia 40 tiros de espingarda, nos arrozais, às aves de água: aliás, só matara cinco ou seis narcejas, mas muito lindas. Uma era a *Rhynchaea Capensis* (fêmea, de cabeça

ruça) representada por Shelley na página 250. Chamava-lhe narceja dourada. As outras, a que ele chamava narcejas reais, assemelhavam-se a grandes narcejas.

— Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para os dois, bem como para a família. — Rezarei muito por todos amanhã, dia 8. Sabem que acompanho convosco estes últimos aniversários do Albéric [24]. Estou óptimo.

Pierre

— Obrigado à Guiguite pelas suas cartas, em especial pela do dia 31, que acaba de me chegar. Espero que a mãe, coitadinha, tenha encontrado logo os óculos. Interessar-lhe-á saber que o Sagrado-Coração [25] deu, num destes dias, um jantar nos seus novos edifícios. (Com a cozinheira da rua de Varennes!)

Estou óptimo.

27

Cairo, 26 de Setembro de 1906

Querido pai e querida mãe

Escrevo-vos com um certo atraso, e quando esta carta vos chegar, já o Biel se terá ido embora, e o Yéyé conhecerá com certeza o seu destino; confesso que é com

[24] Morreu em Sarcenat a 27 de Setembro de 1902.

[25] Convento dos Irmãs do Sagrado Coração.

certa impaciência que espero o resultado. É pois amanhã o aniversário do Albéric, que, como de costume, me leva a pensar um pouco mais em vós, nos vossos filhos, nos velhos tempos; apesar da tristeza, o dia 27 torna-se uma festa de família. Convosco pedirei a N.-S. e à Virgem Santíssima que leve cada um de nós a realizar o maior bem possível, pelos meios que Eles quiserem. O Albéric e a Loulou valer-nos-ão isso. — Também nós estamos em vésperas da reabertura das aulas: terá lugar a 3 de Outubro, e, para mim, mais ou menos nas mesmas condições do ano passado; condições exteriores, entenda-se, porque já não tenho as secretas angústias do primeiro princípio. Continuo a dar o curso de física à 3ª, humanidades, retórica e filosofia, com a diferença de que cada ano tem, desta vez, um programa muito diferente, enquanto no ano passado os cursos tinham muitas partes comuns, devido à primeira aplicação de um novo programa cujas matérias eram igualmente desconhecidas por classes muito diversas. — Ganho com isto o não ter de repetir pelo menos 2 vezes as mesmas experiências, o que era fastidioso, e o ensinar certas partes novas, que assim tenho oportunidade de aprofundar mais. Evidentemente que os retóricos e os filósofos de ciências têm, só por eles, um programa mais ou menos interessante: aqueles serão 5 e estes 3, o que não assusta e permite trabalhar de uma maneira muito agradável para os alunos. A partir deste ano, vai haver 2 espécies de exames (bacharelatos) egípcios: um, para as humanidades; outro, como antigamente, para os filósofos. Simplesmente, para este princípio, não temos candidatos brilhantes a apresentar, e os nossos resultados do próximo mês de Maio certamente que não se parecerão com os de há 4 meses. — Mexi-me muito à

volta do Cairo, nestes últimos quinze dias. Para começar voltei a dar o passeio de Saqqarah na qualidade de guia de um padre de passagem: gostei mais da excursão agora do que em Janeiro, e por duas razões: éramos só dois e, consequentemente, estávamos muito à vontade. E depois, a excursão ia parar em plena inundação. Durante os 10 ou 12 quilómetros que separam a estação (Bedrechem) das Pirâmides, cavalgámos (de burro) por uma calçada entre dois mares de água avermelhada, donde só emergiam aldeias de terra, em cima dos seus ilhéus, e também grandes tamareiras com cachos amarelos, de que há ali uma autêntica floresta, plantada sobre as ruínas de Mênfis. A inundação acaba mesmo ao pé da falésia de areia que marca o princípio do deserto e o local da necrópole. Na calçada, passámos por um solene casamento árabe. segundo o rito consagrado, atrás dos tocadores de flauta e de tambor, dos homens a cavalo, armados de espingardas, a noiva era passeada, hermèticamente fechada num palanquim multicor levado por dois camelos. Em caminho, vi, pousado, um pequeno melharuco todo verde *(merops viridis)*. É a altura da passagem deles, e se passeasse mais pelos campos veria certamente muitos. Voltei a ver o Serapeum, de blocos enormes, e com os túmulos cobertos de cenas campestres ou de caça e pesca: nassas cheias de peixes, em que se reconhecem as espécies do Nilo, crocodilos, hipopótamos, cinocéfalos levados pela trela, lobos-tigres para a caça, etc. — Voltámos de burro até às Pirâmides de Gizé, o que é pouco interessante: assim que se ultrapassam as pirâmides em ruínas de Abu-Sir, tem de se costear, pela areia, a região cultivada (parte não tracejada a lápis; o resto é deserto) o que não tem encanto. O caminho levou-nos 3 horas. — No sábado pas-

sado, fui a Heluão, para ver um observatório metereológico, o único do Egipto (de facto bastante bem montado pelos ingleses); aí vi, entre outros instrumentos, um sismógrafo que, na véspera, registara dois ligeiros abalos. Heluão é uma cidade lúgubre, plantada em plena areia, para uso dos tísicos, com o fim de lhes proporcionar um ar absolutamente seco. Poucas árvores, portanto; apenas casas, fechadas como túmulos, regularmente construídas ao longo de avenidas desertas que se cortam em ângulo recto: um autêntico tabuleiro de damas. Creio que, no Inverno, aquilo é mais animado. Há lá uma águas sulfurosas que provêm da decomposição de camadas de pedra de gesso. — Finalmente, ontem, fui fazer uma grande excursão para oeste das Pirâmides, a fim de procurar fósseis. Fomos de burro. O deserto líbico é terrìvelmente monótono: a perder de vista, ondulações cascalhudas, aqui e ali rasgadas por *ouadi*, caminho das caravanas que vão às grandes depressões do Fayum e do Natrun. Chegámos a um maciço de rochas calcárias (gredoso) muito desconjuntado, com as camadas franzidas ou aluídas, donde vim enriquecido, entre outras coisas, por 2 lindos ouriços do mar. — Na quinta-feira passada, além disso, consegui penetrar nas grandes dunas amarelas que estão ao Norte de Matarieh, mais longe do que as palmeiras de Marg. São formadas por uma areia maravilhosamente fina e ondulada, cujos tons dourados ressaltam de maneira deslumbrante sobre o azul do céu: dir-se-ia um oceano de grandes ondas que rebentam. De caminho, passei pelas pistas de um bando de grandes aves, evidentemente corredoras, abetardas com certeza. — O doutor Iñès bey partiu há pouco para fazer excursões pela Eritreia: são três, com espingardas, redes para borboletas,

martelos, decididos a voltarem carregados de espólio. Parece que na Abissínia temos as seguintes zonas: quente e desértica até 1 000 metros, luxuriante e africana até 2 000, alpina e bastante pobre, daí para diante. É evidentemente à segunda que se pede contribuição. Parece que, agora, é por lá Primavera, e que tudo está em flor. — Em Novembro, dar-lhes-ei pormenores acerca dos resultados da expedição; Iñès convidou-me amàvelmente a ir contemplá-los, e não faltarei. Voltei, com o P.e Tissot, a El Akim, a mesquita com morcegos: durante 2 horas, explorámo-la de alto a baixo, sem árabe para nos aborrecer: imaginem um castelo antigo brotando em plena cidade árabe.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para vós, bem como para o Joseph, para a Guiguite, para o Toto, para o Gonzague.

Escreverei à Guiguite da próxima vez ou mesmo antes.

Pierre

P. S. — O Gonzague vai encontrar em Jersey um bastante idoso P.e Loiseau, que foi meu grande amigo cá, durante todo o ano.

28

Cairo, 14 de Outubro de 1906

Querido pai e querida mãe

Fiquei, naturalmente, muito contente com o êxito do

Yéyé, que, independentemente de uma carreira determinada, ganha assim o voltar para junto do Biel e evitar a perspectiva crítica de mais um ano nos Correios. Oxalá que, para o excelente Joseph, nasça também o dia de glória! — De Paris, o Biel escreveu-me uma palavrinha a que respondi, juntando-lhe uma carta de parabéns para o seu companheiro de quarto. Eles são realmente muito bons, e compreendo que os triunfos dos seus princípios de ano lectivo não bastem para vos acalmar as saudades deles. — Aqui, a sinistra data de 3 de Outubro não tem as sombrias aparências dos nossos fins de férias em Mongré ou noutro sítio. À parte algumas lágrimas de medo, deitadas por alguns dos mais pequenos ao passarem da mão de seus pais para a do P.e Reitor, as saudades são poucas, nesta terra cosmopolita em que quase não há espírito de família. Retomei as minhas aulas do ano passado, com a vantagem de que me desembaraçaram da *troisième*, e, depois dos primeiros dias de arranque, creio que o ano começou bem. Conheço os meus alunos, e os meus cursos de retórica e de filosofia-ciências interessam-me. Aliás, não sei se sabem que, para estes, a revisão começa (quer dizer que para o professor o ano acaba) nos princípios de Março. — Um dos meus alunos, aliás o mais brilhante (um francês), sonha com a *Centrale*. — Os meus últimos dias de férias foram, felizmente, movimentados pela passagem de um dos meus camaradas de Mongré, Jacques Roullet, que parou no Egipto, de regresso de 3 anos na Indochina, onde está nas *eaux et forêts*. Estava em ciências quando eu fazia a minha retórica: mas conhecíamo-nos bem, e passei alguns bons momentos a mostrar-lhe o Cairo e a fazê-lo falar de Tonquim. Não chegou a conhecer o tio Georges

em Hanoi, no que perdeu. Por agora, o seu ofício consiste menos em fazer selecções e plantações de árvores do que em impedir que os indígenas nómadas queimem o que já existe. Com esse objectivo se entrega a numerosas digressões, que não são o menor apanágio de uma situação que faz dele mais ou menos o único representante da sua administração na região. Assegurou-me que a colónia começava a tornar-se florescente, mesmo a tempo de concorrentes no-la virem tirar, — o que, acrescenta, seria fácil. — Até agora, tive menos sorte com Claude de Rivoyre: escreveu-me uma palavra de Toulon, para que lhe mandasse para Port-Said umas informações sobre a maneira de chegar ao Cairo: o *Alger* devia ter atravessado o canal por volta do dia 7, mas não vi chegar nada. Todavia não desespero, porque me parece inverosímil que, em caso de impossibilidade de vir, *M.* de Rivoyre não me tenha enviado um postal de Port-Said ou de Suez. — No domingo passado, fui esquecer as minhas primeiras aulas para os contrafortes do Mocatão, o que me valeu, além de um notável ouriço do mar fóssil, o prazer de uma magnífica vista: havia, nessa tarde, as belas cores do Oriente. As muralhas do Mocatão e os túmulos dos Califas estavam de um dourado ardente, as elevações violáceas, e toda a cidade estava envolvida numa poeira lilás. — Alguns dias antes, tive o mesmo espectáculo do alto do minarete de Ibs-Tulun, uma das mais curiosas mesquitas do Cairo, a cujo imenso quadrilátero orlado de pórticos chegamos só depois de atravessarmos bairros do mais puro árabe. Do alto da torre, dominamos os terraços estreitos das casas indígenas, e os seus pequenos jardins rodeados por altas muralhas, donde saem ramos de palmeiras. Podíamos perfeitamente estar em Tombuctu.

— Ignorava completamente que o P.e Mulsant [26] era parente dos de Villèle. Ele está sempre bem disposto, e é encantador, o que tem não poucas consequências, já que os professores têm quase tanto a ver com o prefeito como os alunos. Anteontem, fui com ele, numa burricada, às palmeiras de Marg, à procura de fotografias; — porque ele é grande fotógrafo, já que até é, fiquem sabendo, cinematogra*fista* (?). — O mais difícil, e também o mais engraçado, é surpreender as Rebecas a transportarem ou a lavarem muito poèticamente os seus cântaros: o medo do mau olhado e, *a fortiori*, da objectiva será duradouro. Mas sempre encontrámos umas beduínas que espontâneamente posaram no meio das suas cabras, o que lhes valeu uma piastra, recebida, claro está, num canto do véu, para evitar o contacto com o estrangeiro. Estas beduínas têm o singular costume de fixar no véu, que lhes cobre a cara até aos olhos, todas as moedas ou medalhas, por vezes de ouro ou de prata, que possuem. Muitas vezes, têm assim uma autêntica cota metálica, que deve ser de um peso muito incómodo. — Retomei, para grande alegria minha, a direcção de um «ónibus», e usufruo um interessante percurso que me leva a saborear as antíteses entre o Continental ou o Shepheards' Hotel e o bulício de uma rua árabe, por onde circulamos com risco de enganchar a parte da frente ou as suas lanternas e de esmagar os descarados garotos, de *galabieh*, que fazem um cerco em regra ao estribo. Entre os meus fregueses conto um, muito miúdo, que, enquanto vê a sua casa, não pára de fazer gestos de adeus a sua mãe e irmãozinhos; é

[26] Padre Alfred Mulsant (1866-1943), então prefeito de estudos no colégio do Cairo.

mesmo engraçado. — Há muito já que saímos dos grandes calores, e em Setembro esteve muito agradável; como de costume, Outubro ainda nos arranja alguns períodos quentes. Assim, ontem tivémos 32°, e hoje acontecerá o mesmo. Mas é o fim; de qualquer modo, estou óptimo.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo, bem como à Guiguite, ao Joseph e ao Toto, e rezo por vós.

Pierre

— A Peregrinação dos Assuncionistas passou por Matarieh. É expeditamente, mas muito bem, dirigida, e o vestuário dos peregrinos não é muito heteróclito, o que é de assinalar.

— Junto 2 selos para o Toto.

29

Cairo, 1 de Novembro de 1906

Querido pai e querida mãe

Acabo de receber, com a carta da mãe, o anúncio do feliz êxito do Joseph; todos aí devem estar muito contentes com isso, sobretudo o interessado, que com certeza começará por se entregar a algumas boas caçadas às galinholas, para completar a sua alegria. Terá agora que optar por uma posição social, e é com certo interesse que espero a sua determinação. — Por cá, a vida dos últimos quinze dias teve a fecunda monotonia dos «regula-

mentos habituais» a perder de vista, que são o verdadeiro momento de trabalho dos alunos; agora, o ano está bem lançado, e ganho o hábito do horário inverosìmilmente complicado que resulta da diversidade das matérias: árabe, francês, inglês, ciências, etc. O árabe, sobretudo, invade de maneira deplorável; em virtude dos programas, os alunos têm de gastar metade das suas forças intelectuais a aprender uma língua literária, toda de fórmulas, e que não deixa de ter analogias com os caracteres chineses. Há nisto uma perda de tempo que quase não é compensada pelos proveitos do amor-próprio nacional. — O regulamento habitual foi, todavia, interrompido anteontem, para dar lugar, como é costume, ao retiro dos alunos, que se encerra amanhã. Porque, apesar do cabeçalho da minha carta, escrevo-vos a 31. São, naturalmente, 3 dias de férias para os muçulmanos e para os israelitas. Como é entre eles que se recrutam os melhores fregueses dos ónibus, passeio tristemente, pelas ruas do Cairo, um carro meio vazio. Por agora, aliás, essas ruas são de acesso difícil: por toda a parte se calceta ou mesmo se alcatroa, porque a administração teve a felicidade de escolher, para os seus trabalhos, o preciso momento em que a vida do Cairo recomeça, com a chegada dos primeiros turistas. As esplanadas dos hotéis começam a povoar-se e todas as tardes as crianças que levo a casa contemplam com alegria os tocadores de guitarra, de pianola ou até os acrobatas árabes, que fazem cerco aos cafés. — Há oito dias, tivemos tempestades bastante violentas a sucederem a um período bastante quente. Muitos relâmpagos, mas com ribombar de trovões extremamente fraco, não sei muito bem porquê; — sobretudo, chuva abundante. Porque nesse dia passeava

no deserto, pude contemplar os belos efeitos de luz nas grandes nuvens que corriam pelo céu; cheguei, por exemplo, precisamente ao mesmo tempo que o aguaceiro, e no meio de turbilhões de poeira, a uma pequena estação do caminho de ferro de Matarieh; nem o próprio comboio era um abrigo seguro; a água passava através das rachas dos tectos das carruagens, e os compartimentos estavam inundados. Nesse dia, passei pelos grandes trabalhos de construção dos «Oásis». Tal é o nome de duas pequenas cidades modelo que um grande financeiro belga está a mandar construir em pleno deserto, às portas do Cairo, mais ou menos a meio caminho de Matarieh. Cada pequena cidade ficará isolada de qualquer habitação; as casas que a comporão deverão todas ter um jardim e realizar determinadas condições sanitárias e estéticas. Um caminho de ferro eléctrico (da sociedade do Metropolitano) ligá-las-á ao Cairo. O plano é bonito e, por agora, um dos «oásis» já está traçado. A primeira coisa que se constrói é um gigantesco hotel. Pormenor feliz: haverá uma igreja católica em pleno centro, muito bem situada, e isso por vontade do fundador da empresa. Resta saber se a moda irá estar do lado da empresa: e ela é condição essencial do êxito. Parece que já houve especulações pavorosas, como por toda a parte, nesta altura, no Cairo, sobre os terrenos de construção. — Já há bastante tempo que se trabalha nisso; mas parece-me que ainda não vos tinha dito nada. — Finalmente, *M.* de Rivoyre não veio; afinal de contas, pensei que era um tanto ousado para um aspirante contar com antecedência deixar o seu navio por um ou dois dias, a fim de vir passear para o Cairo. Inès bey ainda não voltou da Abissínia, mas creio que não tardará muito. Parece que lhe

fizeram lá recepções sumptuosas, precisamente o que ele temia ao partir. Espero que isso não lhe tenha tirado a liberdade. — Estamos neste momento em pleno Ramadan: só damos por isso pelos cordões de lâmpadas que rodeiam os minaretes, e pelas pequenas lanternas que as crianças levam nas ruas. Aconteceu-me atravessar um bairro indígena, no momento em que o canhão da cidadela acabava de anunciar o fim do jejum (ao pôr-do-sol). As ruas estavam apinhadas de pequenos vendedores de comestíveis e frituras ao ar livre; mas pareceu-me que o primeiro cuidado dos árabes não era comer, mas fumar um bom narguilé. Este é o jejum que parece custar-lhes mais. — Assinalaram-me uma canoa automóvel no Nilo. Ó Mênfis! — No ano passado não havia, mas é um desporto que se vai evidentemente multiplicar.

Adeus, querido pai e querida mãe; os meus parabéns ao Joseph, e obrigado à Guiguite por me ter mandado a palavrinha do Yéyé. Podeis ter a certeza de que amanhã e depois, talvez sobretudo amanhã, porque o Albéric e a Loulou estão sem dúvida no céu, estarei unido a vós com toda a minha afeição. Um beijo

Pierre

30

Cairo, 15 de Novembro de 1906

Querido pai e querida mãe

Recebi, ontem e hoje, as cartas em que me anunciam o destino do Joseph, e parece-me que tudo corre pelo melhor. Acho especialmente feliz a escolha de um professor especial para física: o programa de matemáticas absorve todos os cuidados do Croze, e ainda hoje pergunto como é que me safei no exame de ciências com o que sabia de física e de química. Seja como for, o dito *M.* Croze vai acabar por fazer parte da família: dêem-lhe saudades minhas quando o virem. — Sensibilizou-me o culto do Yéyé pelas maçãs de Sarcenat; não mudou o tempo em que, com o célebre boné de marinheiro na cabeça e com um pau debaixo do braço, inspeccionava os prados, depois da «lição»» da tarde. Quanto ao Gonzague, está-me a parecer um lamentável preguiçoso; consolemo-nos pensando que o Albéric (se não me engano) não fez muito mais em Mongré. Digam-lhe que não fazer um esforço um bocadinho maior é para ele a melhor maneira de não chegar à marinha. — Nestes últimos quinze dias, tivemos ainda «regulamento habitual»: o programa do ano começa a ser sèriamente encetado. Na semana que vem, exercício para todas as classes superiores: são mais umas provas para corrigir, mas isso também nos tira algumas aulas. Agora, com excepção por vezes do nevoeiro da manhã, gozamos de uma deliciosa temperatura, o bom tempo do Cairo: é a estação indicada para percorrer o deserto, e eu não me privo disso, apesar da penúria de comanheiros em que me deixou a partida do P.e Bovier-Lapierre. No domingo passado pude ir até bastante longe no *ouadi* el-Thy, grande fosso que vai do sul do Cairo ao golfo do Suez: fui recompensado pela descoberta de um lindísimo pequeno hélix de espiras aos *ss*, afim de uma espécie assinalada em Alexandria. Mandei-o imediatamente para Orão. Os regressos dos pas-

seios, sobretudo, são maravilhosos, por causa do pôr-do-sol; todas as colinas, as de rocha e as de terra nua, ganham ardentes tons acobreados, extraordinàriamente quentes, e não é banal ver o sol desaparecer no horizonte do outro deserto, todo rendilhado de pirâmides. Queria que estivessem lá, para ver. No dia do hélix, como a noite nos surpreendesse a uma hora do Cairo, tivemos, para nos guiar, os dois compridos minaretes da mesquita da cidadela, que têm, cada um, duas coroas de lâmpadas eléctricas, acesas durante o Ramadan. Isso fazia dois grandes faróis. — É depois de amanhã que acaba o Ramadan: vamos ver desfilar para o matadouro os grandes rebanhos de carneiros, que insolentemente se enfiam pelas ruas mais frequentadas, com desprezo pela circulação dos carros. Toda a gente come carneiro, a celebrar o fim do jejum que, para a gente do Cairo, será assinalado pelo regresso do Quediva. — Esquecia-me de lhe comunicar a captura de dois grandes escorpiões que enfeitam a minha mesa, cada um num frasco. Quando esticam o rabo e as pinças, são mais ou menos do comprimento de uma das linhas desta carta; além disso, de côr amarelo-esverdeada e com um ar feroz. Vou criá-los durante algum tempo, antes de os picar. Para comerem um insecto, agarram-no com as pinças e, passando o rabo por cima da cabeça, dão-lhe uma ferroada. — Nesta altura, há grandes morcegos, do tamanho de noitibós; à noite, voltejam em redor de duas espécies de figueiras, que estão em frente do colégio, largando uns gritos que parecem uma forte chiadeira: comem as folhas, cujos restos se encontram, depois, todos mastigados. A desgraça é que assim que se engoliu logo se digeriu; e grandes nódoas escuras constelam literalmente a fachada. Em Matarieh, viram-se obrigados a suprimir uma fila de amoreiras que ladeava a capela a fim de evitar esse reboco suplementar. Gostaria de arranjar um dos delinquentes. Disseram-me que um dos criados da casa, de seu nome Abd-el-Malak, ou o servidor do rei, sabe fazer com que acorram em massa, imitando o seu grito; mas ainda não pus à prova o talento dele. — Leram decerto excertos do relatório de Charlot acerca dos colégios do Oriente; dificilmente se poderá ser um crítico mais mesquinho, e os factos sobre os quais insiste são uma manifesta confissão de impotência para encontrar um vício sério. O fundo dos episódios que conta, pelo menos de um que reconhecemos, parece verdadeiro, e houve inevitáveis imprudências de pormenor. Os factos citados são o resultado de um inquérito que ele ousou fazer junto de todos os alunos expulsos que pôde encontrar. E são estes que pinta como corajosos trânsfugas, e que, na realidade, vão povoar a escola laica francesa de cá, uma escola lamentável (em parte por culpa do director, que dizem ser perfeitamente incapaz). Numa página do seu relatório, Charlot teve a indelicadeza de gracejar acerca da «concertação» das 4mes, à qual o levámos a assistir por pura cortesia. Não é muito bonito nem muito verdadeiro.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo, bem como ao Joseph e ao Toto, e muitas saudades. Desejo muitas galinholas. Parece que ao longo do Nilo pululam as aves de água marinha, mas precisávamos de ter um barco, ou ir até aos pântanos do delta, para nos darmos conta disso.

Pierre

31

Cairo, 7 de Dezembro de 1906

Querido pai e querida mãe

Recebi regularmente todas as vossas cartas, e sou eu que vos respondo atrasado. No fim, calha bem escrever-vos na véspera da Imaculada Conceição, o que para mim é uma ocasião de vos dizer que amanhã rezarei muito a N.ª-S.ª por vós e pela família. Para mim, a festa complica-se com uma missa solene, amanhã, e com uma procissão em Matarieh, depois de amanhã. Mas já começo a estar suficientemente habituado aos meninos de coro para não me preocupar muito. Tal como no ano passado, a procissão compor-se-á de alunos e da boa sociedade do Cairo, vinda de automóvel (porque há uma estrada do Cairo a Matarieh, tal como do Cairo às Pirâmides, e são as únicas), de carro ou de comboio. Simplesmente, este ano, o pessoal da Agência de França, com o seu *caouas* (contínuo) de galões, já lá não estará para abrilhantar a cerimónia. *M.* de La Boulinière partiu para Atenas na semana passada e o seu substituto (*M.* Klobukowski, genro de Paul Bert) ainda não chegou. A partida de *M.* de La Boulinière é uma grande perda para o colégio, e com certeza que o seu sucessor só de muito longe lembrará o seu garbo de perfeito fidalgo francês. Creio que partiu sem muitas saudades, porque deixa a colónia francesa a dividir-se graças aos esforços de um grupo maçónico. *M.* Klobukowski é, naturalmente, o menos possível religioso, mas dizem que é inteligente, e isso talvez baste para fazer dele um protector da religião. *M.* de La Boulinière veio fazer as suas despedidas ao colégio: terminou-as com a concessão de um feriado que irá, segundo o costume, aumentar as férias do Ano Novo. — Há oito dias, fui visitar Iñès bey que durante duas horas me falou da sua viagem à Eritreia. Só ficou com má recordação de Massaua, cidade terrìvelmente quente e húmida: para além disso, a região é ideal. Dos 1 000 aos 1 500 metros, estende-se uma espécie de planície, em que começam as plantações de algodão de baunilha e de café. Do caminho de ferro que leva a Asmara, vêem-se correr as manadas de gazelas e os bandos de abetardas, e parece que nessas regiões se encontra uma espécie de boa. Iñès bey, que é sobretudo ornitologista, foi para mais longe ainda, para o planalto de 2 000 metros que precede as grandes montanhas: falou-me dele como de uma região magnífica e acidentada, coberta de florestas de eufórbios, cuja vegetação rasteira é constituída por jacintos e gerânios, e está povoada por bandos de cinocéfalos normalmente simpáticos, com excepção de que por vezes atiram pedras ou, se os afastamos muito manifestamente de determinado lugar, para ele se precipitam esquadrinhando com raiva, como que para procurarem o que lhes escondemos. O planalto está sulcado de poderosos veios de quartzo aurífero, explorados de maneira irrisória por alguns italianos sem dinheiro. Há também minas de ferro e de cobre, esta última outrora explorada pelos portugueses. Entre as aves trazidas, mas cujos nomes infelizmente desconheço visto que ainda não estavam classificadas, notei sobretudo: — um gigantesco tucano (*boceras...*) negro, com

mais de um metro de comprimento, armado com um bico mais largo do que uma mão, e que, segundo parece, habita nas rochas. — Outro tucano, branco e preto, bastante mais pequeno, e vulgar — um grande rolieiro castanho-rosa — duas ou três picanças malhadas — uma colecção de deslumbrantes colibris, que povoam as flores de aloés — uma viúva com as penas do rabo indefinidamente compridas — uns guarda-rios, um com a cabeça ornada de penazinhas metálicas, um pouco como a silfa (?) do livro de Buffon — um pequeno falcão todo negro — duas grandes tarambolas com gargantilha — uma espécie de codornizão verde — uma poupa (sem poupa) preta, com as penas das asas carmins — uma perdiz e um francolino abissínios. — Estou longe de ter visto tudo: acabarei a visita noutra vez, e quando tudo tiver etiquetas. Mas, realmente, esta maneira de embalsamar as aves estofando-as simplesmente, além de estar ao alcance de todos e de ser rápida (Iñès preparava todos os dias o que matava), é muito cómoda para reunir uma grande colecção em pouco espaço, e estudar os espécimes que, assim, são muito manejáveis. — Os lepidópteros trazidos (sobretudo diurnos) estavam ainda em papelinhos. Havia alguns belos coleópteros, buprestes, cetónias, mílabres, e sobretudo uma enorme elatéride com grandes antenas pectíneas. Interessei-me especialmente pelos minerais das regiões auríferas. Os indígenas da Eritreia são, segundo parece, muito mansos, e maravilhosos trepadores. As igrejas deles têm, em guisa de sinos, umas pedras sonoras de som belíssimo; um dos companheiros de Iñès bey trouxe uma colecção inteira de ícones, do género bizantino, pouco artísticos, mas, pelo menos, curiosos. A Abissínia pròpriamente dita é uma região inacessível, e absolutamente fechada; a capital, de que se fala nas geografias, é uma cidade ambulante, que se transporta com o négus para onde haja madeira. Não há caminho de ferro nem estradas, por princípio. Só telefone, de que o négus reserva para si o uso exclusivo durante a 1.ª metade do dia. — Na Eritreia, o luxo é ter um chapéu europeu; Iñès bey viu um indígena usar na cabeça, com orgulho, o envólucro em papel de um chapéu alto. Em definitivo, traz a ideia de que a Eritreia é um país tão rico como ignorado pela Itália. O 1.º maquinista do paquete, que há anos vai a Massaua, comparava-a a um ilhéu de areia do golfo de Suez! Que acontecerá com os italianos que nem sequer viram a colónia? — Em comparação com aquilo, o Egipto parece pálido: e no entanto, aprecio-o cada vez mais. — As excursões pelo deserto tornam-se um verdadeiro prazer. Nestes últimos tempos, apanhei ainda bastantes fósseis, entre outros um grande fragmento de maxilar de esqualo. Dei além disso com uma assembleia de 6 grandes abutres abancados diante de um cavalo morto. Não conheço suficientemente as espécies, para poder dizer aquela (ou aquelas) a que pertenciam. De qualquer modo, fiquei espantado com a exactidão dos desenhos de *Wild Spain*, quer quanto à pose, quer quanto ao voo. — Como notìciazinha do Cairo: é amanhã que o tapete sagrado sairá da mesquita da cidadela para a peregrinação anual a Meca.

Quando esta carta vos chegar, a Guiguite estará sem dúvida em Cannes. Essa separação de todos os anos faz-me uma certa pena, por vós; N.-S. levará em conta todos esses sacrifícios que vos impõe. Agradeço-vos terdes-me comunicado o recado de *Mlle* d'Arcy: tal como a vós, sensibilizou-me muito. Adeus, um beijo de todo o coração

Pierre

Minha querida Guiguite:

Esta carta irá certamente encontrar-te em Cannes. Enquanto não te escrevo, quero que saibas que nunca me esqueço de ti. — As minhas grandes lagartas de falena prosperam: tenho 8!

32

Cairo, 22 de Dezembro de 1906

Meu querido pai

Vou muito tarde para lhe dar os parabéns pelos seus anos, e duvido de que a mala da Índia possa levar-lhe a minha carta antes de dois dias depois do Natal. Pelo menos, saberá que não o esqueci nesse dia, e que terei pedido, o melhor que posso, a Deus, que o abençoe, a si e à família. Não é verdade que não tenho que lhe repetir como estou consigo pelo coração, sobretudo à medida que posso compreender melhor o que vale a vida que até aos 18 anos me conseguiu? Foi esse tempo que me valeu tudo o mais e, sob outro aspecto, duvido de que se possa ser mais feliz na terra do que aquilo que fui durante esses anos. Creio bem que todos nós, seus filhos, podemos falar da mesma maneira.

Pelo mesmo correio envio-lhe uma pequena brochura de propaganda, que talvez o interesse pelos pormenores que dá sobre o Egipto. Lamento que não inclua uma vista geral do Cairo; tratarei de lhe descobrir alguma em postal. — No dia 31 de Dezembro partirei a

acompanhar alguns alunos a Miniah, ao sul do Cairo. Encontrará esse nome em todos os mapas do Egipto. Outros que não eu achariam que é muita pena pararmos a meio caminho de Luxor; mas à volta de Miniah há uns maciços calcários mal conhecidos, onde espero apanhar fósseis. Mandar-lhe-ei as minhas impressões do Alto-Egipto.

Nesse sentido mais feliz do que eu, o próprio Christian Burdo [27] nos deixou ontem à tarde, para ir até Tebas e Assuão, que vai visitar em viagem de férias com uma colónia de outros estudantes da universidade de Beirute. Foi para mim uma grande alegria voltar a vê-lo de maneira tão inesperada. Deixou-me, por alguns dias, 3 cadernos com fotografias de Jersey, que me levaram a reviver nas falésias. Parece que no ano passado foi parar, nos arredores de Plémont, a um sítio crivado de tocas de coelhos habitadas por papagaios do mar, e que num deles pôde apanhar vivo um *alca torda*.

Chegou ontem o novo ministro da França, *M.* Klobukowski.

Adeus, meu querido pai, acabo, para que a carta siga esta manhã. Um beijo para si, bem como para a mãe, para o Joseph e para o Toto. Parabéns.

Pierre

---

[27] O padre Christian Burdo (1881-1961) foi sempre um dos mais fiéis amigos do Padre Teilhard. Tal como este, era um apaixonado pela investigação científica. Professor de Cosmologia e de Antropologia nos escolasticados de Jersey, Vals e Chantilly, revisor científico dos Archives de Philosophie.

33

Cairo, 7 de Janeiro de 1907

Querido pai e querida mãe

Eis-me aqui há algumas horas, de regresso de Miniah; ainda resta uma tarde de férias, e apresso-me a aproveitá-la para vos dizer alguma coisa da minha viagem. Antes de mais, tudo correu bem: decididamente, quanto mais vemos o Alto-Egipto tanto mais gostamos dele, — e nunca sentira tão bem como desta vez como são delicadas as suas florestas de cana de açúcar e as suas planícies de bersim ou de favas em flor. Tendo ido até lá pela geologia, aproveitei o passeio, sobretudo, para percorrer a «montanha»; mas aconteceu que as melhores camadas se encontravam exactamente ao pé da falésia arábica, na própria orla dos campos, de modo que ao quadro dos meus trabalhos faltou a austeridade dos desertos. Durante a maior parte do tempo, extraí ouriços do mar do calcário, com os pés assentes na lama negra do Nilo; as «búfalas» e os camelos, e sobretudo os felás, olhavam-me, naturalmente, com uns olhos espantados, e um respeitável árabe, julgando que eu fazia escavações para encontrar *antiks*, pediu-me licença de pesquisas. À parte isto, a temperatura era muito amena, e só por duas vezes tive calor demais: devo dizer que estava em plenas rochas. Como vos dizia no ano passado, é muito fácil chegar ao deserto arábico a partir de Miniah:

depois de se ter atravessado o Nilo num barco qualquer de grande vela triangular e aguda, só há que atravessar um quilómetro de campos, para se chegar à muralha branca que ladeia a planície, e esses campos são tão luxuriantes e tão agradàvelmente salpicados de palmeiras que é um prazer passear por lá. A montanha encerra muitos chacais, e perseguimos dois durante bastante tempo; como um de nós trazia uma espingarda, eles poderiam ter passado um mau quarto de hora se não fosse uma manobra sábia demais, em que eu fazia de batedor. Levantaram-se por debaixo dos meus pés e tomaram a direcção que não convinha. Uma manhã, também vislumbrei uma enorme ave de rapina, que me pareceu ter a cabeça toda branca; era evidente que deixava a montanha para ir caçar, e ia escoltada por dois ou três corvos, com ar de a seguirem para apanharem as migalhas. Iñès bey disse-me que as águias não são raras no vale do Nilo, nomeadamente a águia imperial; já matou várias nos arredores do Cairo. Parece que assim que pousam na orla dos campos, não se preocupam absolutamente mais nada com o deserto, e contentam-se com vigiar a planície, de modo que muito fàcilmente nos aproximamos delas por detrás. Voltando a falar de Miniah, fui uma vez, quer dizer, ontem, ao deserto líbico; para lá chegar, são precisas duas horas de burro e, nesse sítio, ele é ùnicamente constituído por dunas movediças, onde se encerram algumas lagunas, rodeadas pela inevitável tamargueira anã. O aspecto é curiosíssimo, e devem pulular as aves de água; mas faltou-me tempo para levar ao fim a exploração. Também aí o caminho foi quase tão interessante como o fim. Voltei a ver e atravessei o Bahr-Yussef, na margem do qual um perenóptero

sonhava, e observei de perto as aldeias felás. Uma delas era inteiramente copta-católica, e fomos recebidos de braços abertos. Já vos descrevi essas aldeias: amontoamento de casas baixas, de lama endurecida, erguidas sobre uma ligeira eminência que permite enfrentar a inundação, com palmeiras para lhes darem sombra. A toda a volta, campos em que voltejam poupas, bandos de *hoplopleura*, melharucos e andorinhas. De Miniah para a frente encontramos pombais: são construções maciças, rectangulares, encimadas por uma floresta de potes de barro e de nichos de lama, onde os pombos se vêm abrigar. O pároco copta da aldeia de que vos falava é um homem digno, de cara acobreada e pequena barba preta; antigo aluno da *Propaganda* em Roma, de boa vontade permanece na sua aldeiazinha perdida à beira das areias, no fundo de uma choça de lama que é qualquer coisa de inverosímil. Todos os párocos coptas estão nestas condições, e as igrejas deles também; e ainda assim, o pároco a que me refiro é autênticamente um santo homem, que cuida da sua igreja (!) e do seu presbitério(!!) o melhor que pode. A igreja é do tamanho da sala de Sarcenat, e a cripta serve de escola. — Com tudo isto, não consigo ter pena dos felás e de seus párocos, a não ser pela sua falta de instrução. Apesar da pobreza, têm uma vida muito mais pacífica e patriarcal do que a dos nossos camponeses de França. Talvez porque não os conheço suficientemente. — Um dia, fomos de comboio até Siut (ou Assiut), muito ao sul de Miniah. É uma linda cidadezinha indígena, construída ao pé da cordilheira líbica, que entretanto se elevou bastante. Em bons burros, chegámos à aldeiazinha de Deir-Drunka, a alguns quilómetros para o sul, onde havia uma escola para visitar. É na muralha de rochedos que domina Deir-Drunka que se encontram as grutas de Licópolis, outrora povoadas por eremitas; até há poucos anos, os indígenas viviam lá como trogloditas; mas o serviço das antiguidades levou-os a retirarem-se, e agora há casas de terra que brotaram ao longo dos campos, no sopé da montanha. Enquanto um dos meus companheiros, mais versado em árabe do que eu, interrogava umas crianças, escalei a muralha, mas sem encontrar muitos fósseis. Lá de cima, pude contemplar os planaltos, enegrecidos pela pátina ferruginosa dos desertos, cujas cumeadas apinhavam o horizonte, para oeste; alguns atalhos de beduínos deviam conduzir ao oásis de Kargeh. Para leste, a vista era muito mais alegre; nesse sítio, o vale está inteiramente plantado de bersim e de favas, sem que haja limite visível entre os campos; nem sequer uma árvore. E assim, de um deserto a outro, com excepção de algumas excrescências que assinalam a localização das aldeias, apenas havia uma lista verde clara, completamente lisa. — Em Drunka, vi uma palmeira mediterrânica; não creio que, mais para norte, se encontrem muitas outras, apesar de o jardim de Miniah possuir uma. Durante toda esta estadia, não liguei absolutamente nada às antiguidades, apesar de as haver em abundância na região; a cada momento, encontramos *koms* de terra negra e de tijolo, em cima dos quais normalmente se empoleiram as aldeias: Oxyrhinque, Hermópolis, Antinoé. E no entanto, fui a este último lugar; foi uma poderosa cidade romana, e, um pouco mais tarde, as grutas vizinhas, na montanha, encheram-se de eremitas. Resta uma vasta extensão de escombros, com algumas colunas, entre o Nilo e a montanha. Os egiptólogos não deixam de ir ver isso, além dos muito antigos hi-

pogeus de Beni-Hassan e das ruínas de Tell-el-Amarna. Não fui lá por falta de ocasião favorável; e é provável que se as circunstâncias me tivessem conduzido até à vizinhança delas, depressa as tivesse deixado pelos rochedos mais próximos. — Finalmente, esta manhã voltei a tomar o comboio para o Cairo; apesar da monotonia do percurso, é sempre agradável ver desfilar as Pirâmides: Meidum (perto do Fayum, em Wasta), Lichte, Dachur, Saqqarah, Abusir, Gizé. Ainda por cima, os canais que ladeiam a linha estão sempre cheios de grandes guarda-rios pretos e brancos, de galinholas pequenas e de *hoplopleura* que a passagem do comboio em nada incomoda nas suas ocupações. Não me canso, sobretudo, de olhar para as *hoplopleura*, cuja plumagem é extremamente elegante: asas negras, costas de um cinzento acastanhado, garganta e peito pretos e brancos. Os guarda-rios (tal como os melharucos) gostam especialmente dos fios telegráficos, onde até vi quatro lado a lado, a observarem o fundo da água. Eis-me agora de novo no Cairo, que parece bastante barulhento e desagradável depois da cidadezinha de província onde apenas se ouvia o canto de um *muezim* e, de tempos a tempos, a sereia de uma fábrica de algodão ou de um barco da Cook. Acabo a minha carta a 8. Hoje é o aniversário do dia em que o quediva subiu ao trono (?), em honra do que as ruas principais estão atulhadas de uma decoração de teatro, contra a qual os jornais franceses, que alardeiam gosto, não deixarão de protestar. Vigio um exercício, para o qual os meus alunos parecem recordar, mais ou menos inùtilmente, umas noções já muito velhas de oito dias de férias. — Recebi todas as vossas cartas, e mesmo uma, muito grande, da Françoise. O desaire do Yéyé e da sua prova divertiu-me; não o imagino muito bem a abandonar a Escola por medo. E contudo, no fundo, era verdade. — Estou muito contente com as boas notícias de Marneffe. Efectivamente, conheço muito bem o P.e Dugout, e até nem conheço homem cuja vida tenha sido tão agitada por viagens, desporto e política. A visita de *M.* Chauvin [28] honrou-me, e reconheci a Guiguite na sua intrepidez; simplesmente, não creio que, nesta altura, ele esteja mais informado acerca do meu futuro destino do que ela. O meu destino depende essencialmente de um «substituto».

Adeus, querido pai e querida mãe, um grande beijo para os dois e para a Guiguite. Não vos esqueço e rezo por vós. Esqueci-me de vos dizer para transmitirdes os meus melhores desejos de bom Ano ao meu padrinho e sua família. Muitas saudades, especialmente à Marie.

Pierre

P. S. — Parece que nos meus ouriços de Miniah há coisas novas e interessantes. Dar-vos-ei pormenores quando aquilo se esclarecer.

[28] Padre Louis Chauvin (1861-1937) que foi duas vezes provincial de Lyon (1906-1912 e 1918-1924). O Padre Auguste Décisier (1878-1963) pôde dizer dele: «Por toda a parte deixava paz. Só a sua presença era uma pregação viva do ideal cristão».

34

Cairo, 18 de Janeiro de 1907

Querido pai e querida mãe

Fiquei muito triste ao saber da doença do Biel; ela traz-vos muitas recordações para que não vos seja duplamente custosa, e para o pobre rapaz é dura necessidade perder o seu ano de *centrale*. Esperemos que N.-S. tire daí alguma vantagem, mesmo para o seu futuro; seja como for, sabemos, do ponto de vista do céu, que mais dia menos dia será o único a contar, que isso é o melhor que pode acontecer. Mas devem sofrer muito, e, na verdade, nem com a Guiguite e nem mesmo com o Gonzague Deus vos deixa descanso algum; há aí matéria para muita confiança n'Ele, que tudo conduz, e talvez também com que expiar pela pátria: se, na verdade, é esta a última coisa que N.-S. tem em vista, é uma grande honra para a família. — Rezo muito por vós todos, e quase diria que de modo especial pelo Yer-yer e pela Guiguite, já que esta se deve inquietar e aquele sentir-se muito só, depois da vida a dois do último trimestre. Conforme a carta da Mãe do dia 10, espero no próximo correio um anúncio de convalescença; possa ela ser rápida.

Tenho poucas notícias a dar-vos de cá, porque, depois de todos os acontecimentos do mês passado, tudo está agora calmo. Tivemos todavia, anteontem, a visita do novo agente, *M.* Klobukowski. Falou duma maneira

muito franca e liberal, mais categórica do que o que, em público, *M.* de La Boulinière teria ousado fazer [29]. Quer a união e qualquer coisa como a ignorância das divisões que existem em França. Resta saber se não lhe deitarão mão à rédea. Deu o feriado do costume, para grande alegria dos alunos. — *M.* Constans fez-lhe o elogio do P.e André [30], o que poderá facilitar muitas coisas.

Poderão ver mais alguns pormenores na minha carta ao pobre Biel. Queria ter tempo de lha escrever antes da partida da mala de amanhã.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para os dois; parece-me que ainda vos amo mais nestas circunstâncias.

Pierre

35

Cairo, 28 de Fevereiro de 1907

Querido pai e querida mãe

Creio que desta vez ainda a mãe me vai achar atrasado; mas os dias passam depressa, e fico estarrecido ao verificar que a minha última carta data de há 3 semanas! Os dias gordos, que quase logo se lhe seguiram, passa-

[29] Agente diplomático e cônsul geral da França. Da sua alocução: «Desejo que todos os alunos deste colégio francês vejam em mim apenas um amigo».

[30] O Padre Albert André (1872-1919) acabava de chegar ao Cairo, onde sucedia, como reitor do colégio, ao padre Côtet. Vinha de Constantinopla. Foi em seguida superior da missão da Arménia, sobre a qual publicara uma história (Paris, Colin, 1900).

ram-se como de costume; para aproveitar a máquina que ainda cá estava, houve re-animatógrafo, mas desta vez com filmes do género alegre, obsequiosamente emprestados. Apesar da assiduidade dos nossos alunos em frequentar os animatógrafos da cidade, a sessão de cá divertiu-os sensìvelmente. Na terça-feira gorda, como era minha intenção, fui ao deserto líbico, um pouco para sul das Pirâmides de Gizé, e voltei de lá com um respeitável carregamento de fósseis; há por lá camadas bastante recentes (plioceno), datadas da época em que o baixo vale do Nilo formava um fiorde cheio pelo mar, e apanham-se centenas de conchas * que dir-se-ia terem sido deixadas pela última maré. Tal espécie de ostra vive ainda no Mar Vermelho. Como na véspera tinha havido muito vento, encontrei, abrigadas nas anfractuosidades, várias borboletas que tinham sido afastadas das terras cultivadas. Falarei nisso ao Biel, em resposta à sua carta. Isso convida-me a olhar 2 vezes, antes de considerar uma espécie como fazendo parte da fauna desértica. Por outro lado, continuo a esquadrinhar com zelo o Mocatão. Nesta última quinzena dei a volta, periódica e obrigatória, às pedreiras que ladeiam o Cairo, e tenho algumas coisas bonitas, um notável ouriço do mar entre outras. Os cabouqueiros apanham algumas amostras, mas quase ùnicamente dentes de esqualo, por causa do brilho; e é preciso que sejam grandes. Como de costume, querem por isso preços exorbitantes, com o risco de nos perseguirem baixando cada vez mais as suas exigências. — No domingo passado, todavia, fiz uma excursão arqueológica

* *«Coquilles saint-Jacques»*, no original. Lamelibrânquio *pecten*, em linguagem científica [*N. T.*].

ao antigo Cairo, em companhia do P.e Tissot [31] e da nata dos seus alunos de 3e. Entretivémo-nos bastante, e as crianças manifestaram um belo desejo de se instruirem na história da sua cidade, que ignoram por completo. Certamente que não sabem que o Cairo actual está construído num sítio que só foi escolhido depois de 3 etapas sucessivas: houve Babilónia (antigo Cairo) copta e romana; — Fostat, arruinada no tempo das Cruzadas e sepultada nos escombros que se estendem entre o antigo Cairo e o Cairo, — e, depois, o Cairo. O antigo Cairo é, pois, um sítio interessante. Voltei a ver as suas antigas igrejas coptas, que em Setembro visitara com *M.* Roullet: Sitti Maria, com a sua cripta por onde, diz a tradição, passou a Sagrada Família, e «el Muallaka», pequena jóia de arte árabe, com 3 abóbadas cilíndricas, cheia de finos embutidos, de marfim esculpido e de antigos ícones. — A visita à velha mesquita de Amru (grande átrio quadrado, com uma profunda colonata de um lado, uma fonte no meio, e 2 minaretes em 2 ângulos) foi muito alegre. Há lá 2 colunas muito próximas, ditas colunas da «prova», que, quando se passa entre elas, se fica salvo. As crianças precipitaram-se para lá em furacão (sem convicção alguma, claro está) e quase nunca me ri tanto como ao ver o desfile; só 2 tiveram de renunciar a passar pelo interstício. Como a mesquita está agora fora de serviço, pudemos entregar-nos a essa irreverência sem sermos maçados. Mais adiante, está outra coluna milagrosa, que uma mão celeste teria transportado de

[31] Padre Antoine Tissot (1880-1959), reitor dos colégios de Mongré e de Saint-Étienne, e depois pregador, vinte e cinco anos consecutivos, em Grenoble, onde morreu.

Meca: nela se vê o nome do profeta, escrito *dentro* da rocha. Em Setembro, tinha-me enganado e apenas notara uma inscrição gravada: a verdadeira está bem no interior do mármore. Devem tê-la feito produzindo uma rachadura interior do mármore, por exemplo com um buril quente. Para acabar, fomos visitar o antigo nilómetro. O pomar que o rodeia não estava, como no Verão, cheio do perfume da hena e das goiabas; em compensação, como o nível baixara, a coluna que serve de cota emergia quase por completo. Uma placa de nivelamento indica, nesse sítio, 20 metros de altitude; é pouco. — Vi por cá um belíssimo livro sobre o Cairo, recente, e que não deve ser muito caro. *Les villes d'art célèbres. Le Caire,* por G. Migeon. Librairie Renouard, 6, rue de Tournon, 1906. Se o pai quiser arranjá-lo, isso interessá-lo-á sem dúvida muito. — Esta semana, acabo o meu programa com os filósofos; só falta a revisão, até Maio, altura dos exames. Aliás, prevê-se o regresso do calor. Há 10 dias tivemos um desses ventos poeirentos e quentes que apenas se vêem perto dos desertos. A atmosfera parece cheia de um nevoeiro denso, cinzento; na realidade, é areia fina, que irrita o nariz, e cuja camada, à flor da terra, deixa ainda adivinhar, por cima da cabeça, um céu vagamente azul. Mas que a mãe sossegue; o calor não chega verdadeiramente senão no fim de Abril, e, uma vez mais, não sofro com ele.

Adeus, querido pai e querida mãe; um beijo para os dois, bem como para o Biel, o Joseph e o Toto. O Gonzague já vos deixou, com certeza. Digam à Marie que de todo o coração a felicito pelo Jacques, e que faço as melhores orações pela sua prosperidade.

Pierre

36

Cairo, 17 de Março de 1907

Querido pai e querida mãe

Hoje é o domingo da Paixão, o que me leva, como sem dúvida a vós, oito anos atrás. Este mês de Março evoca muitas partidas, e no dia 7 também não me esqueci do Albéric. Ele, agora, protege-nos; bem sabem que a Françoise e eu continuamos de coração com a família, e que estamos contentes com o nosso destino. Aí está o lado bom de todas estas separações, e, no fim, apenas esse ficará; simplesmente, estamos ainda no tempo em que sentimos a mágoa, e queria que ela lhes fosse atenuada pela nossa afeição. — Por cá, o que há de mais importante é que estamos a quinze dias da Páscoa; donde provas, exames, e, para mim, ofícios da semana santa para preparar com os meninos de coro. Mas, lá por isso, não estou muito sobrecarregado. Desde os meus princípios no professorado, nunca me senti tão senhor do meu ensino, de modo que a maioria das aulas, pelo menos as das classes superiores, me dão por vezes um verdadeiro prazer. E além disso, o grosso do ano já passou, e o princípio de Maio vai levar os filósofos. Durante as férias da Páscoa, é provável que faça uma excursão a Fayum, oásis a sudoeste do Cairo, célebre pelos seus fósseis e também pelas suas recordações antigas: aí se encontram o lago Moeris e Antinoé. Creio que gozarei muito com

essa exploração, e falar-lhes-ei minuciosamente dela. — Até lá, voltei a percorrer o Cairo árabe; realizou-se outro passeio arqueológico com o P.e Tissot e a nata da sua classe, que é mais ou menos a nata do colégio. Desta vez, não houve «colunas da prova» mas lindas coisas para ver: em primeiro lugar, a porta Bab-Zueilah, abobadada, franqueada por 2 torres, onde eram enforcados os califas destronados e os cruzados, hoje encaixada em pleno bairro árabe, perto da belíssima mesquita El-Muayad; e os pesados batentes, cheios de grandes pregos, estão cobertos de pequenos trapos imundos, testemunhos do reconhecimento público ao «são» Zueilah, que metade dos transeuntes venera encostando a cabeça à porta. Uma velha bruxa insinua-nos que o remédio é infalível para as dores de cabeça. — Fomos depois à grande mesquita El-Hassan, perto da cidadela; os muros são de uma altura colossal, lembrando um pouco o exterior do Palácio dos Papas em Avinhão; está em obras de restauro, mas será difícil restituir-lhe o seu primitivo esplendor: numa espécie de quadro mostra-se uma das antigas portas, em bronze recamado de ouro e de prata. — Finalmente, acabámos com a visita da mesquita de Ibn Tulun, de que vos falei em Setembro, a mais antiga das mesquitas do Cairo que ainda estão de pé, e uma das maiores em superfície. Foi construída pelo famoso califa Ibn Tulun, que dormia a flutuar num lago de mercúrio, e é certamente majestosa, com o seu imenso átrio rodeado por pórticos de decorações ainda severas. — Se o pai encomendar a brochura de Migeon, encontrará pormenores acerca dela. — O que duplica o interesse destas visitas às mesquitas é vivermos no quadro em que foram construídas; li há pouco a narrativa que um poeta árabe

faz dum passeio de burro ao antigo Cairo, em 1240: ora ele descreve os burros e os costumes dos burriqueiros de tal maneira que a sua história figuraria sem modificações nos apontamentos de viagem de um turista da Cook. Quanto aos felás, ainda estão no tempo dos faraós. — Assisti esta manhã a um regresso de peregrinação a Meca, conforme com todas as regras. Creio ter-vos dito que cada peregrino é levado da estação a casa em triunfo, em trajo de gala árabe e muitas vezes... de tipóia. O meu homem desta manhã montava nobremente um cavalo, precedido por 2 camelos que transportavam um palanquim, depois por uma personagem grotesca, que na cabeça trazia um objecto que só consigo comparar a uma cornucópia ou a uma tromba de elefante, — depois por 2 outros camelos que levavam 2 guerreiros que brandiam sabres, — depois por dançarinos estranhamente vestidos que executavam danças violentas mas de um ritmo muito elegante, — e, por fim, por mais 2 camelos em cima dos quais se apinhavam crianças que batiam com toda a força em timbales. Para estas circunstâncias, os camelos são aparelhados de estranha maneira: pesados tecidos vermelhos com desenhos dourados caem-lhes como chapas, para cima dos flancos, dos dois lados da cabeça encimada por um penacho; por debaixo de tudo isso, continuam a ruminar com ar sonso, voltando com lentidão, num movimento circular mas sempre no mesmo plano, a cabeça com dois grandes olhos de um negro brilhante. Todo o cortejo penetrava lentamente na rua que ladeia os grandes hotéis, estorvando a circulação, mas provàvelmente para grande alegria dos turistas. O lado impressionante da cerimónia é ver os indígenas acorrerem em grande número ao santo que regressa de Meca, a fim de

lhe beijarem as mãos; aí também há uma ideia muito religiosa e muito elevada. — Estamos ainda nos lindos dias frescos da Primavera; na quinta-feira passada, houve uma forte amostra de vento sul, que não durou. Como estava para os lados do Mocatão, tive o curioso espectáculo de ver sùbitamente passar, a 200 metros, um violento turbilhão que levantava a areia e que eu ouvia assobiar, sem dele receber um sopro. Devo dizer que, cinco minutos depois, chegava uma nuvem de poeira que encobria a vista uns metros mais à frente, e enchia os olhos. É agora a altura bonita do deserto: quase por toda a parte, nos fundos dos *ouadi*, vemos flores, crucíferas amarelas, gerânios, azedas de densas folhas. Tudo isso não forma um tapete contínuo, mas, em certos locais, basta para perfumar o ar. Nessas regiões, levantei uma grande lebre, muito pouco tímida, que deixei fugir 3 vezes de seguida; da primeira vez comecei por julgar que tratava com um bicho do tamanho de um chacal, de tal maneira as proporções dos objectos enganam ali, onde não há uma árvore que sirva de ponto de comparação.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo e rezo por vós. Hoje (18) são os anos do Biel, e não me lembrei de lhe escrever. Desejo que aproveite bem de Cannes. — Digam à Guiguite que conto escrever-lhe sem tardar.

Pierre

37

Cairo, 31 de Março de 1907

Querido pai e querida mãe

É, pois, amanhã que parto para Fayum. Como conto escrever-vos na volta, serei breve desta vez; mas tenho de vos dar pelo menos um sinal de vida. Estamos em férias desde ontem, depois de uma Semana Santa em que os ofícios e os exames correram bem. Para inaugurá-las, errei toda a tarde de ontem pelas lojas e pelos velhos bairros árabes, em companhia do P.e Tissot, que é fanático disso. Começámos pela visita ao museu árabe, que eu ainda não tinha visto: há lá jóias de embutido e de cinzelagem, grandes lâmpadas de vidro glauco esmaltado vindas de mesquitas, muitas esculturas (arabescos) em madeira, restos de vasos brasonados de califas, como ainda encontramos nos escombros: mas a ausência de qualquer imagem de qualquer vida torna todo esse amontoado de lindas coisas sensaborão, sobretudo numa cidade em que há o Museu egípcio. Para evitar um aguaceiro, entrámos numa estreita ruela de bazar, onde se encontrava a loja de um joalheiro opulentamente provido de pedras preciosas. Depois de nos ter mostrado uma esmeralda bruta do tamanho de um punho, e da qual afixa o exorbitante preço de 25000 libras (ela é duma «água» duvidosa), declarou-nos ser antigo aluno, e manifestou-nos depois o desejo de ir passar uma época

a França, em Auvergne! Como falou em La Bourboule, declarei-lhe que de facto era a estância mais pitoresca que ele poderia escolher no Centro. Este encontro no fundo do dédalo das lojas é bastante estranho. — A fim de ter informações acerca de Fayum, voltei a ver Iñès bey e as suas aves; o pequeno abutre branco que pulula no Alto-Egipto é o *Percuspterus aegyptiacus*. — A respeito de história natural, e para responder a outra pergunta do pai, o interesse dos ouriços do mar reside em múltiplas causas: há uma data de espécies deles; são muito características em si mesmas e dos terrenos em que as encontramos; finalmente, formam uma longa série, cujas transformações são muito interessantes de seguir. Talvez traga alguns de Fayum; mas o interesse da região está sobretudo nos restos de vertebrados. — Recebi hoje a carta da mãe; o Biel tinha-me falado na gripe da Guiguite, e estou contente por não ser nada. Penso na iminente partida do Toto; esperemos que o Gonzague perceba que lhe deve dar exemplo do trabalho. Seja como for, eis que parte o último filho... Devem sofrer com isso. — Fazem conta de ir à sua 1.ª comunhão?

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para os dois, bem como para a Guiguite e para os rapazes. Voltarei pois a escrever-lhes no fim da semana. Rezo por ambos.

Pierre

38

Cairo, 9 de Abril de 1907

Querido pai e querida mãe

Acabo agora mesmo de regressar de Fayum, o que vos mostra que a minha estadia foi longa: 8 dias. Ao chegar aqui encontrei as vossas cartas da Semana Santa, mais a do Biel sobre Mónaco, onde estou contente que lhe tenham feito tão bom acolhimento. Agora, deixou-vos o pobre Toto; a vida de Sarcenat, sem filhos pequenos, vai certamente parecer-lhes mudada... — Eis alguns pormenores acerca da minha expedição; podereis recorrer ao meu mapa, ou, melhor ainda, aos que provàvelmente encontrareis em qualquer Atlas um pouco completo. O mais simples é seguir a ordem dos dias:

Segunda-feira de Páscoa. — Partida às 8h 1/2; chegada a Medinet el Fayum pelas 11h 1/2. Estão a ver que não leva muito tempo; deixamos a grande linha de Luxor na estação de Wasta. O comboio penetra ràpidamente no deserto, e, ao fim de uns vinte minutos, descemos no oásis. Sabem que antigamente (tudo se fez no princípio do período histórico), Fayum era uma depressão completamente cheia de água; agora, tudo secou, com excepção do lago Larun (Karun) que ainda mede 80 quilómetros de comprimento por 10 de largo, em média; como é natural, o terreno descoberto é extremamente fecundo, mas, nas zonas centrais, a região é bastante

monótona; relativamente poucas palmeiras, e grandes campos de trigo a perder de vista; o círculo de montanhas é pouco visível de Medinet el Fayum. Felizmente, não fiquei sempre lá. Bastante atrapalhados com a maneira como nos iríamos arranjar, numa região muito árabe, em que os hotéis são raros, maus e caríssimos, travámos [32] conhecimento com um antigo aluno do colégio, rico copta da região, que durante uma semana nos guiou através de todo o Fayum, de que aliás desconhecia muitos recantos. Na primeira tarde fomos ver as ruínas de Arsinoé (Crocodilópolis) que estão junto a Medinet; o aspecto é o de todas as velhas ruínas do Egipto: uma extensão de terra enegrecida, a formar várias colinas *(Kom)*, literalmente coberta de fragmentos de cerâmica. Os indígenas exploram essa terra para adubo, sob a vigilância, infelizmente insuficiente, do serviço das antiguidades, que está longe de deitar a mão a tudo o que se descobre. Em Arsinoé, as ruínas são muito extensas, e, como a cidade era ainda florescente na época grega, restam ainda muitas muralhas de casas que lentamente se vão pondo a descoberto; essas casas deviam ser baixas e, em todo o caso, muito apertadas; todas estão construídas com tijolos crus, feitos da lama do Nilo. É assim que ainda hoje se constrói. Em geral, os antigos sítios de Fayum só apresentam interesse para os sábios; descobrem-se aí muitos papiros egípcios, gregos, coptas. Mas não há ruínas grandiosas, como por exemplo em Luxor. Durante esse primeiro dia, fizemos um certo número de visitas, particularmente ao bispo copta ortodoxo, i. é, cismático, venerável ancião (infelizmente muito ignorante, porque, como os coptas não querem bispos casados e todos os seus padres o são, vão buscar os seus bispos ao fundo dos mosteiros) que nos recebeu acocorado num divã e a fumar um cachimbo *(chibuk)* com 1 m 50 de comprido. Nestes últimos dias creio ter tomado, por dia, uma média de pelo menos 10 xícaras de café; devo dizer que as xícaras são pequenas, e o café excelente: perfumado e espesso como creme. — O nosso anfitrião estava ainda em plena quaresma, já que a Páscoa copta só calha daqui a um mês; e os coptas, sobretudo os ortodoxos, têm jejuns de um excessivo rigor; duram quase metade do ano, e durante a quaresma da Páscoa são proibidos ovos, manteiga, peixe. Há aí exagero, sobretudo na concepção do jejum como principal acto de religião. Aliás, livrámo-nos desse regime visto que a nossa Páscoa tinha passado.

[32] Era uma excursão de dois: «...ele, um familiar dos hieróglifos, e eu, um fervoroso geólogo...» *(Relations d'Orient)*.

Terça-feira. — De manhã, visita a Bihamu, onde ainda se vê uma calçada com dois grandes pedestais formados de blocos amontoados, onde outrora se erguiam dois colossos de faraós, hoje desaparecidos. Nesse tempo, a água chegava à beira da calçada, e pensa-se que aí estão as «pirâmides» que Estrabão diz ter visto no meio do lago Moeris; devia ter passado por cá na altura da inundação... Para os lados de Bihamu, Fayum é muito bonito, porque é arborizado. Há grandes campos de figueiras, jardins com latadas, (as uvas de Fayum e as suas galinhas são famosas), muitas tamareiras. Depois de um café tomado em casa do *Omday* (administrador indígena) de Bihamu, regresso a Medinet e, depois, partida para o lago Qarun. Ao fim de meia hora de caminho de ferro (até Ebchawaí) e de hora e meia

de burro, chegámos a um pequeno hotel, ou melhor, a um ponto de encontro de caça — (no mapa, no sítio assinalado «cabanas»). — Sobre uma língua de terra em pleno canavial, um hotel construiu quatro ou cinco grandes cabanas, muito confortáveis, com um pequeno edifício, encimado por um toldo, para a cozinha e as refeições. De lá, pode gozar-se à vontade da vista, ouvindo as rãs nos canaviais e também uma espécie de toutinegra que canta bem e alto. A norte, para os lados do deserto, o lago acaba bastante bruscamente, e imediatamente se erguem as cadeias de montanhas e os planaltos, a amontoarem-se uns sobre ou outros; — para os lados de Fayum, pelo contrário, existe uma grande cercadura pantanosa, cheia de tamargueiras e depois de canaviais, onde os indígenas pescam, ao longo do dia, uma espécie de grande carpa. Estes 3 planos sucessivos, pântano verde escuro, lago azul e montanhas amarelas, formam um quadro maravilhoso. Pernoitámos nesse lugar, chamado «Moeris Hôtel»».

Quarta-feira. — De manhã cedo, atravessámos o lago, num robusto barco. A todo o momento, garças-reais e grandes narcejas levantavam voo dos canaviais; no fim do pântano e das águas profundas, vi bandos de galinholas e de patos. Havia-os por toda a parte, cobrindo a água de pontos negros, aproximando-se por vezes o suficiente para que lhes pudéssemos distinguir as cores. De longe em longe, nadavam majestosamente pelicanos, que não devem deixar ninguém aproximar-se fàcilmente deles; tive a sorte de ver quatro a levantarem voo ao mesmo tempo. A respeito disto, verifiquei que Shelley tem algumas páginas sobre Fayum; informarão melhor do que eu o pai acerca das aves desta região. Assim que

desembarcámos, dirigimo-nos para as ruínas de Dimê, e depois para o pequeno templo grego de Kasr el Sagha, 10 Km. adiante. Todo o redor do lago está assinalado por antigas cidades gregas, apenas assinaladas por ondulações da areia ou por lanços de muralhas. Agora, é o deserto perfeito. Ao aproximar-nos de Dimê, o chefe dos *gafires* (guardas) do serviço das antiguidades, que nos acompanhava, topou dois beduínos que escavavam, coisa absolutamente proibida; acabou por prendê-los, mas só depois de uma luta bastante movimentada, e em que usou de manha. Como os escavadores começassem por ameacá-lo com as suas espingardas, ele fez-se passar por um simples guia de turistas; só quando alguns dos nossos barqueiros chegaram ao pé de nós é que ele se atirou aos delinquentes e os desarmou. Os beduínos são a praga de Fayum, e tornam-no por vezes pouco seguro. Este passeio era o meu principal objectivo. Acima de Kasr el-Sagha, a montanha é muito rica em fósseis, e foi a 1/2 dia de camelo mais adiante, para os lados de Gebel Qatrani, que encontrámos um jazigo inteiro de restos de grandes mamíferos, que expedições científicas vão periòdicamente explorar para os museus. Infelizmente, tive muito pouco tempo, dada a distância de Kasr el Sagha. Trouxe, apesar de tudo, um grande dente de esqualo e muitas amostras de um estranho fóssil, absolutamente próprio de Fayum, e que não se sabe muito bem a que género de animal atribuir. Completo (ou, antes, reconstituído, porque apenas encontrámos fragmentos) tem a forma seguinte: 10 a 20 centímetros de comprimento e de largura. O seu nome é *Kerunia Cornuta*. Só regressámos às «cabanas» por volta das 7 horas da tarde, depois de uma deliciosa travessia;

tudo estava sossegado, e a água parecia leitosa. Fomos pernoitar a Ebchawaí, onde só chegámos por volta das 10 horas. Já era totalmente noite, e a nossa caravana de burros, composta por mim e pelo meu companheiro, pelos 2 escavadores e pelos 3 *gafires* armados, dava um certo ar de «aventuras» absolutamente divertido.

Quinta-feira. — Excursão às pirâmides de Hauara e de Lahun. Uma velha tipóia, resto do Cairo, serviu de transporte. Durante 2h 1/2, seguimos por um caminho mais ou menos estreito que ladeava o Bahr Yusef, pequeno rio que tem a sua nascente perto de Assiut, segue paralelamente o Nilo e vai desaguar no lago Qarun. Por toda a parte se desviam as suas águas, a fim de se regarem os campos, e em Medinet dividem-no em cinco ou seis braços que, divergindo, vão fecundar todo o Fayum. O Fayum vive apenas pela irrigação que, aí, está maravilhosamente conseguida. A troco de algumas piastras, o nosso anfitrião fez provisão de peixes junto de pescadores que trabalhavam ao longo do Bahr. Os peixes parecem-me muito mais variados do que no Qarun: enguias, siluros, peixe com a cabeça parecida com a do famoso oxirrinco dos antigos, etc. As Pirâmides, mais recentes do que as de Gizé (datam da 12.ª dinastia) estão longe de terem a majestade destas. Não têm mais de vinte metros de altura, e estão inteiramente construídas com tijolos crus de lama do Nilo. Isso dá-lhes um tom negro original. Perto da de Lahun, estão os escombros (i.é, mais uma vez, montes de cerâmicas) da cidade guardiã da Pirâmide. Aí se fizeram belos achados de papiros. Um pouco mais longe, está um pequeno *deir* (convento), em pleno deserto: três pequenas cúpulas brancas emergem de uma cerca em terra. Recentemente

restaurado por um copta ortodoxo, é lugar de peregrinação; outrora, só se penetrava aí por meio de uma corda, por sobre a cintura de muralha, como ainda acontece no Natrun e nos conventos de Santo António e de São Paulo (na mesma latitude de Fayum mas na direcção do Mar Vermelho). Agora, há uma porta. Enquanto esperava a chave, comi umas favas cruas que o meu burriqueiro me ofereceu (os felás são doidos por favas cruas) e observei uma espantosa colónia de abelhas obreiras que povoam 2 muralhas voltadas para norte, com 30 metros de comprimento por 6 ou 7 de altura. Há milhões delas, inofensivas, muito atarefadas na construção dos seus alvéolos [33]. Desde que começaram a trabalhar, já trouxeram uma camada de lama, que deve ultrapassar os 80 centímetros de espessura. Isso representa um trabalho de vários séculos. Curiosa região, em que sem interrupção se pode prosseguir tal trabalho! Junto à pirâmide de Hauara, cujo vértice encontrei infestado de miríades de pequenas formigas voadoras (tal como os *puys* no Verão) estão as ruínas do famoso Labirinto, uma das 7 maravilhas do mundo. A falar verdade, já quase nada resta, apenas alguns grandes blocos. Achei muito mais interessante encontrar, no desaterro de um canal que passa por esse sítio, uma enorme vértebra fóssil, maior do que um punho. Não sei se se poderá determiná-la.

---

[33] Dois melharucos engoliam-nas tranquilamente. Os melharucos são, nesta altura, muito abundantes em Fayum. *(Nota do P.e Teilhard).*

Sexta-feira. — Voltámos a Lahun, mas desta vez num desses pequenos comboios agrícolas que sulcam Fayum, e para ir passar a tarde no lugar assinalado «quinta», no mapa; aí mora um antigo aluno, que leva uma vida rústica numa casa um tanto ou quanto rococó, mesmo no limiar de Fayum. Da varanda desta, voltada para os campos e o deserto, em frente da pirâmide de Lahun, segui com interesse as cenas da vida do campo no Egipto. Diante da casa, um grande monte de uma espécie de leguminosas que reconheci mal esperava que se passasse por lá com o instrumento destinado a separar-lhe as sementes: 3 séries de discos cortantes, de aço, encimados por um assento e atrelados a uma «búfala». «Búfalas», touros e burros comiam trevo (bersim) a um canto. Uns lobos de Alsácia, negros, dormiam aqui e ali, esperando a noite para uivar. A casa, recentemente restaurada, era totalmente característica do gosto copta: pintada de cor de rosa por fora, carregada, por dentro, de frescos de estucador, que representavam uma dama com uma sombrinha vermelha (semelhança garantida) a passear pela margem de um lago, em que nadavam cisnes, ou caçadores que dormiam sobre uma terra coberta de neve, enquanto a caça dançava à volta deles, etc. Tudo isto mobilado de mesinhas e mesas reluzentes, de pacotilha, e coberto de tapetes espessos, esconderijo de inumeráveis pulgas. No salão, éramos seis ou sete: o dono da casa, de *galabieh* (vestido) verde e barrete bordado, o *omday* da aldeia, mais outro árabe, mercador de madeiras, e um monge copta. Em cima duma mesa, um fonógrafo (muito característico também dos gostos egípcios) tocava árias árabes. Encontrámo-nos à mesa para comer um enorme siluro, preparado em nossa

intenção: o elemento indígena atacou sobretudo umas bolinhas de favas e umas ervas que nadavam num molho claro.

Sábado. — De manhã cedo, partimos para Enasia, situada a 20 quilómetros para sul, por altura da pequena cidade de Beni-Suef. Aí se encontram as ruínas de uma cidade célebre, que o meu companheiro, o arqueólogo, queria visitar. O percurso fez-se de burro, por diques que correm através de grandes campos de trigo. De longe em longe, atravessávamos aldeias de terra. Para estes lados também, os campos são muito nus. As ruínas de Enasia são consideráveis quanto à extensão e quanto à altura dos montes de escombros. Restos de um templo construído por Ramsés II foram postos a descoberto, pouca coisa afinal. Antes da partida, café oferecido pelo *omday* da aldeia, em cima de um tapete colocado em frente de casa. O regresso foi penoso; estava muito calor, e as montadas já não podiam mais. Na casa de campo de Lahun, encontrámos o jantar copta em toda a sua pureza. Uma grande bandeja traz uma série de pratinhos (peixe grelhado, bolinhas de favas, cebolas, melaço, ervas diversas, bolos indigestos), e toda a gente debica onde quer com os dedos. É evidente que aquela gente não sabe alimentar-se; aliás, comem muito pouco.

— Domingo: descanso. Segunda-feira, excursão a Kom-Muchi, antiga cidade grega, no deserto, ao norte. Estão a ver que as excursões favorecem a arqueologia; é que os bons lugares para a geologia são muito difíceis de atingir, e as excursões ao deserto exigem que se tomem disposições especiais; se voltar a Fayum, tratarei de me prevenir melhor, agora que já tenho experiência.

A maior curiosidade do dia foi ver os imensos terrenos de Nubar paxá, perto de Tamieh. Comprou por um vintém 5000 hectares, que saneia e revende caro. É a empresa agrícola em grande, com pequenos caminhos de ferro, charruas mecânicas, niveladoras, capatazes a cavalo, etc. Em si mesma, a região é triste: campos imensos, sem uma árvore, com as areias amarelas por limite. O saneamento das terras consiste sobretudo em dessalgá-las e, o que segundo parece é muito mais difícil, em desnitrificá-las. Drena-se e planta-se arroz, que absorve o sal. Fomos recebidos e guiados por um dos capatazes, arménio católico, que nos manifestou uma comovedora afeição. As ruínas de Kom Muchi têm pouco interesse; pequenos comboios da exploração vão lá buscar o terriço que fertilizará os campos, de modo que pudemos ser transportados até ao próprio sítio num *trolley* puxado por um macho; ruínas de um pequeno templo têm inscrições gregas; vêem-se lanços de muros de terra e fragmentos de taramelas de madeira. O capataz levou-nos a sua casa, para comermos codornizes; mora com a família num pequeno casal em terra, bastante confortável. Gosta apaixonadamente da vida ao ar livre, e parece um homem enérgico.

E, finalmente, ontem regressei são e salvo, em suma muito contente com a minha estadia, que foi muito instrutiva. As aulas recomeçam amanhã, e os exames são daqui a um curto mês. De há uns tempos para cá, apanhei vários lindos insectos; descrevê-los-ei ao Biel, numa carta que lhe devo. Há sobretudo 2 novos buprestes. — Como não tenho muito tempo hoje, e a minha carta já vai grande, fico-me por aqui. Obrigado à mãe pela sua última carta; penso muito nela. Não conheço o

correspondente de Alexandria que escreve para *l'Univers*. Mas se é S.J., arranjou um pseudónimo.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo e rezo por vós. Muitas saudades à Guiguite e ao Joseph [34].

Pierre

39

Cairo, 25 de Abril de 1907

Querido pai e querida mãe

Eis o Toto fora de casa; sorri ao saber em que formato ele vos escrevera a sua primeira carta, conformando-se assim às tradições dos irmãos. Espero que o pobre miúdo se habitue depressa. Por cá, nada de novo durante estes quinze dias; o facto mais notável é que nos aproximamos do dia 7 de Maio, data dos exames do governo. Os candidatos não são nem tão numerosos nem sobretudo tão brilhantes como no ano passado; mas pelo

[34] A expedição narrada nesta carta foi o assunto de um artigo publicado nas *Relations d'Orient*, Dezembro de 1907, p. 274-281: *Huit jours au Fayoum*, por Pierre Teilhard de Chardin. É a prmeira publicação do padre Teilhard. O artigo acaba com estas palavras: «...Tudo isto, notai bem, não passa de um aspecto exterior. O sério destes oito dias nas margens do lago Moeris deveis procurá-lo nas notas do egiptólogo ou nas minhas colecções».

menos deixarão, em qualquer hipótese, o lugar vazio e tempos livres aos professores. Chego à minha melhor altura do ano. — Na semana passada tivemos dois bons ataques de *khamsin*, conformes a todas as regras: vento absolutamente quente (entre 30 e 40 graus) e uma poeira terrível, a formar nevoeiro. Um dos acessos sobreveio num dia de passeio, mas, apesar de tudo, decidi-me a partir. Os primeiros momentos foram duros, mas ao fim de algum tempo habituei-me, e desaterrámos quase um metro cúbico de areia e argila sem pensar mais na temperatura. Fomos recompensados dessas escavações pela extracção de duas vértebras de um pequeno cetáceo fóssil, do qual muitas vezes se acham restos de costelas, mas raramente outra coisa. Agora, o tempo mudou, e estamos num período de vento quase frio. Decididamente, este ano o tempo está o mais caprichoso possível. Com as acácias *libester* que acabam de perder as suas últimas folhas e apenas começam a dar novas, acharíeis os pátios do colégio mais ou menos no estado actual dos soutos. Felizmente, a Primavera desforra-se por outro lado; passámos a época perfumada das laranjeiras em flor; agora, as figueiras da Índia cobrem-se de lindas flores amarelas, e quase não há jardim em que não se veja a opulenta púrpura das buganvílias. — Para imitar a Europa, tivemos a greve dos cocheiros de tipóias, a reclamar limites para as exigências da Protecção dos animais: cá, assim que um *chauiche* (polícia) topa um cavalo que julga mal tratado, leva a tipóia à esquadra (caracol) onde o cocheiro paga uma grande multa. Como o *chauiche* recebe um prémio por cada prisão, há certamente abusos; no princípio do ano, o caracol esteve durante algum tempo na nossa rua, e era na verdade um

espectáculo estranho e estorvante o dos veículos de todos os géneros, caminhões, tipóias, automóveis até, que formavam o espólio opimo da polícia. A greve foi bem levada, sem abstenção; os poucos que tentavam andar eram imediatamente rodeados, cortados os tirantes e derrubada a tipóia. Uns vinte eléctricos sofreram estragos, ao ponto de já só andarem em grupos de três, com chauíches em cada carro. Um dia até, em que as previsões eram mais ameaçadoras, os ingleses deram um imponente passeio militar; absolutamente nada mexeu. Agora, tudo acabou. — Lá se vai Lord Cromer embora [35]; acaba de chegar o seu substituto. A saúde, muito abalada, parece ser a única causa da partida, que toda a gente lamenta, com excepção, evidentemente, do partido nacionalista egípcio. E ainda por cima, esses não ganham nada com isso: parece que o sucessor é ainda mais firme, o que quer dizer duro. — Os «oásis» ou cidades modelo de moradias, cuja fundação grandes financeiros lançaram no deserto a norte do Cairo, criam-se activamente. O plano geral seria escalar seis, até Suez. Por enquanto, trabalha-se em duas, a mais distante das quais está a uma dúzia de quilómetros do Cairo. Empregam-se aí somas colossais; a primeira, compreende um hotel monstro, verdadeiro palácio de cimento armado, cuja construção já custou qualquer coisa como 60 000 libras; na melhor das hipóteses, só estará aberto daqui a um ano, e já se decidiu para daqui a um mês o prin-

[35] Ao fim de mais de vinte anos de residência no Egipto, «Sua Senhoria lord Cromer, ministro plenipotenciário, cônsul geral e agente diplomático da Inglaterra no Egipto», acabava de pedir a demissão, a 11 de Abril de 1907.

cípio da construção de um hotel ainda maior no segundo oásis, com criação de um pequeno lago para desporto (jogos de *toboggan* na água). Notem que, à parte essas gigantescas construções que crescem, ainda não há nenhuma moradia, nem sequer um habitante. É preciso prever-se com toda a certeza um êxito completo; mas isso parece a muita gente um tanto arriscado. — Enfim, quando tudo estiver construído e os grandes paquetes extra-rápidos tiverem sido lançados entre Marselha e Alexandria, não haverá razão para que o tio Joseph não venha cá passar um inverno.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo e outro para a Guiguite, a quem escreverei da próxima vez.

Pierre

40

Cairo, 15 de Maio de 1907

Querido pai e querida mãe

Não estou certo da minha última carta, mas tenho a impressão de estar atrasado... felizmente que esta se destina a tomar a mala das Indias, o que leva a ganhar tempo. Seja como for, é a primeira vez que vos escrevo desde o princípio de Maio, e devo dizer-vos que não deixo de pedir à Virgem Santíssima que abençoe a família; tereis certamente este ano uma festa de N. D. du Port o mais reduzida possível, mas isso é certamente

uma razão a mais para a celebrarmos ainda melhor. — Estou contente por saber que o Toto se habitua a Jersey, provàvelmente mais depressa do que vos habituais à sua ausência; calculo que a 1.ª Comunhão dele será a 21 de Junho. Cá, ela realiza-se no próximo Domingo. No ano passado estava encarregado de uma parte da vigilância das crianças; desta vez, limito-me a ceder uma sala contígua à de física, para se meterem lá os retirantes, muito numerosos. Já vos exprimi, no ano passado, a minha impressão acerca da festa da 1.ª Comunhão cá: não tem o carácter impressionante das cerimónias de França, porque, parece-me, a assistência compreende mal a importância do que se passa. Isso deve depender bastante do contágio dos «ortodoxos», que estão longe de ter o respeito desejável pelo Santíssimo Sacramento. Para acabar com o capítulo das festas, na quinta-feira passada tive de falar aos alunos acerca da festa da Assunção: aí está uma obrigação pouco interessante, e não sinto gosto nenhum em me tornar orador; mas adoptei o princípio de nunca evitar a ocasião de falar em público, sempre que ela me seja oferecida. É uma formação necessária, sem a qual corremos o risco de nos paralisarmos por completo. No que respeita a quinta-feira passada, saí-me de maneira satisfatória. Simultâneamente, tinham lugar os exercícios do bacharelato egípcio. Por minha parte, creio que os candidatos se desenvencilharam bastante bem; mas quem poderá alguma vez saber, sobretudo aqui, onde toda a gente se sai sempre bem, o que valem verdadeiramente os pontos escritos? Os resultados nunca sairão antes de uns dez dias, na melhor das hipóteses. — Devem certamente ter lido nos jornais os pormenores acerca da partida de Cromer; se durante toda a sua es-

tadia aqui ele insistiu em manter nas cerimónias o seu lugar diplomático, a seguir ao agente da França, nesse dia pareceu que não se queria esconder nada da verdade, e as despedidas foram as que se fazem a um soberano. Na ante-véspera, na Ópera brilhantemente decorada e cercada pela polícia, fez o seu famoso discurso, mais do que indelicado para com o quediva, que, evidentemente, não compareceu em nada. Na manhã do dia em que Cromer deixava o Cairo, esquivou-se por um caminho desviado para ir até às suas propriedades de Alexandria. Parece que a própria partida foi pomposa, que havia lá uma ala de soldados desde o palácio até à estação, i.e, através de toda a cidade europeia. Mas não fui lá, porque esse dia era o famoso Cham-el-Nessim (quer dizer, perfume da brisa), espécie de festa da Primavera, a coincidir com a segunda-feira da Páscoa ortodoxa e copta, em que toda a população, sem distinção, descansa ou vai merendar ao longo do Nilo. É claro que os alunos têm feriado, e aproveitei para ir até ao deserto líbico, com três companheiros, mais um camelo e um burro. Falo à Guiguite nos insectos que encontrei lá. Estava calor, mas ainda havia, de longe em longe, numerosos tufos floridos. Ali, as rochas são gredosas, brancas, desconjuntadas, e essas compridas espinhas, muitas vezes cheias de areia, limitando um largo planalto desnudo onde os objectos tremem e reluzem no vapor quente que sobe do solo, provocam-nos uma sensação impressionante. De especial, encontrei lá um noitibó *(caprimulgus aegyptius)* que quase se deixou esmagar para não abandonar o ninho, i.e, dois ovos cinzentos postos na areia. Shelley representa-o sobre um fundo de verdura, o que me parece mal localizado, e tem o inconveniente de não

fazer notar a semelhança entre a plumagem e a cor da areia. Se o que vi não se tivesse posto a correr como um rato, não o teria notado. A respeito de aves, pude identificar, em casa de Iñés bey, uma espécie de ave pernalta do tamanho de um abibe, de penugem ruça, que abunda ao longo dos canais do Alto-Egipto. É o *Hoplopterus spinosus*. Fiquei muito surpreendido ao ver os espinhos que tem nos cotovelos das asas. — Tal como acontece todos os anos, correram rumores sinistros de sublevação indígena por ocasião do Cham-el-Nessim, e é claro que não houve nada. É caso para pensar que foi de propósito que Cromer resolveu partir nesse dia, a fim de mostrar o seu desprezo por todos esses rumores. Esquecia-me de vos dizer que o epílogo da sua partida foi, para o colégio, o dom de certos objectos de piedade, muito valiosos, que tinham pertencido à sua primeira mulher, católica, que morreu cá; o presente vinha acompanhado de algumas palavras muito delicadas. — Também no deserto, encontrei um beduíno, guardador de camelos, que de especial tinha o estar armado de uma antiga espingarda árabe, com cerca de 2 metros de comprimento, fina, de coronha pequena e triangular, tal como as que trazem todos os árabes de Horace Vernet. É o primeiro instrumento desse género que vejo por cá; geralmente, os árabes usam velhas espingardas de percussão central, ou de pistão.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo, bem como a todos os que estão em casa, e rezo por vós.

Pierre

41

Cairo, 4 de Junho de 1907

Querido pai e querida mãe

A fotografia de Sarcenat no meio dos prados brancos, que ontem recebi, deu-me singular gosto; além do encanto de muitas recordações que me trouxe, já começava a perder a ideia de uma vegetação tão exuberante e, sobretudo, tão variada. — Não menos saboroso, noutro género, era o encontro do Yéyé com o senhor Delmas; há já muito que não lia cartas do Yéyé, e admirei como se sente que ele está formado. Se soubessem como isso é diferente do rapaz do Cairo! Enfim, não podia deixar de ficar sensibilizado pela sua solicitude em procurar um Jesuíta. A respeito disso, o Biel e ele tentaram por acaso ir visitar o P.e Gras? Dar-lhe-iam muito prazer, e creio que o contrário também seria verdade. — Entretanto, julgo que a mãe está nas suas sete quintas; estou contente por ela, com todos esses reencontros, e espero que a estadia em Jersey tenha sido favorável. Se não me engano, terá pela primeira vez assistido à 1.a Comunhão de um dos seus rapazes. Tenha ela podido animar o Gonzague, a respeito do qual, entre parêntesis, partilho fàcilmente as ideias do pai; a saber: que continuará contrariado enquanto estiver no *Bon Secours*. — Eis agora a crónica local. Primeiro, os exames tiveram um resultado lamentável: 1 em 5, em filosofia, 1 numa dezena,

em humanidades. Com excepção de um chumbo infeliz, os filósofos só têm o que merecem; dos humanistas, poderiam ter passado 4 ou 5. A consolação deles foi a proporção estranhamente fraca dos admitidos do ramo francês, sobretudo em comparação com o número dos admitidos do ramo inglês. Falou-se, como era natural, de injustiça; talvez seja simplesmente diferença de severidade em correctores evidentemente diferentes. — Quanto ao colégio, um facto não oferece dúvidas: o número de alunos indígenas decresce muito sensìvelmente diante do elemento europeu, e, nessas condições, o bacharelado egípcio é cada vez menos a coroação dos estudos invejável para a maioria. Talvez haja modificações no ano que vem. — Há dez dias, tivemos a festa do P.e Reitor, conforme o rito. Ofertas suficientemente numerosas de macarrão, cigarros, vinhos, coelhos, gansos e carneiros; depois, jantar para todo o corpo docente, durante o qual nos entregámos ao malicioso prazer de observar as relações dos xeques de turbante com as suas garrafas. Todos têm princípios muito largos a esse respeito, e vi alguns, na altura do café, voltarem espontâneamente a servir-se de licores. Acho que têm muita desculpa, porque, se tivessem de cumprir todas as prescrições do Corão, a vida moderna na verdade não lhes seria abordável. Pelo menos põem os bonbons e os doces acima do álcool, como o testemunham os êxitos que obtive ao passar uns caramelos. — Aproveitei do feriado concedido no dia seguinte para ir de burro até à grande floresta petrificada. Assemelha-se àquilo que por toda a parte vemos aqui em redor: colinas de quartzite vermelho escura, juncadas de fragmentos silicificados; alguns troncos têm vários metros de comprido. Entregámo-nos

sobretudo à caça de gafanhotos, e apanhámos alguns, que fizeram a alegria de Iñès bey. Primeiro, quatro exemplares de uma espécie grande, só uma vez assinalada no Mocatão, e notável pelo seu corselete levantado em forma de capacete cortante. Depois, dois exemplares de uma espécie mais pequena, de asas vermelhas, que ainda não tinha sido assinalada no Egipto, e que Iñès tinha no Sinai. Aliás, como verão daqui a pouco, ela parece abundante este ano. Apanhei para o P.e de Joannis uma família de lagartas de *psyche* que vivem em forros em forma de pirâmides quadrangulares, muito artìsticamente feitos. Agora, todas estão em casulos. — Enquanto comíamos numa encosta queimada pelo sol, um beduíno guardador de camelos veio ver-nos; alimentámo-lo (esse, por exemplo, não ousava tocar na nossa água com medo de que tivesse álcool), depois do que nos chamou para nos mostrar um grande uromastix que dormia perto do seu buraco; sabem com certeza que o uromastix é um enorme lagarto, de grande rabo coberto de picos, que fàcilmente atinge os 80 a 90 centímetros de comprimento. Aquele era um exemplar enorme. O beduíno aproximou-se sem o acordar, e levantou-o bruscamente pelo rabo, que é a parte mais perigosa; o outro debateu-se como um demónio, mas estava dominado. Restituímo-lo à liberdade, e safou-se a toda a velocidade, atirando as patas para o lado, de uma maneira muito cómica. Creio ter-vos dito que os árabes os procuram, a fim de os venderem aos turistas como crocodilos. Vêem-se muitas vezes empalhados, por vezes à porta das casas, para afastar o mau olhado; mas foi o primeiro que encontrei vivo. — No domingo passado, i.e, anteontem, fui passar a manhã ao deserto para os arre-

dores de Heluão, na companhia de Iñés bey e de um rapaz, ardente entomologista (filho de um importante grego, Chakur paxá). Queríamos gafanhotos, e efectivamente havia muitos; apanhámos mais uns poucos, encarnados, e 2 exemplares de uma linda espécie, com asas de cor violeta lilás, que Iñès não possuía. Ainda não está classificada. Este ano é certamente notável quanto aos ortópteros e aos mílabres; 2 das espécies de que eu falava à Guiguite na minha última carta não estavam nas colecções do Cairo; ora, desde então já todos apanhámos mais uns poucos de exemplares. Não sei se já vos falei numa pequena serpente totalmente negra, que me dera um colono do Fayum: é, finalmente, um jovem exemplar da Walter-Innesia, espécie de que só havia ainda 4 exemplares conhecidos (2 no Cairo, 1 em Londres, 1 em Paris), todos apanhados por Iñés. Estão a ver que se encontram coisas interessantes por cá. Para encerrar as notícias de ciências naturais, travei conhecimento com um rapaz muito simpático, que está por cá em missão de estudo das rochas do Egipto. É um aluno de Lacroix, no *Muséum*, entusiasta e cheio das últimas ideias sobre petrologia; vai regressar a França para férias, e aí acabará uma tese de doutoramento sobre as rochas da Normandia, que o levará a Jersey. Como o mundo é pequeno! Se puder ser, iniciar-me-à, no ano que vem, nos estudos microscópicos e químicos das rochas. Antes da partida dele, iremos visitar os jazigos de celestina do deserto, que ele ainda não viu por falta de guia. Tenho pena de não o ter encontrado mais cedo. — Hoje, abre-se a era dos exercícios para prémio; ao fim e ao cabo, sempre traz uns tempos livres. Na sexta-feira, festa do Sagrado Coração, grande procissão, que me inquieta,

sobretudo por causa dos meninos de coro; enfim, as preocupações que me derem não me impedirão de rezar muito por todos vós, nesse dia.

Um beijo para todos *Pierre*

42

Cairo, 25 de Junho de 1907

Querido pai e querida mãe

Todas as vossas cartas me chegaram muito regularmente; a fim de lhes responder de seguida, começarei por felicitar a Guiguite pelo seu escaravelho e o Biel pelas suas fotografias; apesar de um pouco escuras e menos nítidas do que «Sarcenat no meio das macieiras», elas acordaram em mim velhas e muito doces recordações, as do tempo em que também eu corria os montes. Da última vez que lá fui com o Albéric (de regresso do Bayard, de Clermont), passámos entre o Puy des Gouttes e Chopine, precisamente nos sítios que uma das vistas mostra. — Agora, a mãe pode ficar descansada; há quatro ou cinco dias seguiu uma carta para a Françoise; para dizer a verdade, eu estava vergonhosamente em atraso. — Estes últimos quinze dias foram preenchidos sobretudo com os exercícios para prémio, e mais ainda com a correcção deles; agora, estão a chegar ao fim, e muito convencidos de que o mesmo acontece com o ano, muitos alunos começam a emigrar para a Europa com a família. Vários, infelizmente, não podem

dar-se a esse luxo desta vez, dado o lamentável estado das finanças do Cairo, onde a Bolsa, depois das desenfreadas especulações do ano passado, está a sofrer uma depressão que é quase a ruína. — No dia 21 tivemos a renovação dos nossos votos, precedida pelo tríduo regulamentar, que evidentemente, no meio da vida do colégio, apenas pode ter um recolhimento bastante relativo. Isso não me impediu, como todas as vezes em que volto a entregar-me a N.-S., de Lhe rezar muito especialmente por vós, a quem em grande parte se deve o dom que Lhe pude fazer de mim. Sabeis que continuo perfeitamente feliz com o meu destino, e não menos ligado à família. — Na minha última carta, tinha-me ficado pelas minhas primeiras relações com o meu novo conhecimento do *Muséum*, *M.* Couyat (um *Bourbonnichon*); somos agora amigos os dois, e tenho pena de que ele tivesse de partir tão depressa para Paris; felizmente, voltará em Outubro. Antes dele partir, fiz duas excursões com ele, para lhe mostrar os jazigos de celestina do Mocatão, que ninguém lhe tinha indicado (muito poucos lhes ligam, cá no Cairo, e durante 3/4 do ano, se não 4/4, sou o único), e as nossas pesquisas foram coroadas de êxito. Trouxemos quilos de cristais, e, como algumas formas lhe parecem novas, ele vai publicar sobre isso uma notazinha, assim que chegar. As nossas pesquisas só foram perturbadas pelos caprichos dos nossos burros, que tivemos a imprudência de levar sem burriqueiros; assim que começámos a trabalhar, eles punham-se a puxar pelo cabresto, a morderem-se um ao outro, e arrancavam os arreios, ou punham-se a zurrar como desesperados; não me lembrei de lhes pendurar uma pedra no rabo. Creio que, no fundo, os pobres bichos se assus-

tavam no deserto. — Uma carta do Sr. Pallary comunicou-me que eu tinha tido um êxito conquiliológico. Eis que umas conchazinhas do jardim, bastante insignificantes, são afinal *Buliminus Sennaaricus*, espécie assinalada apenas nas regiões da Abissínia. — Sob o ponto de vista entomológico, fizemos grandes colheitas de casulos de *lasiocampa* e de *liparis* da mimosa; as lagartas desta espécie (a que vale 25 fr.) pululam em pequenas mimosas do deserto, mas são muito aborrecidas de criar, por causa da dificuldade de lhes arranjar alimento; à parte isso, são bonitas, com a cabeça cor de rosa carmim, a barriga amarelo de ouro, e compridos pêlos em tufos brancos; e são muito pequenas. — A *lasiocampa* é ainda mais rara nas colecções; mas, na verdade, pode ser fàcilmente encontrada aqui. — Entre parêntesis, o nome da serpente negra de que falava na minha última carta é mesmo *Walterinnesia*, e isso porque Iñés se chama Walter de seu nome próprio. — No domingo passado tive de presidir ao feriado dos meninos de coro, que consiste em levá-los a merendar e tomar banho em Matarieh, *faire le bain* como dizem no francês deles (os alunos de cá aprendem uns com os outros locuções lamentáveis; assim, dizem correntemente: «Je vous porterai mon père, etc.» em vez de «J'amènerai»). — O passeio correu muito bem; aliás, como é natural, tinha comigo a nata do colégio.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para vós, bem como para a Guiguite, para o Biel e para o Joseph. Esquecia-me do Yéyé, que esta carta encontrará em Sarcenat. Cá, as nossas férias começam a 15 de Julho.

Pierre

43

Cairo, 11 de Julho de 1907

Querido pai e querida mãe

Dei esta manhã a minha última aula do ano, acontecimento que um professor vê normalmente chegar com prazer; esta tarde, à guisa de encerramento, vou levar os retóricos de ciências a contemplar os alternadores da fábrica de iluminação eléctrica, e depois o ano estará definitivamente acabado. Apenas restam uns exames de francês, para amanhã se fazerem à *quatrième;* mas não custa nada, e tenho por colega o meu amigo P.e Tissot, em companhia do qual as horas não poderão parecer compridas. Até lá, gozo de súbita popularidade junto dos interessados que vou examinar amanhã, e que me perseguem com as suas amabilidades: somos todos iguais. A distribuição dos prémios terá lugar na segunda-feira 15, à noite. Depois, serão três semanas de sossego, até por volta do dia 5 de Agosto, data em que iremos para a beira-mar, em Alexandria, como no ano passado. — Estes quinze dias foram muito calmos, e bastante quentes. Levei todavia o heroísmo ao ponto de subir ao Mocatão, em companhia de um irmão Marista (há-os cá para as primeiras classes), natural dos arredores de Ambert, e que tende a tornar-se um dos meus melhores auxiliares em matéria de geologia. Tivemos a boa sorte de desenterrar, de uma camada arenosa, a mais bela vérte-

bra de cetáceo que encontrei até à data; prevejo que *M.* Fourtan vai ficar cheio de admiração pelo objecto. Simplesmente, como a areia aderia muito e se impunha uma limpeza cheia de cuidado, decidi-me a trazer um bloco bruto, quase do tamanho de uma cabeça, à vista do qual muitos cairotas se espantaram no meu caminho. — Nos dias de excursões menos longínquas, sigo os muros em lama de Matarieh, para aí apanhar crisálidas em intenção de *M.* du Buysson: uma encomenda que lhe mandei no ano passado perdeu-se infelizmente. Mas, desta vez, tomarei as minhas precauções. — Todas as vossas cartas me chegaram regularmente; felicito Orcines por ter de novo um pároco. O P.e Garraud tinha-me dito que o irmão dele decidira não passar as férias lá em cima, se lá não houvesse pároco. — Agradeço ao Biel o ter-me mandado uma vista dos «cortes» do bosque das Valettes; tal como ele pensava, deu-me muito prazer e recordou-me muitas tardes bem passadas. — A respeito da instituição do Sagrado Coração de Moulins, a cujos antigos alunos o Xavier tem a honra de presidir, creio que o meu novo amigo do *Muséum, M.* Couyat, andou lá; mas julgo que não deve ter estado presente no banquete. — No decurso da semana que vem, verei o P.e Le Marois, encarregado da missão sempre invejada de trazer ao Cairo os alunos de Alexandria; aliás, faz ele bem em aproveitar da ocasião: como vai para Hastings dentro de algumas semanas, e não pertence à província de Lyon, não tem muitas probabilidades de voltar ao Oriente. — Acaso o Joseph conta fazer um exame de bacharelado este ano? Das cartas da mãe deduzo que, entre vários projectos para o ano que vem, ele pensa em Antoing. Sem qualquer ideia preconcebida em favor dos estabelecimentos da ordem, não posso deixar de felicitá-lo; sempre ouvi falar de Antoing como de uma casa excelente para o trabalho, e creio que dificilmente se pode desejar melhor do que a companhia dos nortenhos, trabalhadores e bons rapazes.

Quanto a mim, graças a N. S., tudo continua óptimo sob todos os aspectos. Um beijo para vós bem como para os rapazes.

Pierre

44

Cairo, 30 de Julho de 1907

Querido pai e querida mãe

Tereis recebido, e talvez com um certo espanto por causa do selo francês, a minha carta a anunciar-vos a passagem por Clermont de *M.* Mulsant; a sua partida foi tão rápida, que não pude entregar-lhe coisa mais comprida. Enfim, poderá falar-vos de mim *de visu*, e trazer-me notícias vossas. Fiquei agradàvelmente surpreendido com a fotografia da Françoise, com a qual não contava nada; acho-a bem, com excepção de lhe censurar, com a Guiguite, o ter exageradamente mostrado o seu bandó. Obrigado à mãe por ma ter enviado tão depressa. Também os rapazes, a subirem para o comboio de Gerzat, me deram prazer; não os achei mudados. Só me falta a preciosa face do Gonzague. — Vialle com os fenos por ceifar pareceu-me um tanto hirsuta, mas admi-

rei o repuxo. Quanto à vista do Allier, localizei-a imediatamente, antes de ter visto os esclarecimentos do pai. — Cá estamos, pois, em férias desde há quinze dias; a distribuição dos prémios realizou-se com a pompa habitual, e a assistência até era muito mais numerosa do que de costume. Más línguas houve que explicaram o facto pela paragem dos negócios no Cairo, que, infelizmente, retém muitas famílias longe da Europa ou da Síria, para onde costumam fugir em tempo de férias. — Desde então tenho levado a vida mais sossegada, repartida pela física e pela história natural; nomeadamente, preparo uma expedição às borboletas, para o P. de Joannis. Ontem, fui fazer uma visita a Iñès bey, ao seu laboratório da Escola de Medicina. Assinalo o facto, porque ele estava a pôr etiquetas numa enorme colecção de peixes do Nilo, muito recentemente chegada. Os peixes estão todos em bocais cheios de álcool; desbotam aí um bocadinho, mas isso apresenta menos inconvenientes para as espécies fluviais de cores pálidas do que, por exemplo, para as espécies de tons deslumbrantes do Mar Vermelho. Pelo menos tanto como os peixes, admirei a biblioteca do doutor, que recebe os fascículos de quase todas as grandes obras de história natural que se estão a publicar. Além dos livros especiais para a África, notei a descrição completa dos lepidópteros do globo, todos representados. Evidentemente que esta obra só pode ser editada na Alemanha. Vi também que Shelley publica um catálogo das aves de África. — Na próxima segunda-feira, dia 5, partimos para Sidi-Gaber, perto de Alexandria; isso muda-nos os horizontes, e gostamos sempre de voltar a ver o mar. Conto tanto quanto possível cultivar as margens do lago Mariut. Quanto às vossas cartas, mandem-nas, como sempre, para

o Cairo. Acabo a minha carta no dia de Santo Inácio; num colégio vazio, a festa não tem evidentemente grande aspecto. Isso não me impede de rezar muito a N. S. por vós. Dentro de três semanas, em Hastings (nova residência dos «teólogos» [36]), muitos dos meus bons amigos vão ser ordenados sacerdotes, nomeadamente H. du Passage [37]. A mãe vai ter inveja; — mas depressa chegará a minha vez.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para vós, bem como para a Guiguite; não tardarei muito em escrever-vos de Alexandria.

Pierre

45

Alexandria, 14 de Agosto de 1907

Querido pai e querida mãe

Quase que nem acreditava no que via quando li a

[36] Em 1902, ao mesmo tempo que o escolasticado de Filosofia de Laval emigrava para Jersey, o escolasticado de Teologia de Lyon-Fourvière transportava-se para Cantuária. No Verão de 1907, instalava-se no novo edifício de Ore Place, numa colina que dominava o mar e a cidade de Hastings (Sussex). Será em Ore Place que Pierre Teilhard fará os seus quatro anos de Teologia, de 1908 a 1912. O escolasticado voltaria para Fourvière em 1926.

[37] Padre Henri du Passage, de uma família ligada aos Teilhard; foi durante muito tempo director dos *Études* em Paris.

carta em que a Guiguite me anunciava que podia andar; as melhoras são certamente sobrenaturais, pelo menos porque vieram pela Santíssima Virgem, e são o melhor penhor da cura total que convosco pedirei muito a N.ª S.ª amanhã, agradecendo-lhe. Estas intervenções mais directas da bondade da Santíssima Virgem contam-se a toda a hora à nossa volta; mas como elas nos tocam mais, quando se trata de família! É prova de que no céu não nos esquecem, em particular aqueles que para lá partiram, o Albéric, a Loulou. — Depois disso, as notícias que posso dar-vos de mim parecem bem mesquinhas; ei-las. Antes de mais, escrevo-vos de Sidi-Gaber, mesmo à beirinha do mar azul que não nos cansamos de voltar a ver, apesar de ao fim de dois dias sentirmos saudades dos rochedos doirados do Cairo. Naturalmente, tomamos banho com furor numa água toda morna, e aspiramos um ar deliciosamente fresco. Há uma semana que não tenho tempo de me aborrecer, graças a explorações no lago Mariut. Por duas vezes, segui por uma linha que pertence ao quediva e que, partindo do oeste de Alexandria, atravessa o Mariut e segue pela sua margem sul durante 75 quilómetros, a caminho da Tripolitânia. Creio que acaba na extremidade do lago, em Abusir (vereis isso num mapa bem feito), mas fui só até meio caminho. De qualquer modo, a viagem é muito curiosa: a oeste de Alexandria, o deserto começa imediatamente, feito de onduladas colinas pedregosas, semeado de tendas de beduínos de costumes muito primitivos e mal afamados (o que não existe no deserto do Cairo, onde não encontramos ninguém). O comboio é, aliás, de uso quase exclusivo dos beduínos. A todo o comprimento da linha (pelo menos no percurso que fiz), a actividade do quediva, que é senhor particular de todas as terras, manifesta-se por experiências de culturas. O solo pedregoso é arranhado por minúsculos arados que os indígenas trazem debaixo do braço, e, na primavera, a paisagem deve ser relativamente verde. Aliás, nesta altura não se distinguem os campos. Só aqui e ali, perto das estações, se esboçam robustas plantações de tamareiras, romãzeiras, vinhas, que formam uma mancha verde no deserto cinzento a perder de vista: é apenas uma questão de água. A minha segunda viagem sobretudo, a mais comprida, foi muito interessante; ao acaso comprei um bilhete para uma localidade chamada Behig que acabou por ser um sítio lindo: numa prega de terreno paralela ao Mariut existem alguns poços, e a toda a volta se agrupou um pequeno centro indígena: grande jardim rodeado de pedras secas, em que se apinham figueiras, algumas casas baixas; depois, várias centenas de camelos, a roerem a erva rara em redor do *bir*. Para dar de beber aos animais, grupos de indígenas meio nus tiram a água com uma comprida corda e um odre, e despejam-na em pequenos tanques, junto dos quais se impacientam cabras e camelos desengonçados. E em toda a volta, o deserto. Os beduínos mostraram-se acolhedores, e as crianças até nos ajudaram a procurar conchas terrestres, de que fizemos magnífica colheita; enquanto não dou mais pormenores ao Biel, assinalo um belo hélix de espiras bordadas, que me era pedido com insistência e que pululava nos arredores. Não sei se os mapas ainda assinalam a azul a grande depressão do Mariut, que se estende paralela ao mar. Na realidade, ela está quase completamente seca até ao ponto em que se liga com a grande toalha que banha o sul de Alexandria. A fauna não é totalmente

a do Cairo; apanhei um belíssimo lagarto, do tamanho de um grande lagarto verde, de barriga amarela e dorso acinzentado, coberto de manchas de um cor de laranja brilhante. Numa espécie de pequeno alecrim fiz uma colheita de várias lagartas de *psyche* de forro quadrangular, da espécie já encontrada no Cairo. — É um deserto de género diferente do do Cairo: menos austero, mas igualmente atraente. Havia lá multidões de pés secos de asfódelos; na primavera, a vista deve ser encantadora. — Ontem, 4 de nós, em companhia de um jovem Alexandrino que conhecemos, demos um passeio de barco à vela pela enseada; o porto tem grande animação, paquetes, veleiros e guigas de inumeráveis clubes náuticos, pesados veleiros turcos de cascos pintados, tal como os vemos nas ilustrações do *Arquipélago de fogo* de J. Verne; no meio disto tudo, o vento estava óptimo. — Amanhã, vamos ao colégio de Alexandria, onde 2 padres fazem os seus votos solenes.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para os dois, bem como para a família. Escreverei uma palavrinha antes do meu retiro. Mais uma vez, agradeçamos à Santíssima Virgem e confiemos-lhe ainda mais a família.

Pierre

46

Cairo, 3 de Setembro de 1907

Querido pai e querida mãe

Escrevo-vos com muito atraso, mas vereis, pelos pormenores destas três semanas, que andei bastante ocupado. Os últimos dias de férias em Alexandria foram bem preenchidos; fui nomeadamente passar um bom dia a Abukir, a casa de Edgar Chakour, um entomologista do Cairo, jovem e entusiasta. Abukir é uma praia muito bonita, com algumas moradias e um acampamento de barracas de cana, para onde as famílias de Alexandria vão veranear. Este género de acampamentos está muito em moda; em Raz el-Bahr, perto da embocadura de Damieta, há toda uma cidade de palha assim, onde afluem as melhores famílias indígenas; parece que o grande encanto é renunciar a todos os constrangimentos da vida europeia, e passear descalço e em *galabieh* (vestido árabe). Como recordações guerreiras, há em Abukir um pequeno forte e o ilhéu Nelson. Naturalmente, tratei sobretudo de insectos, e encontrámos vários interessantes. O género da região é a duna, nua ou com palmeiras. Há lá terrenos imensos, propriedade do príncipe Tussun, primo do quediva que aliás possui, ao lado, as suas terras de Montazah. Infelizmente, os dois primos zangaram-se, e o quediva conseguiu cortar a água ao príncipe Tussun, cujo apanágio fica assim forçosamente inculto. — Noutro

dia, andei pelo porto de Alexandria numa belíssima canoa automóvel que um antigo aluno recentemente trouxe de Paris; procedeu-se mesmo a uma bênção da canoa, cujas evoluções e sereia fazem uma certa sensação; ainda é mais ou menos a única no seu género em Alexandria. O antigo aluno em questão acabava de percorrer durante um mês, em automóvel, as estradas de Auvergne; e até estava em Clermont a quando do desfile de 14 (?) de Julho. — A 22 de Agosto, finalmente, tivemos o nosso retiro; apesar da barba, que lhe dá apenas um ar ainda mais austero, o P.e Dromard não mudou. Um retiro, tal como a maior parte das coisas salutares, nunca é muito divertido; mas sentimos necessidade dele para fazer algum bem por cá. Claro que não deixei de rezar por vós e pela família, nem de voltar a dar graças pela Guiguite; porque não a levam a Lourdes, em sinal de reconhecimento, e para acabar a cura? — Acabo de receber a carta do Biel e a da mãe, que aviva os meus remorsos, visto que me diz esperar uma carta... Estou contente pela estadia em Vialles se prever boa, e felicito pelas raridades verificadas por *M.* Mayet. Se o P.e de Joannis voltar a passar pelas redondezas, trate o Biel de não o deixar fugir. Chegou-me, além disso, uma carta de *M.* Pallary, que me conta que, depois de quase ter sido massacrado em Casablanca, e depois em Rabat, pôde ser recolhido pelo Gueydon. Parece ainda bastante emocionado; assim, foi interrompida, repentinamente, a sua missão. Duas espécies de conchas terrestres que lhe mandei no princípio de Agosto não eram conhecidas na África do Norte. — Voltando às minhas ocupações de há três semanas para cá, assim que cheguei ao Cairo deparei com uma multidão de caras amigas: jovens padres de Beirute que

iam para Hastings, ou vinham até cá, quase todos conhecidos em Laval e em Jersey. Podem calcular que tempo livre me deixaram: tal é a ambição de conhecer as maravilhas do Cairo! — Mas sobretudo no Domingo, chegou o P.e Burdo, e então não tive mesmo mais tempo nenhum. Na segunda e terça-feira fizemos uma grande excursão por todas as primeiras pirâmides. Junto às de Gizé, arranjámos dois camelos, que na primeira tarde nos levaram a Saqqarah, passando pelo grupo de Abu-Sir; perto de Abu-Sir há um templo recentemente explorado que, segundo parece, tem um interesse único, porque lembra os templos assírios: no meio da cerca ergue-se uma pirâmide, (o que nunca acontece no Egipto; as outras pirâmides são túmulos, flanqueados por um templo a leste). Além disso, resta uma série de grandes pias de alabastro e compridas pedras com sulcos, cuja utilidade se desconhece. Ao lado, a «barca do sol», em vez de ser em baixo-relevo, ou de madeira, como noutros sítios, está representada em tijolo cru: 2 paredes, como está neste desenho. É curiosíssimo. Ao pé de outra pirâmide, os alemães fazem neste momento umas escavações, o que nos proporcionou a cena sempre divertida dos rosários de crianças, levando à cabeça cestos de terra escavada e cantando em coro. Um operário acabava de ser mordido por um *uraeus*, que não consegui ver; deve ter-se livrado com uma injecção. — Pernoitámos em Saqqarah, na casa de terra que em tempos serviu a Mariette. Tínhamo-nos embrulhado num cobertor e deitado em cima de uma mesa, debaixo de uma varanda. Confesso ter dormido medìocremente, mas a situação era pitoresca; os camelos grunhiam à porta, alguns árabes faziam as suas orações e depois deitavam-se como nós; um burro passeava lá

por dentro, a mastigar favas. Ouvi cantar uns maçaricos-reais (certamente *aedicnèmes)* o que me recordou as noites nos Bravards. No dia seguinte, continuámos a descer o deserto para sul, até ao grupo de Dachur, aonde raramente vamos; há quatro pirâmides; a primeira tem 99 metros, e é muito regular; a segunda, muito mais curiosa, é de lados cortados (houve certamente modificação do plano no decurso da construção) e tem ainda todo o seu revestimento liso, de grandes blocos. O encanto dessas pirâmides é erguerem-se numa areia apenas revolvida por algumas escavações, e longe de toda a civilização. As outras duas estão quase aluídas; uma, mesmo à beira do vale do Nilo, é de tijolos negros, como as de Fayum; a última não passa de um monte de escombros. E foi todavia lá que *M.* de Morgan encontrou os seus famosos adereços de rainhas. A sua pequena casa abrigou-nos para o jantar. Tínhamos, de lá, uma vista maravilhosa: o vale estava completamente inundado até ao deserto arábico, à nossa frente; apenas emergiam as palmeiras de grandes cachos dourados, com as aldeias em terra, construídas sobre outeiros. Os 2 dias de camelo tinham-nos rebentado bastante (o P.e Burdo fotografou-me em cima do meu dromedário, mas só revelará o rolo em França), e deixámo-los sem grandes saudades. Um barco trouxe-nos, através da inundação, até ao caminho de ferro. É uma volta que me deixará boas recordações. — Quase todos os hóspedes de passagem nos deixarão amanhã; houve muitas mudanças na composição do colégio, mas, ao fim e ao cabo, voltamos a encontrar um bom número de velhos conhecidos. As minhas atribuições fundamentais não mudarão; quanto ao pormenor, ainda não está estabelecido; mas não tardará muito, visto que

o P.e Mulsant regressou ontem... sem ter passado por Clermont.

Voltarei a escrever-vos sem tardar muito. Até lá, um grande beijo, bem como à Guiguite e aos rapazes.

Pierre

Saudades ao tio Joseph e aos habitantes dos Bravards.

47

Cairo, 21 de Setembro de 1907

Querido pai e querida mãe

Eis-nos pois, agora, muito perto do começo do ano lectivo; cá, terá lugar a 2 de Outubro, e, para os vossos rapazes também já não deve, infelizmente, tardar muito. A partida do pobre Joseph vai criar-vos um certo vazio, porque ele tinha-vos desabituado das suas ausências; irá o pai até Bruxelas ou outra cidade da Bélgica? — Este ano, a minha vida muda pouco: além das classes superiores, volto a ter a *3e* em física (como no meu primeiro ano) e, em compensação, deixo de ter a preocupação, bastante leve, dos meninos de coro. Continuarei, creio eu, a andar todos os dias de ónibus pela cidade, a fim de ir buscar as crianças mais novas: mas é mais uma distracção do que outra coisa. Um ponto não está ainda bem determinado: é a composição e a distribuição das aulas

(como horário), o que aos olhos dos professores tem muito mais importância do que se possa julgar; mas nesta terra é impossível saber-se antes do começo do ano se este ou aquele aluno quer seguir letras ou ciências. Enquanto espero o dia 2 de Outubro, ando bastante pelos arredores do Cairo, com fins diversos. Na semana passada, passei um dia no maciço de Turah (montes um pouco ao sul do Cairo, entre o Cairo e Heluão), região muito acima do Mocatão. Subimos até bastante longe um belíssimo *ouadi*, autêntico leito de torrente, com uma centena de metros de largura e encaixado entre duas falésias. A vegetação é relativamente abundante no fundo do *ouadi*, o que quer dizer que, além dos tufos de gramíneas ou de zigofilo, há, aqui e ali, uns pequenos arbustos com lindas flores violetas. Na Primavera, o sítio deve ser maravilhoso, e rico em insectos; na semana passada, apenas havia grandes escorpiões verdes, alguns corvos negros com a cabeça castanha *(corvus umbrinus)*. Nos detritos amassados pelas chuvas do Inverno, apanhei bastantes amostras de uma pequena concha *(chondrus...)* que creio que só tem sido encontrada nas altas montanhas que estão para os lados do Mar Vermelho. Levámos connosco, para agarrar nos burros, um miúdo árabe que foi tomado de pânico ao ver-nos ir tão longe; estava lavado em lágrimas e tivémos um trabalhão para o convencer a seguir até ao fim. — No Mocatão, apanhámos uma pequena «víbora das pirâmides» *(echis carinata)*; é a primeira que vejo, e, contudo, parece que é muito vulgar. Quando se sente ameaçada, esfrega as roscas do corpo umas contra as outras, produzindo um ruído «eh...!» muito forte e muito característico. Ontem, fui entomologizar para Heluão com o Dr. Iñès bey. Apanhámos sobretudo ortópteros, gafanhotos de asas de cor lilás, e eremiófilos de uma espécie interessante. Os eremiófilos parecem-se mais ou menos com o desenho seguinte: são uma espécie de louva-a-deus com asas rudimentares, patas enormes, que correm como o vento sobre a areia, com a qual a sua cor as confunde absolutamente; é uma classe de insectos bem desérticos, e muito interessantes. — *M.* Robert du Buysson escreveu-me a respeito das crisálidas que eu lhe tinha mandado; há mais espécies do que eu julgava, e tive a sorte, em duas espécies, de ter apanhado quase só machos, quando apenas a fêmea era conhecida, e vice-versa. Isso incita-me a continuar. — Contaram-me ontem uma história bastante divertida que aconteceu a um jovem padre sírio que, sem nunca ter deixado o Oriente, se viu há três semanas transplantado para Chatel-Guyon, para uma época: a quando da sua primeira saída do hotel, ao ver umas mulherzinhas de touca, tomou-as por freiras, e começou a falar-lhes: «Minha irmã, etc.». Parece que o engano foi suficientemente bem aceite.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para os dois, bem como para a Guiguite e para os rapazes. Lembrar-me-ei de todos no dia 27; o Albéric obterá que este ano seja bom para os vossos filhos.

Pierre

A Françoise falou-vos na morte da irmã do P.e de Verneuil, a sua «boa madre» de La Tour?

Os meus parabéns ao Yéyé pelo seu faisão.

O Joseph que me mande a sua direcção em Antoing.

48

Cairo, 3 de Outubro de 1907

Querido pai e querida mãe

A minha última carta seguiu algumas horas antes de me ter chegado aquela em que me anunciavam a crise por que passou o destino do Gonzague. Estou, como vós, muito contente pela maneira como ela acabou, mas era bom que esse miúdo se decidisse mesmo a trabalhar. Pelas descrições que me fizeram de Marneffe, ele e o Toto vão encontrar lá uma região luxuriante, que os levará a esquecer um pouco a ausência do mar. Suponho que o reitor continua a ser o P.e de Vallois; conheci-o durante um ano em Jersey, e é um dos homens mais simpáticos que encontrei até hoje. Quanto ao corpo docente, é na sua maioria constituído por jovens que fizeram a filosofia comigo. A ausência de todos esses rapazes, aos quais se deve agora acrescentar o Joseph, deve criar um grande vazio em casa; em recompensa da tristeza que isso vos dá, N. Senhor saberá abençoar o ano deles. — Cá, o começo do ano lectivo consumou-se, e até raramente se viu no primeiro dia uma chegada tão compacta; geralmente, os regressos desfiam-se ao longo de todo o mês, e até para além dele. Mas este ano continua a crise dos negócios, que faz baixar o preço dos terrenos e tira a muita gente os meios para viajar. No Cairo, e mais ainda em Alexandria, muitas famílias encontram-se em

situações terríveis. — Pessoalmente, só amanhã começo as minhas aulas, e só lamento a minha sorte por ter um horário bastante baralhado, dada a multidão de alunos com que tenho de tratar. Até agora, os meus únicos cuidados foi ter de levar sãos e salvos a suas casas alguns novos alunos que só tinham uma vaga ideia do tecto que os albergava, ou pelo menos não sabiam o francês suficiente para se exprimirem. A respeito disto, o que *M.* Jacquemont confidenciou à mãe acerca dos meus estudos de árabe não passa infelizmente de um ideal; quase que não tenho tempo, e muito poucas oportunidades. Aliás, lamento-o amargamente: os árabes ficam muito contentes quando lhes falamos, e além de utilíssimas informações que se podem obter por intermédio deles, aceitam com alegria que lhes falemos de verdades morais e até religiosas. — Para acabar as férias, fui passar um dia a Abu-Roach, no deserto ao norte das Pirâmides. Trouxe de lá uns ouriços do mar que talvez sejam interessantes — e cristais de celestina que farão a alegria de *M.* Couyat. Fiquem sabendo que este fez uma comunicação à Academia das Ciências, acerca dos que em Junho tínhamos apanhado no Mocatão; mas apenas vi a indicação dessa nota, que certamente não tardará a chegar-me *in extenso*.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo e rezo por vós. Saudades ao Biel; quero ver se lhe escrevo sem tardar muito.

Pierre

49

Cairo, 19 de Outubro de 1907

Querido pai e querida mãe

Recebi regularmente todas as vossas últimas cartas, cheias de pormenores acerca do regresso dos rapazes às aulas; a narração que o pai me faz da sua viagem à Bélgica interessou-me muito, sem que todavia me surpreendesse no que respeita a Antoing e a Marneffe. Calha ao Gonzague e ao Toto uma vida de colégio de que certamente não adivinham as vantagens nem a superioridade sobre a que os seus irmãos mais velhos tiveram que suportar, — pelo menos sob o ponto de vista do recreio. Vou escrever ao maçador do Gonzague (digo isto para a mãe), que por acaso está na classe de um dos meus melhores amigos, realmente capaz de o obrigar a trabalhar a sério. — Creio que, quanto à Guiguite, tomaram a melhor decisão, e devemos esperar que a Santíssima Virgem irá ficar contente. Rezo muito convosco. — Por cá, os dias passam com a rapidez do relâmpago, acho que mais depressa do que durante as férias, mas também de uma maneira mais uniforme. As minhas numerosas classes inferiores (humanidades e *troisième)*, que eu encarava com uma certa desconfiança, satisfazem-me, pelo contrário, muito; nelas se encontra uma boa maioria de crianças muito simpáticas, e que me escutam com admirável atenção. Infelizmente, ainda não lhes posso dar

muita coisa interessante. Em compensação, a retórica de ciências não vale a do ano passado. Pessoalmente, domino, como é natural, muito melhor o meu ensino, e começo a saborear o prazer de ensinar qualquer coisa aos outros, que em mim está muito acima do de aprender para mim. Queira N. S. que, além disso, eu faça algum bem a toda essa gente. — Desde o começo do ano lectivo consegui dar mais do que um passeio. Ontem, especialmente, graças ao feriado dos novos, andei todo o dia de burro no deserto ondulado e pedregoso do nordeste, ao longo do antigo caminho da mala das Índias. A vegetação, muito característica desta parte do deserto, compõe-se sobretudo de grandes tufos de gramíneas de folhas duras e espinhos, espalhadas aqui e ali. Foi nesses tufos, embora mais longe, que há oito dias apanhei uma espécie de gafanhoto amarelo-claro, com ares de grilo, que fez a felicidade de Iñès bey, e aliás ainda não foi determinado. Ontem, não encontrei mais, e o principal interesse do passeio foi para a geologia; pude encontrar basalto, aliás em muito mau estado, e umas camadas miocénicas, interessantes, mas pobres em fósseis. Uma bela raposa fugiu mesmo ao pé de mim. — Travei conhecimento com uma nova ave do deserto que desconhecia, mas de que Brehm talvez fale; é uma espécie de cotovia *certhilauda desertorum*, de asas negras e brancas, que à primeira vista tomei por uma ave pernalta, mas que Iñès bey, com quem estava, me identificou. — Christian Burdo mandou-me, tal como a vós, a minha figura montado num camelo; se a mãe precisasse ainda de se tranquilizar acerca do meu aspecto, lembre-se de que eu estava em pleno sol, e depois de dois dias em camelo, sem treino prévio. Atrás do animal que monto, vislumbra-se a pirâ-

mide de lados cortados de Dachur. — Como notícia local, há por cá o início do Ramadan; as mesquitas estão iluminadas, as crianças indígenas correm pelas ruas com pequenas lanternas, as repartições do Estado têm um regulamento mais brando, por causa do jejum.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para os dois, bem como para a Guiguite e para o Biel.

Pierre

P. S. — Estou a ler uma obra em que, como exemplo de gráficos de caminho de ferro, se escolheu a linha Clermont-Laqueuille. Lembro-me de todos os horários...

50

Cairo, 31 de Outubro (1907)

Querido pai e querida mãe

Quando esta carta chegar a Sarcenat, a mãe estará certamente em Lourdes, com a Guiguite; seja qual for o desfecho da viagem, não terá sido em vão que teremos estado representados na gruta, e elas regressarão certamente com muitas bênçãos de Nossa Senhora. A mãe deve ter encontrado lá muitas recordações da sua última viagem, talvez até as veneráveis hospedeiras, pelo material das quais o Yéyé a fazia tremer; também eu estou contente, ao pensar que ela volta a ver todos esses sítios.

— Amanhã, tal como todos os anos, estarei bem unido a vós, para rezar aos santos da família; acreditemos que eles não nos esquecem e guardarão os que ficam. Bem sabem que gosto de lhes repetir, nesses dias, quão perto estou dos dois, apesar do tempo e da distância. Creio que cada ano é mais verdade. — Por cá, continua a vida regular; o primeiro mês já passou, o que para mim representa um programa sèriamente encetado. Amanhã, o último bloco de atrasados vai certamente juntar-se ao colégio; desta vez, não escaparão ao retiro, que por acaso não se realizará senão na próxima semana, precisamente ao mesmo tempo que as grandes festas de encerramento do Ramadan. A coincidência é aliás muito feliz: os muçulmanos poderão ir festejar para casa, sem complicações para as aulas e sem feriados suplementares. — Iñès bey ganhou o hábito de me convidar para a «caça», todos os domingos; como é um homem encantador, e que me ensina muitas coisas, não há nisso nada de penoso, apesar de, geralmente, as minhas pesquisas serem mais frutuosas quando vou sòzinho. Muitas vezes, ele vai acompanhado por algum dos seus conhecimentos, o que me põe em relações com pessoas muito amáveis. De há dois domingos para cá, até, tem servido de guia ao jovem filho de um dos seus amigos (o Dr. Fouquet, grande apreciador de arte árabe), entomologista principiante, que me contou com entusiasmo que tinha apanhado *Apatura Iris* no Dauphiné, no mês de Agosto. Com excepção de ter nojo de tocar nas bostas e nas lagartas, ao que tento incitá-lo, ele dá-me uma ideia bastante exacta daquilo que devíamos ser nos princípios da «colecção». Aliás, ele é um francezinho perfeitamente educado. Forneci-lhe algumas raridades de cá, que certamente não apreciará no seu

justo valor. A respeito de repugnâncias a superar, contaram-me que um fogoso caçador de insectos de cá, que acaba de se casar, ensina a mulher a apanhar baratas com a mão, em casa; deve dizer-se que esse homem é um bom original. — *M.* du Buysson escreveu-me a anunciar que me mandaria por *M.* Couyat o seu livro sobre as crisálidas, obra de respeitáveis dimensões; pede-me também para apanhar moscardos e outros dípteros picadores, que hoje são bastante estudados por causa da transmissão de doenças; parece-me que as espécies não são muito numerosas por aqui. É possível que pesquisas mais aturadas me façam mudar de opinião. — Há oito dias, tivemos uma fortíssima tempestade; normalmente, é assim que acaba o Verão. As nuvens chegaram à tarde, subindo o Nilo, e, do nosso terraço, a vista era notável; metade do céu estava negra, toda rasgada por relâmpagos tão belos que mandei os meus alunos de ciências sairem do estudo a fim de lhes mostrar esse desencadeamento de electricidade; a outra metade, por cima do deserto, não tinha uma única nuvem, e nela subia a lua cheia. A tempestade começou com uma avalanche de pedras de granizo, muitas das quais do tamanho de nozes; um pouco de chuva; ao fim de um quarto de hora, o céu estava cheio de estrelas. O mais típico era a alegria dos árabes, que corriam todos pelas ruas, para apanharem as pedras de granizo e comê-las. — Desde então, tivemos mais um ou dois dias quentes, até à volta dos 30°. — Para o Biel desejo que à Auvergne tenha chegado a neve, com as galinholas.

Adeus, querido pai e querida mãe, um grande beijo.

Pierre

Que belo filho tendes neste querido Pierre, onde reconheço muito do *nosso* querido Albéric! Esse desaparecido é daqueles que o céu não quer deixar muito tempo cá em baixo. Bendizei a Deus N. S. por vos ter dado tão bons filhos — Como o bendigo pelas graças feitas a vossa filha! Ficai sabendo que estou mil vezes contente por tentar substituir-vos junto deste querido Pierre, de que tenho a alegria de ser também Pai.

Muito vosso no C. de N. S.

A. André, S. J.

51

Cairo, 22 de Novembro (1907)

Querido pai e querida mãe

Recebi ontem a carta da mãe, escrita de Lourdes. Da nossa perspectiva, o resultado da viagem é uma certa decepção, mas é evidente que só temos de deixar a Santíssima Virgem agir à sua vontade; ela saberá curar quando quiser, e, até lá, tenham a certeza de ter realizado tudo o que estava em vosso poder. Apesar de tudo, a Guiguite deve ter gostado da sua estadia lá. — Devem achar que vos escrevo com um certo atraso; entre outros motivos desse atraso, conta-se que, anteontem, fui fazer chamadas de física a Alexandria, tal como o professor de Alexandria virá cá, daqui a quinze dias, a fim de interrogar os meus alunos. É um sistema recentemente inaugurado, que obriga os alunos a estudarem mais, e me

promete aparecer mais umas vezes nas margens do Mediterrâneo. A viagem pareceu-me muito agradável, e trouxe-me muito boas recordações de férias. Os comboios bons fazem o percurso (210 quilómetros) em três horas, de modo que estive só vinte e quatro horas ausente. Tive tempo de voltar a ver muitos amigos, lá; e além disso, é sempre divertido ver funcionar um colégio que não é o nosso, e no qual não temos qualquer responsabilidade. Alexandria é muito mais no género dos colégios de França do que o Cairo; além dos programas serem clássicos, os alunos pertencem, na sua grande maioria, a famílias europeias. Há bons rapazes, mas é terrìvelmente mundano, tal como a sociedade de lá. Tenho consciência de ter sido bom para com os meus candidatos, bastante pouco numerosos, pelo que pude fazê-los falar durante muito tempo, e de maneira interessante. Na tarde de ontem, fui a Sidi-Gaber, onde vi o mar rebentar com muito mais força do que em Agosto. Aliás, o tempo estava mau; sopravam rajadas e a água tinha um tom esverdeado desagradável, bom para as costas de Jersey. Voltei para cá com uma provisão de folhas secas do jardim de Alexandria, na qual me proponho procurar com vagar pequenas espécies de conchas. Até à data, só encontrei uma. É pouco. — Fiz a viagem com um senegalês que se prontificou a falar-me num francês muito correcto, e com toda a simpatia de um compatriota; os colonizados ingleses nunca fariam o mesmo com alguém da sua metrópole. — Acaso leram, no *Correspondant* de 10 de Outubro, creio eu, um artigo assinado C. Hearty, «Souvenirs» ou «Impressions de manoeuvre»? É do P.e de Bélinay, que está a gozar os seus últimos vinte e oito dias; é o seu adeus ao regimento. Se vos falo dele agora,

é porque só ontem tive oportunidade de o ler. — A mãe ficará contente por saber que o P.e Lenoir, professor do Gonzague, que me escreveu, me disse que este começa a desabrochar; conheço muito bem o P.e Lenoir [38], e creio que dificilmente o Gonzague encontraria melhor. — Talvez saibam pelos jornais que *M.* Aulard fez outra inspecção às escolas do Oriente. Desta vez, cá no colégio, só lhe vimos o cartão de visita, e ele teve faro em não pedir para visitar as aulas. Embarca hoje para França. — O quediva regressou ao Cairo na semana passada, o que contribui, ao mesmo tempo que os turistas que começam, para animar a cidade. Ontem, ao descer do comboio, pude admirar a apertada fila de ónibus e de deslumbrantes automóveis, que solicitam, à chegada, o viajante rico, para o levarem para hotéis de preços exorbitantes. — Na quinta-feira passada, observei conscienciosamente Mercúrio a passar à frente do sol; penso que o Biel terá feito o mesmo, com a luneta que há em Sarcenat. De passagem, felicito-o pelas suas galinholas.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando um beijo para os dois e outro para o Biel, e rezo por vós.

Pierre

---

[38] Padre Louis Lenoir (1879-1917). *Cf.* Georges Guitton, *Un «preneur d'âmes», Louis Lenoir, s. j., aumônier des Marsouins,* 1914-1917 (Paris, de Gigord, 1922).

52

Cairo, 6 de Dezembro de 1907

Querido pai e querida mãe

Esta carta chegar-vos-á na altura da partida do Gabriel, o que, juntamente com a nova imobilidade forçada dessa pobre Guiguite, não deve alegrar a casa. Felizmente, o Natal já não vem longe, e, além disso, devemos pensar que N. Senhor levará em conta todos esses sacrifícios para abençoar a família do modo que Lhe agradar. Não deixarei de rezar muito por todos vós no dia 8, i. é., depois de amanhã. — É de domingo a oito que o colégio irá a Matarieh, para a procissão de todos os anos; e parece-me estranho já não ter de me preocupar com os meninos de coro, para a circunstância... Talvez venha, por isso, a gozar mais da cerimónia, mas nunca se sabe; não há nada como organizar uma coisa para aí descobrir uma multidão de belezas escondidas. Seja como for, a campina do Nilo é agora um dos mais lindos e sossegados cenários que podemos imaginar; os campos verdejam de trevos *(bersim)* e favas; as mimosas todas têm folhas, depois da cheia do Nilo; e sobre tudo isso, a luz cai muito mais doce, embora sempre muito clara. Os jardins, como o de Matarieh, oferecem ainda o recurso de numerosas laranjeiras e tangerineiras. Mas, geralmente, uma mão previdente passa por lá antes da procissão, para que os alunos não caiam em tentação. — *M.* Couyat regressou ao

Cairo; mas, por enquanto, está muito tomado por cuidados de mudanças, visto que o Instituto Francês está a mudar de penates. Ainda só o vi uma vez a sério. Trouxe-me, da parte de *M.* du Buysson, uma volumosa e profunda obra sobre as crisálidas, com algumas espécies classificadas provenientes das amostras que lhe tinha mandado. Para acabar este despertar dos meus correspondentes, um certo *M.* Prieur, de Paris, a quem tinha mandado todas as minhas colheitas em matéria de dentes de peixe, disse-me que tinha apresentado à Sociedade Geológica de França uma nota acerca daquelas. Há uma espécie e três variedades novas, entre as quais uma *Teilhardi* (!). Enviar-vos-ei, por curiosidade, a memória, quando me chegarem exemplares delas, i. é., dentro de dois ou três meses. — Na segunda-feira passada, como é meu hábito, fui à sessão mensal do Instituto Egípcio, interessante sobretudo porque lá encontramos caras amigas ou conhecidas. Tive o regalo de ouvir falar o presidente honorário, *M.* Maspero [39], que, para rebater as afirmações um tanto extravagantes dum conferencista, botou o seu discursozinho. Fìsicamente, é um homenzinho de barbicha branca, ar clássico de universitário distinto; é uma autêntica música ouvi-lo falar. Por isso, foi ainda mais dura a transição para a linguagem penosa de um paxá que tomou seguidamente a palavra. Teòricamente, este Instituto é a continuação do que foi fundado por Bonaparte. De facto, é ainda muito francês quanto a elementos; só desde o ano passado se toleram conferências em inglês; o que, aliás, é mau sinal. Os ingleses não ficarão por essa concessão, e, qualquer dia, a instituição

[39] Gaston Maspero, célebre egiptólogo.

talvez acabe, infelizmente, por se anglicizar de vez. — Nada de novo na vida do colégio, excepto que se está a asfaltar um pátio, para grande alegria dos miúdos, que imediatamente se entregaram a exercícios de patinagem. O que me lembra de vos dizer que o jogo do diabo começa a grassar por cá, com um ou dois anos de atraso em relação à Europa, como convém. O que, no entanto, aparece ao mesmo tempo que em Paris são os brinquedos do *Printemps* e do *Louvre*, nas suas sucursais de cá; os indígenas fazem bicha para ver os brinquedos mecânicos.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo e continuo a gostar dos dois de todo o meu coração.

Pierre

53

Cairo, 21 de Dezembro de 1907

Meu querido pai

Este ano, na noite de Natal, vão-lhe faltar as fábulas, e os sapatos também; será a primeira vez desde há muito tempo, e bem o sabe. Mas, ao fim e ao cabo, apesar do afastamento em todos os graus, resta que os seus filhos gostam de si de uma maneira muito mais profunda e mais consciente, e isso compensa. Ninguém o esquecerá no dia 25, e, por minha parte, escrevo-lhe como habitualmente para lhe desejar as boas-festas. Peço a Nosso Senhor que o abençoe, e, se assim quiser, torne este ano

mais feliz do que os anteriores. No fundo, talvez sejam esses os que mais contarão para nós. — Eis algumas notícias da vida do Cairo de há quinze dias para cá. Em primeiro lugar, o Egipto contou, e talvez conte ainda, como hóspede o seu muito respeitável e ilustre confrade Maurice Barrès [40], que veio até cá em companhia de muitos jornalistas, a fim de estrear o *Heliopolis*. O *Heliopolis* e o *Cairo* são dois magníficos paquetes de turbina, com uma velocidade de 22 nós (quase tanto como os transatlânticos), que uma poderosa sociedade anglo-egípcia acaba de instalar, para fazerem em três dias e algumas horas o serviço entre Marselha e Alexandria. A primeira viagem foi feliz, e assinalada por numerosos regozijos na colónia europeia. Hoje, é o elemento indígena muçulmano que está em festa pela partida do tapete sagrado que o Cairo (Damasco, por seu lado, faz o mesmo) manda todos os anos para Meca. Um senhor francês, Boniteau bey, que está encarregado da organização no ministério, deu-me a esse respeito pormenores interessantes. Este ano, 1800 peregrinos juntam-se à caravana oficial, para beneficiarem da protecção da escolta armada que acompanha o tapete. Toda a gente embarca em Suez, desembarca em Djeddah, e essa multidão, montada em cerca de 2000 camelos, chega à Meca num dia. Uma quantia muito importante é entregue aos árabes de lá, a fim de conseguir que respeitem os peregrinos e não pilhem nada. Foi esse dinheiro que, há uns anos, foi roubado entre o Cairo e Suez, no comboio! — Outrora, os peregrinos iam

[40] Maurice Barrès era membro da Académie des Sciences, Belles-Lettres et Arts de Clermont-Ferrand, de que Emmanuel Teilhard de Chardin era secretário perpétuo.

a pé até Suez; reuniam-se perto de Matarieh, e, cortando a direito pelo deserto, atingiam ràpidamente o Mar Vermelho. — Na quinta-feira passada, visitei com alguns alunos um canto ou, melhor, um buraco do Cairo que ainda não conhecia, a saber, o poço de José (nada de comum com o patriarca; trata-se de Yussef Salah el-Din, i. é., Saladino em pessoa); é um poço rectangular, cavado em plena rocha, no cimo da cidadela, e que desce até ao nível do Nilo. Na 1.ª parte, que não deve estar longe dos 100 metros de profundidade, desce-se por um caminho em espiral, cavado na parede, pelo qual podiam passar os bois que iam fazer girar a *sakieh* (roda que faz girar um rosário de bilhas) que tirava a água do andar de baixo. Este segundo andar está mais ou menos completamente fechado, mas as pedras para lá atiradas levam um tempo respeitável a chegar ao fundo. Uma segunda *sakieh*, colocada mesmo lá em cima, devia puxar a água que a primeira subia até meio-caminho. — No domingo passado, procissão em Matarieh, como vos tinha anunciado; tudo correu muito bem; o comboio especial que levava os alunos e os convidados tinha um aspecto imponente.

Adeus, meu querido pai, um beijo para si e para a mãe e a Guiguite. E mais uma vez boas-festas.

Pierre

54

Cairo, 29 de Dezembro de 1907

Querido pai e querida mãe

Verifico com pena que, como é meu hábito, mais uma vez me deixei atrasar; e, no entanto, bem queria que esta carta chegasse na altura em que aí estão todos reunidos, para poder desejar-vos um bom Ano Novo. Como dizia há oito dias na minha carta ao pai, bem sabem como continuo afeiçoado a todos vós. Peço o melhor que posso a N. S., por Quem vos deixei, que abençoe para vós, como o entender, os meses que vêm; saberá certamente fazer com que sirvam para nos aproximarmos d'Ele. No caso de ainda estarem em Clermont, desejo, especialmente, um bom Ano Novo às pessoas de Marneffe; é a elas que há mais tempo não tenho dado sinais de vida. — Desta vez, não irei a Luxor; mas apenas a Miniah, durante as férias; é menos poético, mas mais desconhecido sob o ponto de vista geológico, e espero fazer boas colheitas. Seja como for, estou muito contente com esta nova estadia no Alto-Egipto, que é uma região maravilhosa. Além disso, seremos três «jovens» juntos, o que nos promete um tempo bem passado. — Amanhã, para encerrar o ano, haverá um pequeno espectáculo, em forma de pastoral. Venho do ensaio (não julguem lá por isso que sou um dos organizadores), e aquilo promete ser muito bonito. Há especialmente um menino

Jesus (aluno da 9.ª!) que chupa no dedo com perfeita candura; esse gesto é natural nele. O P.e Mulsant, que é um organizador e um desenhador de primeira categoria, arranjou especialmente uns cenários de puro estilo egípcio (devo dizer-lhes que um «quadro» se passa no Egipto, em casa de José), com profusão de lótus e abutres. — A festa do Natal correu muito bem, assim como a Missa do Galo, — o melhor possível, quando não está frio nem se espera neve. — Agradeço ao Joseph a sua carta; todavia, felizmente que havia cá um padre de Champagne para me cifrar o nome do professor dele; a este, mandei pormenores acerca de Jersey, e prometi amostras do Egipto. Confesso que o desejo de conquistar para o Joseph as boas graças do P.e Curmien determinou um pouco a minha decisão. — Diz-se que a imperatriz Eugénia vem cá, neste Inverno; já cá fez uma estadia, há 4 anos. E, no entanto, deve ser uma singular amargura para ela voltar a ver, como turista, uma cidade em que o quediva de outrora fez loucuras para a receber, e onde o seu antigo palácio se tornou em grande hotel (Gezvieh Palace). A respeito de turistas, parece que, até à data, têm brilhado pela ausência; especialmente os americanos deixam um grande vazio porque, para eles, este não é ano para viajar. — Não duvido de que tenham triunfalmente exibido à mãe, na rue du Port, o meu pequeno relatório acerca do Fayum, nas *Lettres d'Orient*. Ele não vos terá dito nada de novo. Pelo contrário, as páginas precedentes, do P.e Tissot, informar-vos-ão mais sobre o Cairo.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo; da próxima vez, serei certamente um pouco mais extenso. Obrigado à mãe pela sua última carta, que me deu muito prazer. — Ainda não recebi notícias do meu

bupreste (isto para a Guiguite). Mais uma vez: bom Ano Novo.

Pierre

55

Luxor, 1.º de Janeiro de 1908

Querido pai e querida mãe

Estão a ver, pelo cabeçalho desta carta, que fui até mais longe, no Alto-Egipto, do que o que esperava há 3 dias. Um miúdo copta, que tive de acompanhar até aqui, valeu-me esta graça, porque o é realmente. Parti ontem *de manhã* às 8 h 1/2, para chegar aqui, teòricamente à meia-noite, pràticamente à 1 h 1/2 da manhã, de modo que passei de 1907 para 1908 na estação de Keneh. Pensei em vós nessa altura, e rezei pela família; ao mesmo tempo, pensava que é de Keneh que partem as caravanas que vão para Kosseir, no Mar Vermelho, relativamente muito próximo deste sítio. Talvez saibam que Desaix deu esse passeio, e de boa vontade o teria imitado, pelo menos para ir ver as esmeraldas do Gebel Zabara. Há quem ache aborrecida a viagem do Cairo até cá; para mim, as 18 horas passaram muito depressa, e só o facto de me sentir a descer para sul era já uma profunda satisfação. Mas além disso, a região é verdadeiramente ideal, com o seu género muito à parte de sossego em plena luz. As características são as da região que se situa imediatamente ao sul do Cairo, mas cada

vez mais acentuadas; em certos locais, a faixa cultivada torna-se ainda mais estreita, e o deserto limita-se por falésias cada vez mais altas. Vamos caminhando ao longo dos grandes planaltos desérticos, ora da cadeia arábica, ora da cadeia líbica, e as minhas impressões de viagem acabarão por confundir-se na imagem da alta muralha, rosa da manhã, branca ao meio-dia, pérola à noite, por tempos de lua cheia (o que me aconteceu), ladeada pelo Nilo ou então por um mar de favas em flor, cujo cheiro enchia o comboio. Não há grandes cidades pelo caminho: apenas pequenos buracos como Beni-Suf, Miniah, Assiut, esta a imitar um pouco o Cairo, com os seus minaretes e o alto promontório dominante. Creio que a população é muito densa, mas com certeza encerrada nas aldeias de terra que de longe em longe encontramos, porque vemos, a perder de vista, campos sem uma só habitação. São aliás campos de um género especial; sobretudo a partir de Miniah, onde me pareceu que diminuíam as florestas de cana de açúcar, neste momento não vemos mais do que extensões contínuas de um verde escuro, onde, sem transição, se sucedem o trevo (bersim: *trifolium alexandrinum)*, e as supraditas favas. A julgar pela densidade de todas essas forragens, a fecundidade do lodo do Nilo não é uma mentira. Esquecia-me de lhes assinalar grandes campos de cebolas; é bem a terra delas. Creio que, do comboio, se podem ver bastantes ruínas antigas, mas é na parte que vi ao luar, muito lindo para fazer ressaltar as palmeiras e os seus reflexos prateados, mas insuficiente para o mais. É claro que a população se vai tornando também cada vez mais indígena; os *fez* e os turbantes começam a ser quase únicos a partir do Cairo, e, depois, os turbantes acabam por dominar. Nos arredores de Miniah, há bastantes aldeias coptas, católicas ou ortodoxas, conforme o pároco. Aqui, fiquei admirado com a beleza do tipo dos habitantes. De um belo tom de cobre, com um grande turbante branco, conservam exactamente o tipo das estátuas egípcias: lábios um pouco grossos, e o nariz também, mas fisionomia altiva e notàvelmente inteligente. Luxor é uma pequena cidade muito indígena, com um anexo de pequenos hotéis, sociedades bíblicas americanas, etc. Esta manhã, às 8 horas, fui até à margem do Nilo; uma multidão de barcos de grandes velas triangulares descarregavam pedras, ovos, ervas, num quadro de palmeiras e casas árabes, e sobretudo diante de um horizonte indescritível; a seguir ao Nilo, uma faixa verde, e, 1 ou 2 quilómetros mais adiante, a muralha líbica, muito alta e escarpada, e toda cor-de-rosa, com um ligeiro vapor azulado em baixo. Aqui, é a luz que faz tudo. Acabo de visitar Carnac. Mênfis não é nada em comparação com esta cerca em que se acumulam os pilares poderosos, os obeliscos, as grandes colunas em forma de lótus (flor ou botão). É aí que incide o grosso dos trabalhos de reconstituição, dirigidos por um francês, *M.* Legrain. Tudo está coberto de grandes inscrições e de baixos relevos, mostrando sobretudo diferentes Ramsés a oferecerem diversos dons ao deus Amon. Cada templo é precedido por uma avenida de esfinges com cabeças de carneiro, mais ou menos danificadas. A avenida que parte do grande templo continuava outrora até ao sopé das montanhas, a 4 quilómetros de lá, na outra margem do Nilo. Nesse tempo, o Nilo não passava por onde passa agora. Mudou um tanto de leito, tal como o Allier. É do grande templo que provém o obelisco da Concórdia. Ele encerra na sua cerca 2 lagos sagrados,

onde navegava um barco simbólico; topei lá uns patos bravos que ali vivem com toda a segurança. — Continuo a minha carta esta noite. Ao meio-dia fui visitar o templo de Luxor; assemelha-se ao grande templo de Carnac, mas não tem o seu cenário de palmeiras. Está separado do Nilo por um cais, e, numa ponta, desaparece debaixo de um monte de escombros encimado por uma mesquita. É facto comum este de aldeias árabes que a pouco e pouco se vão erguendo sobre os outeiros de escombros que amassam à sua volta. Como o terreno da mesquita é *ipso facto* sagrado, não é possível prever quando é que as escavações poderão continuar para esse lado. Uma das maiores ruas do Cairo faz um cotovelo, a fim de respeitar um asceta muçulmano (pardieiro onde viveu um mendigo com fama de santo)! — Apesar de tudo, o que resta e foi restaurado é colossal; em especial os colossos de Ramsés, em pé, talhados em monolitos de granito rosa ou de divrite; só se conservam 2 rostos, mas de belíssima expressão. Infelizmente, as paredes e colunas são feitas do famoso grés núbio, que se esboroa lamentàvelmente. Digo famoso, porque são muito conhecidas as suas famosas pedreiras, no Gebel Silsileh, sobre o Assuão (no norte), e sobretudo porque é um dos terrenos mais importantes e mais discutidos de África. Uma parte do templo está muito bem conservada: é um pequeno santuário construído por Alexandre Magno, onde ele próprio está representado como faraó: faz uma certa impressão encontrar estes vestígios de um herói tão clássico, mas aquilo não é tão venerável como Mênfis. Ao sair, diverti-me a percorrer as montras de «antiguidades». Uns árabes estendem à sua frente umas toalhas, em que se alinham colares, estatuetas, buprestes da tamargueira

(um miudo árabe oferecia-me esta manhã um, que se debatia atravessado por um enorme prego), e sobretudo, aos molhos, do tamanho de uma mão ou de uma unha, verdes, ametistas, de todas as formas, os inevitáveis escaravelhos, de que existe uma fábrica indígena não longe daqui e que fazem a alegria dos turistas. — Esses turistas são bastante numerosos agora, e esta manhã senti a verdade dessa expressão que diz que a Cook é o verdadeiro senhor do Egipto, ao ver 60 ingleses e americanos, seguidos por um exército de burriqueiros e precedidos por um guia intérprete invadirem Carnac: diante de cada templo, paragem e lição do guia intérprete; depois, olha-se e sai-se. Jantei a uma mesa onde estavam cerca de umas 10 jovens *misses* americanas, o que tinha uma certa graça. Para acabar o dia, voltei a Carnac à tarde, e regressei com um pôr-de-sol deslumbrante. Um grande leque de nuvens finamente estriadas e muito leves, como que começou sùbitamente a arder, e, durante 1/4 de hora, aquilo foi uma autêntica abóbada a passar pouco a pouco do ouro claro ao vermelho escuro; o Nilo fazia evidentemente o mesmo, e os grandes barcos carregados de turbantes brancos passavam pouco a pouco ao estado de sombras chinesas. — Esquecia-me de lhes dizer que fico por cá até depois de amanhã, em que volto para Miniah. O pai do pequeno aluno que me trouxe cá, cônsul (indígena) de França e opulento ricaço, actualmente no Cairo, recomendou ao seu secretário que velasse para que eu fosse tratado com toda a espécie de deferências; por 3 vezes, pelo menos, este veio, com grande cerimónia, ver se não me faltava nada. Como só sabe árabe, utilizamos um intérprete que me transmite fielmente os votos de saúde e prosperidade.

3 de Janeiro. — Venho da clássica excursão aos túmulos dos Reis. Em Tebas, tal como em Mênfis, as necrópoles estavam no deserto, mas aqui, em vez da magra falésia de Saqqarah, encontramos belas montanhas rochosas. É no princípio de um vale, no fundo de um circo profundo, que estão cavadas as salas funerárias. Até à data, encontraram-se 35 túmulos, o último dos quais há cinco anos. Chegamos através de compridos corredores e de escadas, iluminados, tal como as salas, a electricidade. As pinturas estão maravilhosamente conservadas, e são de um estilo mais grandioso do que as de Saqqarah. Já não são só bichas de servos que trazem presentes; o rei defunto aparece misturado com diversas divindades, ou então vemos cenas de funerais em que uns barcos e uma imensa serpente sagrada desempenham um papel importante. Umas serpentes esculpidas e pintadas guardam a entrada das portas. No sítio dos corredores vemos, inevitàvelmente, um grande escaravelho e um crocodilo. Foi nesses túmulos que se encontrou o maior número de múmias reais, e, no último, um barco sagrado inteiro, hoje no Cairo. Para chegar até lá, atravessei o Nilo às 8 horas, num barco do cônsul; na outra margem, esperavam uns vigorosos burros que me levaram, por campos verdejantes, até ao deserto. Havia muitos melharucos, e uma data de pombos: aninham-se em grande pombais de terra crua, compostos por uma torre encimada por uma espécie de bilhas às avessas, que servem de ninhos. Aliás, os indígenas moldam, com o barro do Nilo, objectos totalmente inesperados. Diante de muitas casas há como que enormes taças de terra: é aí que, em tempos de inundação, a família dorme de noite, a fim de evitar os escorpiões que a água expulsou dos campos. Não sei que tempo

tem estado no Cairo, nestes dias, mas, apesar de levado pelo meu burro, tinha quase tanto calor como de Verão no Cairo. Creio que, aqui, quase nunca chove. No vale dos Reis, continuam as escavações, e nisso se emprega uma multidão de miúdos árabes, que fazem rodas a cantar; essas crianças árabes são muito simpáticas, e de uma alegria inalterável; esta tarde, vi uns muito divertidos que se entretinham a conduzir manadas de burros, ou a pôr a trote largo um camelo. Do vale dos Reis voltamos a dar com a falésia que está em frente de Luxor, transpondo um cabeço bastante elevado, cuja ascenção quase me fez perder a esperança de encontrar fósseis interessantes em Luxor: apenas um grande mexilhão bivalve. Em baixo, há toda uma colecção de belos monumentos: primeiro, o templo de Deir el Bahri, termo da avenida das esfinges de Carnac, e sobretudo o *Ramessaeum*, ou templo de Ramsés. Neste, há imensas colunas-lótus, como em Carnac, e também o que resta de um Ramsés monolito em granito, ainda mais colossal do que os outros: a cabeça tem mais de 2 metros de espessura. A uma certa distância, em pleno campo, estão os colossos de Mémnon, que certamente viram no meu postal à Guiguite. O da ponta esquerda é de um só bloco; o segundo é o famoso, de que se diz: «Nada mais nada menos do que a estátua de Mémnon, batida pelos raios do sol nascente, emitia sons harmoniosos...»; os seus pés estão cobertos de inscrições gregas.

8 de Janeiro. — Acabo a minha carta em Miniah: esta tarde volto com os alunos para o recomeço das aulas, e a minha carta correria o risco de esperar muito tempo pelo fim, se não lhe desse um já de seguida. Deixei Luxor no dia 4, de manhã, às 5 horas, para chegar aqui

às 4. Viagem muito bonita, apesar de uma certa monotonia, e maravilhosos tons sobre as cordilheiras do deserto, ao nascer do sol. Tentei ver de passagem os famosos templos de Denderah e Abydos, mas sem o conseguir; à falta deles, a campina oferecia um aspecto pitoresco. Os grandes campos de forragem espessa não são ceifados, mas metòdicamente comidos pelo gado, mais ou menos como em Jersey. O que faz o encanto disto é a variedade do gado, e é muito divertido ver, presos a umas estacas, camelos, carneiros, «búfalas», vacas, cabras e burros. Tanto uns como outros estão ainda pouco familiarizados com o caminho de ferro: à passagem do comboio dá-se muitas vezes uma debandada; uns burricos e umas «bùfalazinhas», sobretudo, lançaram-se a toda a velocidade pelos campos fora. As aves eram menos tímidas; à volta de Guirgueh e de Tahta, os bandos de milhafres eram substituídos por bandos de feios pequenos estercorários brancos, que voavam apenas a uns 10 metros da linha. Ao longo dos fossos que ladeiam o caminho de ferro, há guarda-rios da espécie grande (branca e preta: dir-se-iam mais ou menos uns pica-paus) e também tarambolas cujo nome desconheço: manto de um castanho ruço, peito e cabeça negros, garganta e «bochechas» brancas. Talvez sejam muito simplesmente tarambolas douradas em plumagem de Inverno. — A pequena residência de Miniah agrada-me inteiramente; com as suas madeiras já um pouco velhas, as suas grandes salas, lembra-me o Rocquet, e vivemos lá em família. Só cá há 5 padres, quase sempre em missão nas aldeias coptas, desde alguns quilómetros a norte daqui até às proximidades de Keneh. Para se fazer alguma coisa aqui, é preciso saber árabe perfeitamente, e o francês quase nunca serve. À parte

isso, os felás são umas crianças grandes, simpáticos no fundo, e cujo coração fàcilmente se conquista. A residência tem um lindo jardim, cuja glória é uma plantação de lindas bananeiras pela qual um padre vela com tanta solicitude como outrora o P.e Rougane os seus espargos. Sabem que essas árvores dão fruto durante quase todo o ano. Há também uma pequena *arbre à crème:* o fruto assemelha-se à alcachofra ou à pinha. Vendem-se muitos no Cairo, mas eu não sabia o que era. De assinalar, também, uma palmeira mediterrânica. Este género de palmeira não existe mais ao norte, mas, nos arredores de Luxor, vêmo-la muitas vezes, nos campos. O tronco é mais fino do que o das tamareiras, mas, por vezes, chega a ser quase tão comprido; é uma árvore bastante bonita, e isso quebra a monotonia: tamareiras, mimosas, tamargueiras, açofeiteiras, palmeiras mediterrânicas, são, por ordem de frequência, as únicas árvores do Alto-Egipto. Durante a minha estadia aqui fiz muita coisa. Com excepção de domingo, em que não me mexi, passei 3 dias fora. No 1.º e no 3.º, atravessei o Nilo para ir procurar fósseis à falésia do deserto arábico, muito próxima, como vo-lo mostra a gravura junta. Da 1.ª vez, apanhei um número respeitável de ouriços do mar, e descobri, no alto da falésia, um chacal e um casal de grandes mochos. Da 2.ª vez, i. é, ontem, fui mais longe. Um excelente homem, proprietário de quase toda a faixa cultivada que está em frente de Miniah, cedeu-me dois dos seus *gafires* (guardas) armados de *nabutes* (cacetes) e de uma espingarda de pistão, e, protegido por esta guarda (creio que bastante inútil, apesar de dizerem o contrário), fui até bastante longe, na montanha. Enquanto andávamos à procura dos *gafires*, gostaria de ter o pai ao pé de mim para que pudesse

gozar o espectáculo da quinta egípcia: — honrados felás que vêm ao escritório do senhor a fim de entregarem ou receberem umas piastras, tal como isso se pratica no gabinete do pai; — visita ao campo de canas de açúcar, como se fosse nas Carthelades. Simplesmente, havia lá uma autêntica população de burros, de camelos e de árabes, e só aos prados de Vialles eu poderia comparar as dimensões desse campo. O termo da minha excursão foram umas antigas pedreiras de alabastro. Há-as em vários pontos ao longo do Nilo, e os egípcios fizeram grande uso delas. O alabastro encontra-se em filões e em manchas numa camada calcária; para explorá-lo, houve naturalmente que cavar umas fendas ao longo dos filões, o que nos proporcionou alguma sombra, ao meio-dia; tive calor como nos mais lindos dias de Verão. — Ao regressar, descobrimos mais um chacal horrìvelmente medroso, na falésia, e encontrei lá um bloco monstro, que os egípcios destinavam evidentemente a um colosso. Está cerrado dos 4 lados, e está ainda pegado à montanha pela base. Na face superior, está grosseiramente desenhado um faraó, sem dúvida o esboço da futura estátua. Para lhes dar uma ideia das dimensões, deitei-me atravessado sobre a cabeça dele, com os pés em cima do nariz do perfil; faltavam pelo menos ainda uns 50 centímetros para que, com o braço estendido, pudesse chegar à nuca; logo, a cabeça tinha, pelo menos, 2 m 50 de largura. Não sei se esse bloco é conhecido [(é, sim)], porque, para se distinguir a cabeça do faraó, é preciso ir dar ao sítio exacto, e não a descobrimos fàcilmente. — No sábado, fui à grande fábrica de açúcar de Cheikh-Fadh, no norte. Nesse dia, houve um intenso nevoeiro até às 8 horas, a ponto de, quando tivemos de atravessar o Nilo, os nossos

barqueiros já não saberem muito bem onde estavam. Fui até lá para ver um poderoso chefe de beduínos, a quem desejo pedir umas informações acerca de uma amonite que ele achou e deu ao pai de um dos nossos alunos. Infelizmente, ele estava em Suez; espero que fique para a próxima. — Ganhei com a expedição ver de perto uma grande fábrica de açúcar em pleno funcionamento. Daqui até à Páscoa, i. é, durante o tempo da cana, o trabalho é febril. O pessoal dirigente é francês; são homens muito distintos e perfeitamente simpáticos. Visitei sobretudo com interesse o laboratório de análises: em todos os períodos da fabricação do açúcar se analisam os sucos, a fim de regular o andamento da operação. Está lá um certo *M.* de Verdal, da Creuse; talvez conheçam a família, de nome. — Encontrei cá as vossas diferentes cartas, e, em último lugar, a da mãe, com o presente. Muito obrigado. Penso que, pelo menos uma parte, será para Miniah. — Dada a minha ausência, ainda não estive muito com o P.e André; falou-me do Albéric com emoção. É evidente que conserva dele uma recordação profunda. poderão enviar-me uma fotografia dele? Basta descolá-la do cartão e metê-la dentro de uma das vossas cartas; o P.e André pediu-me que lha desse assim, para poder metê-la no breviário.

9 de Janeiro. — Finalmente, acabo no Cairo. Ontem, excelente viagem de regresso; mas teriam rido ao ver-me comer conscienciosamente cana de açúcar, no meio dos meus alunos do Alto-Egipto. Chegam todos carregados de frangos, pombos, peixe de salmoura, e a carruagem depressa se transforma em estrebaria. Nas paragens, requisitam-se sobretudo tangerinas e canas de açúcar de que todos os habitantes gostam imenso. Um pormenor: sa-

bem qual é por lá o prato forte de um banquete? Um carneiro assado, recheado de um peru, recheado de um frango, recheado de um pombo, recheado de um pardal. Não deve ser cómodo de cortar, mas, sob este aspecto, contentam-se com pouco.

Adeus; não vos esqueço e continuo a rezar muito por vós.

Pierre

56

Cairo, 27 de Janeiro de 1908

Querido pai e querida mãe

Hoje está o tempo mais horrível que se possa imaginar: desde ontem, está um vento oeste violento, com chuvadas indignas do céu do Egipto; por isso, o Cairo nada na lama, que grupos de árabes tentam concentrar em algumas raras aberturas de esgoto. Em muitos sítios, não existe sequer este recurso, e, por falta de inclinação, os passeios marginam autênticos lagos em que as crianças indígenas chafurdam alegremente. E os alunos acham isto sobretudo divertido, porque os mandamos duas horas mais cedo para casa. — Este dilúvio veio ontem, pela festa da Sagrada Família, festa do colégio, mas de que toda a solenidade profana foi adiada, parte para a festa do P.e Reitor (a saber, o jantar), parte para uma sexta-feira de Fevereiro (a peça árabe). A solenidade religiosa consistiu numa missa solene maronita. Uma das especialidades dessas missas solenes orientais é que, graças a orações intercaladas, podem durar à vontade. (Entre os coptas, o ofício do Natal dura toda a noite, integralmente). O bispo maronita propôs duas horas e meia ao R. P.e Reitor, o qual, evidentemente, pediu que fossem encurtadas. Durou mais ou menos uma hora e meia. Feita esta reserva, temos de reconhecer que a cerimónia é muito bonita; como particularidade, o celebrante vira-se várias vezes para o povo, a fim de lhe mostrar as Sagradas Espécies; dá sempre a bênção com uma cruz na mão. Os cânticos, que duram sem tréguas, são de puro ritmo árabe, um tanto fanhoso, muito gutural, com tons e intervalos musicais muito diferentes dos nossos. As vozes do pequeno coro que veio para a circunstância eram bonitas e estavam bem ensaiadas. Acabo por gostar muito desta música. — Para acabar com o capítulo das festas ou coisas parecidas, o P.e Mulsant não tardará a dar outra sessão de animatógrafo, o que, para mim, vai ser outra ocasião de dar à manivela. — Na vida das aulas, nada de especial; estamos na fecunda monotonia do 2.º trimestre, enquanto não chega o carnaval. Na semana passada, levei os alunos de ciências à clássica visita da fábrica de gás. Além de serem rapazes na sua maioria muito simpáticos, o gosto de sair com eles está em possuirmos intérpretes para quase todas as línguas do Oriente, e elas são muitas. Cada criança de cá fala pelo menos 3 línguas. Tenho pena de não ter tido uma criada árabe. — Fiquem sabendo que, desta vez, a Françoise falou depressa demais contra mim; a estas horas, já deve ter recebido a minha resposta. — Como notícias científicas, *M.* Fourtan está a elaborar uma nota acerca dos meus ouriços do mar de Miniah, e, na semana passada,

eu trouxe do Mocatão metade de uma vértebra mais ou menos do tamanho de uma cabeça. Só tenho medo de que não seja determinável.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo, e rezo por ambos.

Pierre

57

Cairo, 10 de Fevereiro de 1908

Querido pai e querida mãe

Antes de mais, espero que a minha carta de fins de Janeiro (a das fotografias) tenha finalmente chegado, porque vejo pelas vossas cartas que começam a achar o meu silêncio um tanto prolongado. As vossas chegam-me com toda a regularidade, e a última, desta manhã, é aquela em que o pai me anuncia o recomeço do frio. Cá, depois do mau tempo de há quinze dias, que vos assinalei, e que foi uma autêntica tempestade, tivemos, como habitualmente, uma reacção quente, com *khamsin* em miniatura, e à volta de 25°. Agora, já voltámos ao tempo normal, a puxar para o fresco, por causa do vento que à noite arrefece por cima das areias, e que tem dificuldade em aquecer durante o dia. Em primeiro lugar, fiquem sabendo que na sexta-feira vi *M.* de Bélinay, que fez um desvio pelo Egipto para ir ver a Constantinopla um dos filhos que está em já não sei que administração. Esta visita trouxe-me uns ares da Auvergne, e teria certamente tido uma lufada muito mais sensível se soubesse em que dia é que o tio Georges passaria pelo canal. — Voltando a *M.* de Bélinay, veio num dos novos paquetes extra-rápidos, e, neste momento, encontra-se em Luxor. — Nestes últimos quinze dias tivemos mais uma vez «regulamento habitual»; no que diz respeito a matérias a ensinar, ando, em certa medida, metido com a química orgânica, de que só tinha noções mais ou menos vagas, o que me obriga a estudar bastante, sobretudo para realizar as experiências. Mas é interessante. A propósito, onde é que *M.* Poncet viu que eu estava encarregado da vigilância dos mais velhos? Não é nada disso, e seria um acontecimento bastante importante para que o não omitisse nas minhas cartas. — Levei os meus alunos mais velhos a visitar a central eléctrica em construção, que deve fornecer energia às futuras cidades dos «Oásis» e fazer andar o hipotético metropolitano que iria até Suez. Seja como for, não se poupa dinheiro, e há máquinas soberbas, turbinas do último modelo. O pessoal era muito simpático; um dos operários tinha chegado quase na véspera da própria central de Saint-Denis, em Paris, e, de cima de um telhado, mostrei-lhe pela primeira vez as Pirâmides. — O Biel escreveu-me uma carta, que recebi hoje; tratarei de lhe responder assim que puder; por outro lado, uma encomenda de produtos egípcios bastante heterogéneos segue neste momento para Antoing. Espero que faça boa viagem. — Um grande acontecimento para o Egipto é a morte de Mustafá paxá Kamel, que se deu ontem; era o chefe e a alma do partido nacionalista, que assim sofre um rude golpe. O enterro deve estar a realizar-se neste momento, e é, certamente, uma manifestação contra a Inglaterra. Um pormenor comovente;

alguns dos indultados (?) de Danchawai (a aldeia onde há dois anos pereceram 2 oficiais ingleses, no Delta) vieram chorar com suas famílias. — Na próxima sexta-feira, peça árabe; para mim, que não percebo nada, ela parecerá uma repetição das anteriores: a mesma plateia de *fez*, os mesmos trajes, e, sobretudo, as mesmas entoações. O animatógrafo é para a semana que vem. — Continuo a ir ao Mocatão, cujos *ouadis* começam a reverdecer, por aqui e ali; a Guiguite terá inveja ao saber que, nos cardos, se apanham lindos buprestes negros com pêlos brancos, que, aliás, não são raros. Também me trouxeram um gafanhoto peregrino, que mandei para Antoing, com o resto. Além disso, devo ter uns fósseis interessantes, apanhados anteontem, mas ainda não foram examinados. — A respeito das gravuras da *Illustration*, é certo que agora a maioria das pirâmides tem degraus: mas só ficaram assim depois de se ter tirado o seu revestimento liso de granito, que serviu de pedra de construção, tal como os materiais da maioria dos templos.

Adeus, querido pai e querida mãe, mando-vos um beijo e rezo pelos dois. Muitas saudades à Guiguite; compadeço-me com o gesso dela!

Pierre

58

Cairo, 4 de Março de 1908

Querido pai e querida mãe

Como podem ver, escrevo-lhes no próprio dia de quarta-feira de cinzas, que, com a quaresma, traz o fim do carnaval, e, por conseguinte, o sossego, bem como os tempos livres para vos mandar notícias minhas. Nestes últimos quinze dias, levei uma vida bastante mexida; imaginem que foram assinalados por três sessões de animatógrafo, duas cá e uma em Alexandria, todas de carácter privado. Tratava-se de uma série de filmes do P.e Mulsant, que representavam cenas da Síria, da Palestina, e até do Egipto, com algumas reconstituições da vida do Menino Jesus. Poder-se-ia pensar que os orientais iriam permanecer frios diante das cenas da sua terra, mas aconteceu o contrário, sobretudo por causa dos inúmeros sírios do Cairo, que reviram com emoção aspectos dos costumes do Líbano. A primeira sessão era muito escolhida, o que não impediu um rebentar de entusiasmo diante da confecção do prato nacional (*kubbeh*, espécie de bolo de cevada, se não me engano); espontâneamente também, muitos assistentes bateram palmas a compasso, a acompanhar cenas de dansa; era muito característico. A segunda sessão era oferecida a uma congregação de senhoras ou mulheres (sobretudo sírias) que, evidentemente, trouxeram toda a família; a

sala estava buliçosa, e em perpétua comunicação com o padre árabe que explicava as imagens. Em Alexandria, finalmente, o auditório, reduzido por causa das dimensões do teatro, era muito mais europeu; um homenzinho desfez-se em lágrimas à vista do Menino Jesus, e um bébé deu um trambulhão por ter querido subir para cima de uma cadeira, manobra cujo primeiro resultado fora fazer aparecer no ecran uma cabecinha com um carrapicho despenteado do mais estranho aspecto. Tal como no ano passado, era eu quem fazia funcionar o animatógrafo, não sem um certo receio, no princípio de cada sessão (com excepção da segunda), de que alguma coisa não funcionasse. Teve de se transportar para Alexandria todo o material, sob a forma de três respeitáveis embrulhos que, a certa altura, julguei que tivessem ficado encravados, o que me fez passar um mau quarto de hora. Fiquei muito contente por voltar a Alexandria, onde tanto as pessoas como os lugares me recordam o meu primeiro contacto com o Oriente. Tive, à justa, tempo de subir ao terraço, para ver o mar e verificar que o *Heliopolis* não estava no porto. O navio mais notável era um cruzador inglês, o *Abukir*, que trouxe o duque de Connaught (generalíssimo das tropas inglesas do Egipto e do Sudão, que veio fazer a inspecção anual). Só lá fiquei um dia e meio, e vou certamente repetir o passeio no dia 12, a fim de ir fazer chamadas. Gostaria mais de fazer três horas de caminho de ferro para sul do que para norte; mas o Delta também é lindo. Agora, só se vê *bersim (trifolium alexandrinum)* por toda a parte. No Cairo, vêem-se todas as manhãs caravanas de camelos (carregados como carroças), que chegam, por todos os lados da cidade, para levarem daquilo às diversas estrebarias; um, entra majestosamente todas as manhãs no colégio. — Como sempre, houve uma lotaria e interlúdios suficientemente alegres, sem esquecer as clássicas sombras chinesas, em que se corta a cabeça a um senhor, com grande espanto dos mais novos. Até se incluía no programa um *Médico à força* adaptado ao árabe: qualquer aluno indígena quando fala a sua língua fica imediatamente à vontade, e ganha logo uma riqueza e uma originalidade de gestos que lhe desconhecíamos. São gestos «cá do sítio», mas são, por isso mesmo, mais divertidos. — Terça-feira gorda é dia de saída geral; como nos outros anos, aproveitei-a para ir até ao deserto a norte das Pirâmides; trouxe uma rica provisão de ouriços do mar e até duas estrelas-do-mar, sem falar num hélix apanhado em flagrante delito de se alimentar de bostas de chacal, o que não deixará de interessar profundamente *M.* Pallary. Ao longo do deserto, perto dos campos, havia uma florescência de lindos lírios de cor violeta e folhas finas como as das gramíneas, que eu não tinha notado nos outros anos. — Vi outra vez *M.* de Bélinay, quando voltou de Luxor; até dei, numa tarde, um passeio com ele, pelos bairros árabes. O filho será ordenado em Hastings, no mês de Agosto, e, depois, irá pregar uma pequena missão na Corrèze. — *M.* du Buysson voltou a escrever-me, amável como sempre, e para pedir hélices em que himenópteros tivessem feito ninho; vou ver se arranjo, mas, até hoje (i.é, desde há três anos), ainda só vi um desse género, e foi em Alexandria. Não dá lá muito ânimo para procurar. Não vos disse que *M.* Couyat, assim que chegou ao Cairo, partiu para o Alto-Egipto; há uns tempos que está em exploração entre o Nilo e o Mar Vermelho (por alturas de

Keneh), lá para os lados do Gebel Dokhan (Mons Claudianus), onde os antigos tinham as suas pedreiras de pórfiro vermelho. Faço votos por que regresse o mais brevemente possível, mas compreendo que se sinta bem onde está.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para os dois, bem como para a Guiguite, que eu gostaria de saber melhor. Não me esqueço de que, no dia 7, passa o aniversário do Albéric; pedir-lhe-ei convosco que nos abençoe a todos, e juntos repetiremos a N. S. que acreditamos que o que Ele fez, ao no-lo levar, era o melhor.

Um beijo

Pierre

59

Cairo, 27 de Março de 1908

Querido pai e querida mãe

A notícia das inesperadas melhoras da Guiguite foi para mim uma alegre surpresa; até se devem admirar por eu não vos ter manifestado mais cedo os meus sentimentos. Confesso preferir estas inesperadas melhoras mesmo a um alívio obtido em Lourdes. Assim, é mais visível a mão da Santíssima Virgem, já que não pode ser posta em causa a imaginação da Guiguite. — Como todos os anos, no dia 19 lembrei-me muito de todos vós; há já 9 anos que estamos separados, mas estou convencido, e certamente vós também, de que, em compensação, N. Senhor nos reunirá mais seguramente no céu, e não o compramos muito caro. Não tenho que vos repetir quão feliz me sinto por ter seguido o caminho em que estou, e reconhecido por me terem facilitado a entrada nele. — Vamos às notícias de cá. No dia 12, como lhes anunciei, voltei a Alexandria, para fazer umas chamadas a uns desgraçados candidatos, que me acharam, creio eu, pouco benévolo. A viagem foi muito agradável, sem os cuidados de um animatógrafo a transportar; até pude gozar de uma espécie de vista de caminho de ferro, que não é vulgar em França, por causa da disposição dos comboios. No Egipto, os furgões seguem à frente e, como os comboios rápidos não têm 3ª, é uma carruagem de 2ª, com corredor, que segue atrás; podemos, portanto, instalar-nos de maneira a ver os carris fugirem debaixo de nós e considerar uma paisagem vasta e mais ou menos fixa (apesar de recuar). É infinitamente mais agradável, e, contemplado assim, sobretudo à tarde, o Delta, com seus campos e búfalos, era delicioso. Em Alexandria, tive tempo de ir até ao porto, para ver o *Cairo* (um dos dois novos paquetes do serviço rápido); é verdadeiramente colossal, com 6 andares de camarotes, todo branco, esmagando as companhias rivais, às quais deve tirar todos os passageiros. — Não sei se a sociedade dos Oásis de Heliópolis, de que ele depende, faz tão bem os seus negócios no Cairo. Correm, acerca disso, rumores pouco favoráveis. Seja como for, uma corrida de automóveis realizada nos arredores dos «oásis», numa pista traçada no deserto, teve resultados lamentáveis. Um automóvel derrapou a grande velocidade, e caiu sobre os espectadores; vários mortos, claro. Se se tivesse desviado para o outro lado, diz-se que teriam sido as auto-

ridades, o quediva, o duque de Connaught, a sofrerem o choque. É claro que os jornais lançaram uma campanha tempestuosa contra os organizadores. — Na segunda-feira passada, voltei a ver *M.* de Bélinay; tinha deixado cá a sobrinha, *Mlle* de Viviers, cuja irmã está no Sagrado Coração, e vinha buscá-la. Constantinopla entusiasmara-o pouco; em compensação gostou muito de um passeio que démos pelos bosques de palmeiras, perto de Matarieh. Tenho pena de que o pai não o conheça: ele gosta da montanha, dos bosques, da terra, e a sua vida no seu solar da Corrèze parece-se muito com a de Sarcenat. Infelizmente, o caminho de regresso não o leva a passar por Clermont; se assim não fosse, iria levar-vos notícias minhas. — Anteontem tive de levar até Saqqarah o padre de Chabanes, que está cá a pregar a quaresma. Apesar da sua pouca novidade, a excursão não deixou de ter encanto. Num campo à beira do deserto, vi um bando de pássaros cor de café com leite, que corriam como perdigotos mas voavam duma maneira muito diferente, e cujo nome Iñés bey certamente me dirá sem dificuldade. Para dar prazer ao meu companheiro, desci à grande pirâmide de Gizé (no regresso) o que não é totalmente banal nem agradável; tem de se descer sentado num grande plano inclinado, polido pelas gerações, e subir outro não menos comprido, seguir quase de gatas por um comprido corredor, tudo isto para chegar a uma pequena sala abobadada, que exala o forte cheiro dos morcegos. O que eu não sabia era que os egípcios tinham reservado, em dois dos lados da sala, uma espécie de ranhura entre dois blocos que, repetindo-se de fiada em fiada, faz de ventilador; sem isso, a atmosfera seria irrespirável. — As minhas estrelas-do-

-mar fósseis encheram *M.* Fourtan de admiração; deve tê-las mandado para Paris, para que as determinassem. Encontrei também, no Mocatão, uns restos de grandes ouriços do mar chatos, muito interessantes, mas não consigo encontrar uns suficientemente completos. — Ontem, era o 40º dia da morte de Mustafá paxá Kamel; houve enorme afluência ao seu túmulo (todas as escolas oficiais para lá se dirigiram espontâneamente, mas sem que tivessem de desertar das aulas, como no dia do enterro, porque era feriado) e muitos discursos. Vendem-se fotografias dele mais ou menos por todo o lado. Adeus, querido pai e querida mãe, mando-lhes um beijo e rezo por vós.

Pierre

60

Cairo, 7 de Abril (1908)

Querido pai e querida mãe

Eis que o trimestre está quase a chegar ao fim, e, consequentemente, estão as férias mesmo à porta; alegra-me pensar que todos os vossos filhos mais velhos e mais novos voltarão dentro em breve para junto de vós, quase que dos quatro pontos cardiais; diz-me a mãe que Vialles será sacrificada; quererá isso dizer que irão, como outrora, passar as férias a Sarcenat, apesar da austeridade da Primavera nas montanhas? — Fez-me pena a morte do tio Joseph du Ranquet, sobretudo por

causa da Françoise, — e mais ainda as infelicidades do pobre tio Cirice; penso que os directores dele devem estar em muito má situação ou ser bastante inábeis, para se privarem de alguém que tem tanto valor moral, a não ser que, precisamente, o achem demasiado escrupuloso. — Cá no colégio, preparamos, como convém, os exames; pessoalmente, tenho sobretudo que tratar dos raros candidatos ao bacharelado egípcio (11 de Maio), tão raros que a sua partida em pouco mudará a ordem da minha vida, ao contrário dos anos anteriores; ficarão elementos suficientemente numerosos para eu continuar um curso (aliás interessante), até Julho. Entenda-se isto quanto aos filósofos. Em retórica-ciências há um (!) candidato ao exame francês, que terei de preparar até à mesma data. Provàvelmente, irei passar as férias outra vez a Miniah; desta vez, terei de trazer a *M.* Fourtan um corte geológico, em regra, da muralha arábica, o que será um trabalho interessante; escrever-lhes-ei certamente antes de partir. Até lá, continuo a bater o Mocatão, à cata dos meus grandes ouriços do mar chatos, dos quais já tenho uns fragmentos maiores, mas ainda nada satisfatórios. Anteontem, voltei com um saco cheio... de excrementos de camelo povoados de grandes lagartas lívidas, de que mandei imediatamente uma caixa ao P.e de Joannis. À Guiguite interessará saber que agora ando à procura de toda uma família de *lasiocampa* do deserto. Recomecei a fazer excursões com Iñés bey. Entre outros insectos interessantes, vi pela primeira vez vivos uns *Belostoma*, enormes percevejos de água, duas ou três vezes maiores do que um *hydrophilus Picens.* — Amanhã à noite, vou assistir à 2ª sessão da Sociedade Entomológica do Egipto, de que conheço quase todos os

membros; falar-lhes-ei disso na minha próxima carta; ontem, fui a uma sessão do Instituto Egípcio, em que houve um relatório bastante curioso acerca de uma violenta tempestade que causou estragos no Delta, de 25 a 28 de Janeiro A temperatura mínima não passou dos 3º, mas o vento e a chuva contínuos e talvez também outros factores desconhecidos provocaram a morte de milhares de carneiros (em pastagem) e de alguns felás. — *M.* Couyat não tardará a aparecer no horizonte do Cairo; escreveu-me de Assuão, onde está de regresso da sua expedição. O pior de tudo aquilo foi que apanhou uma oftalmia bastante grave, mas de que parece estar curado, a julgar pelo tom com que fala dela. Enfim, terei muito gosto em voltar a vê-lo. Respondendo às perguntas do pai: o *bersim* é consumido em toda a sua verdura, e o que não é trazido para a cidade é comido no próprio sítio, pelos animais. No Verão, pelo menos no Cairo, os cavalos e as mulas alimentam-se de palhada. — Nunca cá vejo flamingos; nem mesmo os vi no Mariut, onde, no entanto, são comuns, tal como sobretudo no lago Menzaleh (Port-Said). Quanto aos pássaros amarelos das Pirâmides, são efectivamente *Cursoiens Gallicus.*

Acabo, desejando-vos uma Páscoa feliz e alegre. Os matulões estarão certamente aí, para apanharem ovos. Dar-lhes-eis um beijo meu. Mando-vos um beijo e rezo por todos.

Pierre

61

Miniah, terça-feira de Páscoa
(fins de Abril de 1908)

Querido pai e querida mãe

Por não vos ter escrito antes de deixar o Cairo, eis-me um pouco atrasado; mas, agora, têm convosco os vossos rapazes, e a presença deles levar-lhes-á a não reparar nas irregularidades da minha correspondência. — Eis em primeiro lugar uma vista de olhos sobre as duas últimas semanas da Quaresma. Tinha-vos deixado na notícia de uma sessão da Sociedade Entomológica do Egipto. Realizou-se, e foi tão interessante como familiar; depois da leitura de uma memória sobre os insectos do deserto, pusemo-nos a conversar e, como não faltam membros simpáticos, foi muito bom. À Sociedade nascente não faltam os encorajamentos de sábios de todos os cantos da Europa, nem os seus oferecimentos de serviços (interessados?...); o que faz estar no Egipto! Temos de reconhecer que a situação geográfica e os desertos fazem desta terra um objecto de estudo, ou, melhor, um terreno pouco vulgar. Todavia, para provar à Guiguite que as raridades são uma coisa muito relativa, dir-lhe-ei que um dos grandes acontecimentos entomológicos do mês passado foi a captura de um *malthinus* (insecto afim dos teléforos, pequeno, mole, negro, com uma mancha amarela, em crescente, na extremidade de

cada élitro). Acrescento que é, por enquanto, o único *malthinus* do Egipto, e de uma espécie nova; mas apesar de tudo, a captura faz uma figura muito triste. — *M.* Couyat regressou finalmente do deserto, onde passou três meses sòzinho. Trouxe uns caixotes de rochas que ainda não vi, um número suficiente de hipóteses, e algumas cabeças de cabritos-monteses (...*Sinaiticus*), animal que os cães apanham fàcilmente. Por enquanto, está a pôr as suas coisas em ordem, e a tratar duma oftalmia que apanhou em Assuão. — A Semana Santa não me deu muitas preocupações; continuei a dar quase regularmente as minhas aulas às classes superiores, e, desta vez, já não me cabia o cuidado dos ofícios. — Finalmente, no Sábado Santo à noite desembarquei sòzinho em Miniah. Só amanhã me chegará um companheiro entomologista, que será um precioso auxílio. — É claro que o Alto-Egipto não é totalmente a mesma coisa em Abril e em Janeiro. Antes de mais, há três dias que o termómetro ultrapassa pelo menos os 32° dentro de casa (no fundo, talvez aconteça mais ou menos o mesmo no Cairo; cheguei num período de vento sul); e depois, em lugar da verdura opulenta do Inverno, vêem-se sobretudo vastos campos em que amarelece um trigo de espigas pequenas e cheias; é poético, mas menos fresco. No dia de Páscoa não me mexi; simplesmente, de manhã, mandaram-me pontificar, como subdiácono, na missa solene; creio que a mãe teria estremecido. Era uma missa consular, a que o cônsul da França (porque há um em Miniah, e é um excelente corso a valer) assistia, em fato de cerimónia. Não sabem talvez que, nestas circunstâncias, lhe levamos o Evangelho a beijar; geralmente, orgulham-se com a distinção. — Ontem, hoje,

e com certeza amanhã também, tem sido este o meu horário: de manhã, das 7 ao meio-dia, excursão à montanha arábica da outra margem do Nilo; à tarde, repouso. Em duas vezes, quase que já estabeleci o corte geológico da falésia, e apanhei um número suficiente de fósseis. Esperemos que isto continue bem. Entre outras ocupações das minhas tardes, posso observar as bananeiras do jardim, que estão em pleno crescimento; como há cerca de 20 pés e os cachos se sucedem durante quase todo o ano, vêem-se cachos em todos os estádios, o que é bastante curioso. Sabem que, com o cacho, se corta a bananeira; mas como cada pé tem sempre vários rebentos, ela é ràpidamente substituída.

Recebi todas as vossas cartas; entristeceu-me a morte da minha tia Blanche de Félig.; em compensação, alegrou-me, claro está, o lugar que o tio Cirice arranjou. — Escrever-lhes-ei quando regressar ao Cairo; terão percebido, ao ler esta carta, que a escrevi um tanto ou quanto às três pancadas. Isso não me impede de rezar por todos vós, nem de ter muitas saudades vossas. Muitas saudades aos rapazes, se ainda estiverem por aí.

Um beijo

Pierre

62

Cairo, 5 de Maio de 1908

Querido pai e querida mãe

Contava eu escrever-lhes assim que chegasse de Miniah, e eis-me com uma semana de atraso; é que, logo

que cheguei, fui tomado por uma série de aulas a preparar, que não me deixaram nenhum tempo livre: dentro de uma semana, os candidatos egípcios fazem os seus exames; e, além disso, tenho de acabar o mais depressa possível o programa dos retóricos-ciências, por causa do candidato francês; finalmente, há um grupo inteiro de filósofos-ciências, futuros engenheiros ou médicos, a quem se tem de dar mais umas coisas de física e de química, além de botânica. Mas esta carga de trabalho despachar-se-á tão depressa, dada a brevidade do trimestre, que não assusta muito. — O fim da minha estadia em Miniah foi tão feliz como o princípio; todos os dias, sem excepção, atravessei o Nilo para ir até à montanha, mas só uma vez fora de Miniah, em Malawi, mais ao sul. Aliás, nunca nenhuma excursão me foi tão facilitada como nesse dia. Um aluno de cá, cuja família é uma das mais importantes da região, esperava-me na estação, com montadas e víveres. Coube-me um magnífico burro, que trotava tão depressa como um cavalo; no Nilo, estava um barco à nossa espera. Em tais condições, depressa chegámos ao deserto; tal como em Miniah, a margem direita é constituída por uma língua de terra cultivada, cheia de tamareiras, bruscamente limitada pela areia. A falésia é menos alta do que em Miniah, e rasgada por vários *ouadi* que vão dar a planícies arenosas. Fiz um corte aproximativo daquilo, apanhei um número suficiente de ouriços do mar, e depois, como o calor aumentava, abrigámo-nos numa gruta, resto de uma pedreira egípcia. Aí apareceram os víveres, constituídos por um cordeiro inteiro, recheado de arroz, de pombos recheados da mesma maneira, e de muitas outras coisas. Felizmente que estavam lá os árabes para

nos ajudar. Só um copta cismático, ainda em Quaresma, se obstinou em não querer sequer tocar em pão, se por infelicidade este lhe era oferecido por mão que o contacto da carne manchara. Esse bom copta, guarda *(gafir)* do serviço das antiguidades na região, estava armado de uma espingarda de pistão, que carregava com grandes balas redondas; são armas que eles não deixam de usar, quando necessário. — Em resumo, fui bastante feliz nas minhas pesquisas no Alto-Egipto. Ao todo, trouxe cerca de 6 espécies completamente novas de ouriços do mar; publicar-se-á uma nota acerca disso, num futuro mais ou menos próximo. Talvez se lembrem ainda de que, no ano passado, lhes contei que tinha encontrado o esboço de um colosso egípcio; ontem, tive ocasião de falar nisso a uma pessoa do museu das antiguidades, que me pareceu ter ficado muito interessada. Estou em crer que a coisa não tinha sido ainda assinalada, como me tinham dito, um tanto ou quanto ao acaso. — No deserto de Miniah, encontrei velhos conhecidos: uns *oedicnemes*. Isto não deixou de me lembrar as praias do Allier. — O calor muito intenso da Páscoa acabou na sexta-feira de Páscoa, com um grande vendaval e chuva diluviana no Cairo; agora, temos o bom tempo do costume. *M.* Couyat voltou para Paris, com muitos dos meus cristais; se o Biel for até aos laboratórios do *Muséum* (mineralogia), poderá encontrá-los lá. — Eis as notícias principais. A mãe talvez goste de saber que terei de dizer uma palavrinha a alunos de Matarieh, no dia 27, a quando de uma romagem de congregação. Confesso que gosto mais de dar uma aula do que de fazer um sermão, e, no entanto, terei de me habituar a isso, e sempre temos de fazer alguma coisa por amor da Santíssima Virgem. — Penso que, agora, terão miosótis, primaveras, cucos e uma Nossa Senhora, pelo mês de Maria, numa mesa redonda, e talvez que também os jarros de louça azul com cabeças de carneiro.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para os dois, bem como para a Guiguite, que não levará a mal eu não lhe escrever hoje. Obrigado pela aguarela dela, que localizei antes de qualquer explicação.

Pierre

63

Cairo, 19 de Maio de 1908

Querido pai e querida mãe

Finalmente, chegámos ao período dos bons calores egípcios. No domingo, tivemos cerca de 40º, e desde então o termómetro tem ultrapassado notàvelmente os 30º, todos os dias. Com isto, as acácias *libester* logo ganharam novas folhas, e estão-se a cobrir com as suas flores em cachos, muito bem cheirosas. Apesar das facilidades mínimas que resultam para as excursões, gosto bastante desta época, e a mãe não tem que recear que este tempo me canse. Os acontecimentos da quinzena são os seguintes: primeiro, os candidatos egípcios fizeram os seus exames escritos. Os resultados só se saberão daqui a uma semana, mas os interessados estão com um ar bastante contente, o que, confesso, não passa de um medíocre motivo de esperança. — Depois, na se-

gunda-feira passada, fiz uma comunicação ao Instituto Egípcio acerca da constituição geológica da montanha de Miniah. Mando-lhes junto, para os divertir, um relatório bastante enfático da sessão, honrada por uma assistência extremamente modesta, pelo menos quanto ao número. A parte interessante era sem dúvida o trabalho de *M.* Fourtan sobre os meus ouriços do mar: afinal, havia 8 espécies novas (das quais uma *Teilhardi*, evidentemente) constituindo 2 delas géneros novos. Estão a ver que, no Egipto, ainda temos com que nos entreter. Tudo isso será impresso, e certamente o irão ver; mas as memórias do Instituto Egípcio são célebres pela demora da sua publicação. Como vo-lo indica o corte do jornal, *M.* Maspero falou; e, na verdade, é uma música ouvir aquele homem falar. — No domingo passado, finalmente, fiz em Matarieh o sermão, cuja iminência vos anunciara na minha última carta; correu tudo muito bem, e com isso ganhei uma manhã no campo, em dia de muito calor. — Agora, prevê-se para o dia 31 a festa do P.e Reitor, e o início dos exercícios para prémio. É o fim das aulas regulares, e, aliás, muitas crianças começam a partir para a Síria ou para Alexandria, à procura do fresco. — Apesar de todos os aborrecimentos inerentes, felicito o pai por ter guardado o seu «lugar» em Orcines. Quanto a zangas entre gente do mesmo partido, creio que o Oriente é a região privilegiada delas. Neste momento, os coptas discutem entre si, e o Patriarca teve de ser convocado por Roma num dia destes; felizmente que Pio X tem ar de ser um homem forte, que não hesitará em repor as coisas em ordem. — Numa ordem de coisas diferentes, correm por cá rumores pouco tranquilizadores acerca da disposição dos indígenas no Sudão; parece que se activam abastecimentos. Mas o ambiente está favorável aos boatos. — Entretanto, no Cairo, começa-se a andar furiosamente de patins; creio que o recinto de patinagem ainda não é muito maior do que o terraço de Sarcenat, e, todavia, os fanáticos são muitos, a julgar por todos os alunos que contam as suas proezas. Não era a *miss* Beveridge que dantes nos treinava nesse desporto?

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo. Eis que chega o mês do Sagrado Coração; como a família tem muitos motivos para se crer particularmente consagrada a ele, não vos esquecerei. — Se ao menos N. D. du Port pudesse restituir as pernas à Guiguite...

Pierre

64

Cairo, 9 de Junho de 1908

Querido pai e querida mãe

Creio que mais uma vez vos escrevo com um certo atraso; as vossas cartas, pelo contrário, chegam-me sempre com a maior regularidade. Estas últimas semanas foram assinaladas por grande número de festas ou de «regulamentos» extraordinários, regime que só acabará com o fim do ano. Há dez dias, foi a festa do P.e Reitor, com as habituais ofertas de carneiros, vinho e macarrões, e o banquete oferecido ao corpo docente; anteontem, pelo Pentecostes, realizou-se a Primeira Comunhão;

e, além disso, temos os múltiplos exercícios para prémio, que chegam mesmo a propósito para se mandar os internos tomarem ar, duas vezes por semana, a Matarieh. Isto não é demais em certos dias; tivemos um fim de Maio muito quente, e no dia 28 houve 42° perto do Cairo; normalmente, nestes últimos tempos, o máximo tem oscilado entre os 33° e os 35°. Mas há quase contìnuamente vento norte, que o colégio apanha em cheio e que, em suma, torna todo o calor muito pouco incómodo. No dia seguinte à festa do P.e Reitor, fui como de costume passar um dia ao deserto por detrás das Pirâmides. Creio já vos ter dito que a duas horas destas há um maciço de greda muito interessante, sem falar na paisagem branca e melancólica, com um sabor estranhamente desértico. A Guiguite não saberá sem estremecer que, nos maciços de vegetação semeados de longe em longe, se podem apanhar mílabres, grandes *julodis*, e, escondidos perto, na areia, grandes carochas lustrosas negras com manchas brancas, grafípteros e *anthia*. — Encontrámos uma manada de camelos, especialmente interessante graças à presença de numerosos camelos novos; estes são muito engraçados; com aquela lã desgrenhada e aqueles olhos de um negro-brilhante, têm um ar ingénuo e muito amável. Como despojos palpáveis do deserto, trouxe uma série de amonites em óxido de ferro, que constituem, no Egipto, algo de novo. Infelizmente, com certeza que só o género será mais ou menos determinável. Estavam no fundo de uma cova de areia, que o vento tinha descoberto o suficiente para deixar ver algumas delas. — Os resultados dos exames egípcios já sairam; metade dos nossos candidatos passou, com boas classificações, o que, em seis, não é grande maravilha; houve um infeliz que

conseguiu chumbar na oral, o que é um azar excepcional. Daqui a quinze dias será a vez do bacharelado francês. — Continuo a encontrar-me, bastante frequentemente, com Ifiès bey e outros entomologistas; além disso, vários alunos do colégio começam a dar provas de um zelo afincado. Neste momento, as pesquisas dirigem-se universalmente para os bosques de acácias, cujos ramos novos são pasto de numerosos clérides ou bóstricos do maior interesse. — Penso com alegria, por vós e pelos rapazes, que o ano da *Centrale* está a chegar ao fim. Oxalá o Joseph passe no exame. O encontro do pai com *M.* Glangeaud divertiu-me muito. Por que não entra o Biel em contacto com ele? Isso valer-lhe-ia informações e excursões interessantes.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para os dois, bem como para a Guiguite e para os rapazes, quando chegarem. Bem sabem que, sobretudo durante este mês, rezo por vós.

Pierre

65

Cairo, 10 de Junho de 1908

Querido pai e querida mãe

Ontem à noite, mesmo logo a seguir a ter-lhes enviado a minha carta, soube que alguém de cá, o P.e Lam-

mens [41], vai passar uma temporada a Royat! Claro que lhe pedi que vos fosse dar notícias minhas, e será ele a entregar-vos esta carta. É um orientalista distinto, que poderá fornecer ao pai uma série de dados sobre o Islão (na medida em que isso lhe interessar). Em compensação, creio que, se lhe puderem dar uns dados úteis para passar o tempo em Royat da maneira mais interessante possível, lhe prestarão um bom serviço. — Se tivesse tido tempo, teria preparado uma encomenda de alguns insectos para a Guiguite e de algumas pedras para o Biel (não ouso acrescentar que para o Yéyé também, porque talvez ficasse pouco lisonjeado com a atenção, e certamente preferiria uns cigarros); ao fim e ao cabo, talvez seja melhor levá-los eu próprio, este ano ou para o próximo (continuo sem saber *absolutamente* nada acerca do meu destino futuro).

Um beijo.

Pierre

66

Cairo, 26 de Junho de 1908

Querido pai

Escrevo à mãe pelos anos dela; a carta oficial será

[41] Padre Henri Lammens, que nasceu em Gand a 1 de Julho de 1862, e entrou no noviciado de Ghazir (Missão da Síria); autor de numerosas obras e memórias científicas sobre o Islão e o Próximo Oriente. Foi durante dezanove anos professor na Universidade de S. José de Beirute, onde morreu a 24 de Abril de 1937.

pois para si, e, aliás, não lhe levará qualquer grande notícia excerta destes últimos quinze dias. Foram suficientemente preenchidos, mas sem acontecimento de realce. Continuamos a viver em alternativas de calor (caracterizado por um máximo próximo dos 39°, pouco mais ou menos) e de frescura (máximo à volta dos 32°), cada uma das quais dura cinco ou seis dias. O P.e Lammens, que certamente já viram, deixou-nos durante um período quente, e ter-lhes-á falado dele sem entusiasmo. Mas não devem esquecer que as noites são frescas. Recentemente, os nossos colegas do ano passado acusavam, de Hastings, 4° por uma manhã de Pentecostes, e mostravam, sem rodeios, saudades do clima do Egipto. — Todos os dias recebemos cá o boletim do serviço metereológico inglês, que indica as temperaturas desde Alexandria até para lá de Fachoda (hoje Kodok). É curioso ver isso. As temperaturas mais altas atingem-se em Assuão ou Wadi-Alfa (45°, 48°), nas regiões desérticas. — Em Alexandria há, muitas vezes, menos 8 ou 10 graus do que cá, mas a humidade de lá é muito difícil de suportar. — Mexi-me relativamente pouco, nestes últimos tempos; no entanto fui dar uma volta pelas pedreiras do Mocatão, que me valeu o voltar carregado com uma vértebra de baleia, maior e mais bem conservada do que as que tinha apanhado antes, ou, sobretudo, vislumbrado, já que a extracção é em geral impossível. *M.* Fourtan pareceu manifestar uma certa consideração por ela; uma visita que lhe fiz fez as vezes de outro passeio, e foi menos quente. Em casa dele, pude considerar com respeito uns ouriços do mar, que acabam de ser trazidos das regiões do Darfur. — Bem entendido que continuámos, com os neófitos da entomologia, a bater as acácias

com perseverança, mas sem encontrarmos novidades. Os famosos *lasiocampa acaciae* estão a tornar-se desesperadamente vulgares. — Quando vos escrever a minha próxima carta, estaremos muito perto da distribuição dos prémios. Este ano, faremos o nosso retiro de oito dias em fins de Julho, antes de partirmos para Alexandria; penso que, nessa altura, e talvez sem esperar pelo 15 de Agosto, começarei a prever o meu destino para o ano que vem. Por enquanto, ainda nem sequer deve estar decidido; não ouso dar-lhes esperanças. — Um pormenor que caracteriza esta terra: estou a dar botânica a um grupo de alunos; ora, quado chego às criptogâmicas, é o cabo dos trabalhos para arranjar alguns tipos: não há cogumelos (claro que não falo nos bolores), nem fetos, e para arranjar alguns musgos vou a um *sakieh*, para lá de Matarieh. Há todavia por cá, nos fossos, umas *marsilia*, género de plantas que o pai talvez conheça e que se assemelham muito mais a um trevo de 4 folhas do que a parentes próximos dos fetos. A vegetação dos «castanheiros», por exemplo, vem-me à memória como algo de luxuriante.

Adeus, querido pai, um beijo para si e para toda a rapaziada que já aí está; de facto, já devem estar todos, com excepção do Gonzague.

Pierre

67

Cairo, 19 de Julho de 1908

Querido pai e querida mãe

Eis que vos escrevo com uma semana de atraso; queria fazê-lo no princípio desta, e, afinal, múltiplas ocupações, de ordem muito diversa, adiaram-me o projecto até hoje. Antes de mais, houve, na quarta-feira, a distribuição dos prémios, precedida, nos dias anteriores, pela classificação e escolha dos livros que se devia dar a cada um, o que leva bastante tempo. A distribuição em si não ofereceu nenhum aspecto particular; faz-se nos pátios, ao ar livre, à sombra de alguns toldos com desenhos geométricos multicores, que decoram qualquer festa árabe. O momento mais curioso da cerimónia é mesmo no fim, quando os assistentes começam a retirar-se. Sobem então ao estrado pedinchões de toda a espécie; estou ainda a ver um miúdo copta, designado pelo infeliz nome de Jean Gress, a aproximar-se, empurrado pela irmã mais velha, com uns olhos de fazer pena. Não compreendia, como muitos, que nem toda a gente recebesse uma recompensa nesse dia de alegria; consolei-o com um alfabeto de muitas cores. Outros, queriam um livro por uma aprovação, etc. E punham-se a chorar. Coisa curiosa: fazem grande caso das coroas de papel. Quanto ao meu fim de semana, foi tomado por 2 excursões: multiplico-as de propósito, porque não estou tão certo como o pai de que

a minha sorte, para o ano que vem, não será calcorrear as falésias de Hastings. Da primeira vez, fui até às ondulações pedregosas que a antiga estrada de Suez atravessa. Tornei a ver um casal de *certilanda desertorum*, o menos medrosos possível, e encontrei uns pequeníssimos insectos mirmecófilos, que vira pela primeira vez no ano passado, e que é sem dúvida uma nova espécie (a respeito, há mais um novo ouriço *plagiocidaris Teilhardi:* foi o nome que deram a uma espécie trazida, neste Inverno, de Abu-Roach). O supradito insecto tem vagamente essa forma e vive, em grupos, nos restos de insectos amassados pelas formigas. — Ontem, fui ao *ouadi* de Hef, que serpenteia por um profundo desfiladeiro, através do maciço de montanhas ao norte de Heluão. Em minha opinião, é a mais bela região dos arredores do Cairo. Subimos um leito seco, perfeitamente alisado pelas chuvas torrenciais do Inverno, entre altas montanhas em forma de mesetas, que, muitas vezes, acabam, por cima do *ouadi,* em falésias a pique. No *ouadi,* a flora é relativamente variada. Tornei a ver um pé de uma espécie de pequena alcaparra muito vulgar em Miniah, o qual, coisa curiosa, estava coberto de esplêndidas crisálidas cor de fogo. Arranjei uma provisão delas para *M.* du Buysson. Mas pergunto a mim mesmo por que é que esses insectos, que geralmente só encontramos isolados, se tinham reunido naquele tufo. Os detritos deixados pela água forneceram-me três interessantes espécies de conchas, talvez trazidas de longe, porque nunca as vi vivas. Havia também umas pegadas de sáurio, cujas patas deixam impressões de mão de criança; mas é difícil encontrar esses bichos. — Eis agora quais vão ser as minhas ocupações durante um mês: na quarta-feira,

começamos o nosso retiro, que acabará no dia 31. Depois, a partir do dia 3, férias em Alexandria. Depois...?

Escrever-vos-ei no princípio de Agosto. Até lá, não deixarei de rezar por todos.

Adeus, querido pai e querida mãe, um beijo para os dois, bem como para a Guiguite, para o Biel, para o Yéyé, para o Joseph e para os de Marneffe.

Pierre

68

Sidi-Gaber, 6 de Agosto de 1908

Querido pai e querida mãe

Antes de mais, continuo sem saber nada do meu destino para o ano que vem: será promulgado no dia 15, e é claro que, de qualquer maneira, vos escreverei mesmo nesse dia. Posto isto, já vêem, pelo cabeçalho, que estou de férias pela 3ª vez; escrevo-lhes de diante desse muito belo, embora um pouco banal, Mediterrâneo, e ainda tenho uns dez dias para contemplá-lo. Tal como lhes anunciava, os últimos tempos no Cairo foram salutarmente preenchidos pelo Retiro, tempo mais útil do que divertido. Não vos esqueci, nem a uns nem a outros, nem tão-pouco à nossa Loulou, cujo aniversário acaba de passar. — Ao sair destes austeros dias, tomámos alegremente o caminho de Alexandria, e aqui as horas passam-se prazenteiramente, porque somos uns poucos que já nos conhecemos há muito tempo. Há sobretudo

um jovem P.e Soury-Lavergne, que cito porque, como a família dele é enorme e habita os arredores do Planalto Central, talvez o pai conheça o nome. Ele vai tomar no fim do mês um paquete para Madagáscar, no que acho que tem sorte. — À falta de fósseis, que não há de todo, apanho conchas para o Pallary, mas não à beira-mar. Esquadrinho os canaviais e as águas salobras do Mariut, com grande estrago de fatos, e, para esses lados, já apanhei duas espécies, que no ano passado me tinham escapado. — Ontem, pude ir até à minha região predilecta, i.é, ao deserto mareótico, a oeste de Alexandria. Desta vez, fui até Hammam, mais ou menos a 60 quilómetros, no inefável comboiozinho do Quediva. Creio ter-vos dito, no ano passado, quão diferente este deserto é do do Cairo. Em primeiro lugar, os beduínos, homens com pequenos *fez* e albornozes brancos, mulheres com a cabeça envolta numa espécie de turbante multicor e com cintura de filigrana, parecem muito mais algerianos do que asiáticos. Quanto à paisagem, nesta época em que a cevada foi arrancada da terra arranhada pelas charruas, é absolutamente melancólica. Algumas tendas, alguns edifícios na vizinhança das estações, e, a perder de vista, um terreno pedregoso, ondulado, semeado de tufos redondos, verde escuro, de uma espécie de alecrim. É para esses lados que se encontra o antigo convento de S. Menas que o pai certamente conhece de nome. — Nessa excursão, apanhei sobretudo um lindo caracol que não conhecia, e diversos coleópteros apanhados debaixo das pedras. — Na Primavera, quando há flores, devem abundar os insectos, tal como o testemunham os élitros de duas espécies de *julodis*. Nesta altura, há só blapses, *akis*, *pimelia*, *stenopsis* e curculionídeos. A fauna é muito

mediterrânica, menos africana do que no Cairo. Mas ao menos, varia. Para saber o valor do que apanhei, tenho de esperar até voltar a ver as colecções do Cairo. — Recebi esta manhã uma carta do Robert du Buysson; entre outras coisas, conta-me a admiração do irmão dele pelas investigações do Biel. — E agora, adeus, até à minha próxima carta, daqui a oito dias, que acabará com todas as dúvidas. Um grande beijo para ambos, bem como para a Guiguite e para os rapazes.

Pierre

ÍNDICE

Introdução 7
Cartas 11